

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
MUSEU AMAZÔNICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

JUCÉLYA SUELLEN PEREIRA DA SILVA

**QUEBRANDO O SILÊNCIO:
Violência conjugal no contexto da Igreja Adventista de Manaus.**

MANAUS – AM

2018

Jucélya Suellen Pereira da Silva

QUEBRANDO O SILÊNCIO:

Violência conjugal no contexto da Igreja Adventista de Manaus

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientador: Professor Dr. Sidney Antônio da Silva.

MANAUS – AM

2018

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S586q Silva, Jucélya Suellen Pereira da
Quebrando o silêncio: violência conjugal no contexto da Igreja Adventista de Manaus / Jucélya Suellen Pereira da Silva . 2018
125 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Sidney Antonio da Silva
Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas.

1. violência doméstica. 2. violência conjugal. 3. projeto quebrando o silêncio. 4. igreja adventista do sétimo dia. I. Silva, Sidney Antonio da. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

Jucélya Suellen Pereira da Silva

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Sidney Antônio da Silva – PPGAS/UFAM

Prof^a Dra. Raquel Wiggers – PPGAS/UFAM

Prof^a Mariana Pelizer de Albuquerque – PPGPSI/UFAM

MANAUS – AM

2018

A todas as mulheres. Pela força, coragem e resiliência.

AGRADECIMENTOS

Fazer pesquisa em tempos tão obscuros como o que o nosso País tem passado é desafiador. Agradeço, então, a CAPES pela concessão da bolsa ao longo do mestrado. Definitivamente eu não conseguiria desenvolver nenhuma pesquisa sem esse auxílio, tendo em vista as reviravoltas que a minha vida deu no ano de 2017.

Agradeço a todos os professores e professoras do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, por contribuírem com minha formação como pessoa e como profissional/intelectual. Saibam que cada disciplina, cada atividade foi de extrema importância.

Meu agradecimento especial, ao Prof. Dr. Sidney Silva, pelas orientações e paciência. Devo dizer que para mim foi um privilégio desenvolver essa pesquisa com alguém como você, que sabe ouvir, que sabe podar as ideias mirabolantes sem julgamentos ou imposições. Obrigada professor, de coração.

Grata também pelas Professoras Raquel Wiggers e Mariana Pelizer por aceitarem compor a banca examinadora e mais do que isso, contribuírem para as reflexões deste trabalho.

Sou grata pelos encontros de alma que esse mestrado me permitiu. Nós, com nossas histórias, nos aproximamos, a cada nova disciplina. Primeiro com Romy, que foi/é mais do que colega de turma, mais do que amiga. Uma mãe no sentido mais extenso da palavra. Rô, de você, recebi amor demonstrado de tantas formas. Obrigada por sempre estar tão disponível em contribuir, em ouvir, em aconselhar; grata a você também Luiza. Compartilhando o mesmo orientador passamos a compartilhar nossas vidas uma com a outra. Risada boa e garantida. Obrigada pelo incentivo nessa caminhada e por oferecer sua casa para nossos momentos de partilha e reencontro; agradeço, ainda, a companhia partilhada com Dani, especialmente na fase final do mestrado. Obrigada por me receber na sua casa e pelas conversas descontraídas nos intervalos da escrita; Jeivi, a você também sou grata pelos momentos compartilhados. A todas vocês, meninas: muitíssimo obrigada. Vocês são mulheres incríveis!

Minha gratidão se estende agora a vocês, Ing e Angel. Embora residindo em lugares longínquos, tão presentes na minha vida e há tanto tempo. Sou feliz em tê-las como amigas. Obrigada por me ouvirem/lerem em tantos momentos. Amo vocês.

Minha querida família, obrigada por tudo que vocês fizeram por mim. Mãe, meu amor.... Obrigada por cozinhar pra mim enquanto eu tinha que estudar e escrever os trabalhos das disciplinas, obrigada por acreditar que eu posso ir sempre além. Pai, a você também agradeço por sempre providenciar meus almoços e lanches nessa fase final de escrita. Irmãos, obrigada por acreditarem nos meus sonhos, especialmente você, Jon. Tudo o que não disse de maneira audível faço agora nessa escrita: obrigada por aguentar as pontas, por entender os meus momentos. Definitivamente sem vocês as coisas seriam bem difíceis.

Ivone, obrigada por sempre atender minhas solicitações quando eu precisei de livros ou quando precisei entrar em contato com o pastor.

Aos irmãos de fé, também agradeço. Irmão Rosan, por me presentear com o livro sobre a história do adventismo em Manaus. Mulheres do Ministério da Mulher, obrigada por me darem acesso.

Por fim, meu agradecimento especial, a Débora, Abi, Marta e Abigail. Obrigada por compartilharem comigo suas histórias.

RESUMO

Discussões com relação à violência contra mulheres cresceram nos últimos anos em decorrência dos movimentos feministas e da promulgação da lei 11.340 de 2006 – Lei Maria da Penha. Mas é relativamente nova a discussão em torno da violência doméstica a mulheres cristãs levando em consideração os parâmetros de conduta estabelecidos pela igreja e a falta de uma teologia voltada para o enfrentamento desse problema. Este estudo teve como objetivo compreender como as mulheres adventistas lidam com a violência conjugal levando em consideração o Projeto Quebrando o Silêncio.

PALAVRAS-CHAVE: *violência doméstica, violência conjugal; igreja adventista do sétimo dia; projeto quebrando o silêncio.*

ABSTRACT

Discussions related to violence against women have grown in recent years as a result of feminist movements and the promulgation of the 11. 340/2006 - Maria da Penha' s law. But it is relatively new the discussion about domestic violence to Christian women, taking under consideration the conduct parameters established by the church and the lack of a theology aimed at coping with this problem. This study aimed to understand how Adventist women deal with marital violence taking into consideration the Project breaking the silence.

Keywords: conjugal violence, Seventh - day Adventist church, Project breaking the silence.

LISTA DE SIGLAS

Igreja Adventista do Sétimo Dia – IASD
Igreja Assembleia de Deus – IEADAM
Universidade Federal do Amazonas – UFAM
Serviço de Proteção ao Índio – SPI
Fundação Nacional do Índio – FUNAI)
Ministério da Mulher – MM
Associação Amazonas e Roraima – AAmaR
Associação Central Amazonas – ACEAM
Área Feminina da Associação Ministerial – AFAM

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 12

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 1 – CAMINHOS DA PESQUISA E OUTRAS OBSERVAÇÕES | 15 |
| 1.1. A ESCOLHA DO TEMA | 15 |
| 1.2. REFLEXÕES METODOLÓGICAS | 18 |
| 1.3. REFLEXÕES SOBRE O CAMPO..... | 22 |
| 1.4. DIFICULDADES E SUPERAÇÕES..... | 25 |
| 1.5. O QUE DIZEM OS QUESTIONÁRIOS | 29 |
| CAPÍTULO 2 – A IGREJA ADVENTISTA EM MANAUS | 35 |
| 2.1. OS CULTOS ADVENTISTAS: domingo, quarta e sábado | 41 |
| 2.2. RITUAIS ADVENTISTAS: Batismo e Lava pés e Santa Ceia..... | 44 |
| 2.3. PROJETO “QUEBRANDO O SILÊNCIO” | 53 |
| 2.4. MATERIAIS DE APOIO..... | 54 |
| 2.5. O SÁBADO ÊNFASE: Como acontece na prática..... | 58 |
| 2.6. SERMÕES DO DIA ÊNFASE: 2009, 2010, 2012 e 2015 | 62 |
| 2.7. AS PASSEATAS | 72 |
| CAPÍTULO 3 – A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA | 79 |
| 3.1. AS MULHERES ADVENTISTAS E A VIOLÊNCIA DOMÈSTICA..... | 82 |
| 3.2. RELATOS DAS MULHERES ENTREVISTADAS | 85 |
| 3.3. O QUEBRANDO O SILÊNCIO SOB O OLHAR DAS MULHERES..... | 100 |
| 3.4. A QUESTÃO DO SACRIFÍCIO | 102 |
| 3.5. LIMINARIDADE FEMININA | 105 |
| 3.6. REFLEXÕES SOBRE O SILÊNCIO | 107 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 111 |
| ANEXO | 116 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 118 |

INTRODUÇÃO

É dia de ir à Igreja. A família constituída por pai mãe e filhos está pronta para participar de mais um culto. Ao adentrarem as portas da congregação, saúdam e confraternizam-se com os demais irmãos. Sorrisos, abraços e apertos de mãos parecem evidenciar que todos estão felizes. Mas os hematomas que estão no corpo daquela mulher foram feitos por seu cônjuge minutos antes de saírem de casa. Apenas não estão à mostra.

Essa pequena ilustração embora seja fruto da imaginação não é de todo fantasiosa. Os resultados da pesquisa da Fundação Perseu Abramo em parceria com o Sesc (2010) revelam que 80% dos casos de violência doméstica são cometidos pelo parceiro, seja ele o namorado, o ex ou o cônjuge e que a cada 2 minutos, cinco mulheres são espancadas no Brasil.

Outra pesquisa, encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública revelou que 26% das mulheres entrevistadas disseram ter sofrido algum tipo de agressão. No entanto, apenas 11% denunciaram.

Se por um lado as mulheres estão mais informadas (o que de certa forma, em muitos casos, resulta na formulação de um boletim de ocorrência por elas), e apesar de haver certo acréscimo nos esforços em coibir a violência, muitos atos violentos do cotidiano não alcançam a luz pública.

No caso a ser averiguado por essa pesquisa de mestrado, a Igreja Adventista do Sétimo, sendo uma religião que utiliza a Bíblia como princípio estabelecedor de sua regra de fé apresentam princípios que, sob uma dada interpretação podem significar a reprodução de uma visão androcêntrica, onde o papel de homens e mulheres é especificado e guiado pelos textos bíblicos.

Nos primeiros capítulos do livro de Gênesis, por exemplo, vemos a seguinte situação: a ele é atribuído a função do *prover, proteger e amar* (Cf. Gênesis 2. 15 -17) enquanto que para ela cabe a responsabilidade de ser *auxiliadora* (Cf. Gênesis 2. 18) e *consoladora* (Cf. Gênesis 24). As ideias que podem estar incutidas nesta ordenação podem ser a de que aos homens, e somente a eles, é dada a responsabilidade de prover as necessidades de sua família a partir do (s) trabalho (os) que empreende fora de casa. Em contrapartida, a mulher está submissa ao homem, apresentando-se como

auxiliadora, o que na visão masculina é muitas vezes entendido como submissão.

Por outro lado, o discurso religioso, relatado especialmente nas cartas de Paulo, também revela que as mulheres devem ser amadas assim como Cristo amou sua Igreja e se entregou por ela (quando aceitou morrer na cruz).

Diante da conjuntura de fé e obediência aos princípios bíblicos (ou às interpretações que se têm deles), encontramos mulheres que em suas relações conjugais viveram (ou ainda vivem) em situação de violência doméstica.

A escolha em abordar tal questão, levando em consideração a perspectiva religiosa que mulheres e homens possuem, foi motivada a princípio pela pouca (ou nenhuma) importância que as Igrejas têm dado a estes conflitos. Nota-se, que em alguns casos as mulheres que foram agredidas agem como se nada houvesse acontecido enquanto que em outros casos elas reagem e não se enquadram na passividade.

Nesse sentido, uma das primeiras indagações feita foi: Até que ponto o referencial religioso obtido através dos textos da bíblia têm servido como suporte ideológico para justificar a violência doméstica na relação entre homens e mulheres, onde o homem é visto como a cabeça da família e a mulher deve obedecê-lo? Como mulheres cristãs tem reagido diante da violência?

Sem dúvida seria interessante para os estudos de religião e gênero abordar a temática da violência a partir da perspectiva de diferentes denominações. Como isso não é possível no momento, esta pesquisa limita-se ao contexto da Igreja Adventista do Sétimo Dia (mulheres e homens), levando em consideração o Projeto Quebrando o Silêncio, um dos projetos empreendido pela referida igreja e que visa a conscientização contra abusos e agressões.

É notório que a questão da violência se tornou um tema bastante discutido na sociedade contemporânea e se configurou como problema social (RIBEIRO, 1999 apud WIGGERS, 2008), sendo inclusive, objeto de pesquisa em muitas áreas de conhecimento, principalmente nas ciências da saúde e no campo jurídico, por exemplo. Mas com relação à violência doméstica, foi o engajamento do movimento feminista que contribuiu para que a temática se tornasse um problema social.

Apesar disso, a problemática da violência doméstica ainda é pouco explorada no campo religioso. Assim sendo, espera-se que esta pesquisa contribua para as discussões nesse contexto.

A presente dissertação está dividida em três capítulos principais. No capítulo primeiro abordo os caminhos da pesquisa, as reflexões feitas ao longo da mesma, evidenciando as dificuldades e superações nesse processo, inclusive na própria definição da temática e no trabalho de campo bem como, reflexões de caráter metodológico.

O segundo capítulo é voltando para ambientar a leitora e o leitor sobre a Igreja Adventista do Sétimo, destacando sua história em contexto mundial e regional, seus ritos, cultos e atividades, dentre as quais está o projeto “Quebrando o Silêncio”, sobre o qual observo o que lhe está intrínseco enquanto campanha de conscientização sobre a violência doméstica.

No terceiro e último capítulo, trato das representações sobre violência doméstica a partir dos questionários que foram aplicados bem como das entrevistas, onde também trago algumas reflexões sobre sacrifício, liminaridade e silêncio.

Mas antes que se dê continuidade a esta leitura, quero esclarecer que as reflexões e interpretações relatadas aqui são de minha inteira responsabilidade e não necessariamente condizem com a opinião da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

CAPÍTULO 1 – CAMINHOS DA PESQUISA E OUTRAS OBSERVAÇÕES

“Aqueles que optam pela vida acadêmica sabem bem o que lhes espera”. Essa era a ideia que tinha quando ingressei no mestrado até ser confrontada na banca de qualificação. Um confronto daqueles que faz a gente pensar muitas coisas. De fato, eu tinha ideia dos prazos, dos compromissos a serem cumpridos, das disciplinas obrigatórias, alcançar os créditos necessários em disciplinas optativas e após isso dedicar-me a escrita desta dissertação. Mas ao longo dessa trajetória muitas coisas aconteceram e o que se havia planejado nem sempre sai como o esperado.

Ao longo desse primeiro capítulo apresento os caminhos da pesquisa: a escolha do tema e seus percalços, reflexões sobre questões metodológicas, reflexões sobre o campo em si, no tocante a obtenção de dados.

1.1. A ESCOLHA DO TEMA

Uma dissertação começa bem antes de ser escrita. É verdade. Mas antes de tudo ela é pensada e repensada várias vezes.

No entanto, precisamos dizer que definir um tema a ser pesquisado na maioria das vezes não é uma tarefa fácil. Afinal, uma das primeiras preocupações dos ingressantes de um programa de pós-graduação é sobre o que irão pesquisar.

Geralmente busca-se um tema *original* no intuito de descobrir algo novo, por exemplo. Porém, Umberto Eco (1997) considera a descoberta como

[...] um novo modo de ler e compreender um texto clássico, a caracterização de um manuscrito que lança uma nova luz sobre a biografia de um autor, uma reorganização e uma releitura de estudos anteriores conducentes ao amadurecimento e sistematização das ideias que se encontravam dispersas noutros textos. (p.28)

De fato, é possível abordar uma mesma temática sob uma outra perspectiva. Como observou Geertz em seu livro “Obras e Vidas: o Antropólogo como autor”, um mesmo problema será visto de maneira diferente; ademais, é naturalmente aceitável “tipos diferentes de mentes abordarem partes diferentes do elefante” (p.17).

Outro ponto observado por ECO (1997) com relação as pretensões de estudantes “é fazer uma tese¹ que fale de muitas coisas” (p.34).

O projeto de pesquisa que submeti ao PPGAS/UFAM sob o título: “Violência doméstica a mulheres evangélicas” era genérico e abarcava muitas coisas. Foi preciso então, pensar em qual ou quais tipos de violência seriam tratadas, além de qual denominação consideraria tendo em vista uma quantidade significativa de igrejas evangélicas.

Como no ato da submissão do projeto de pesquisa ainda não havia definido uma denominação, as pesquisas iniciais giraram em torno da violência a mulheres evangélicas de modo geral. Então um dos pontos refletidos nesse momento inicial foi a utilização do termo evangélico, entendendo que este é um termo que abrange muitas denominações.

Um artigo veiculado pelo site O Globo, afirma que desde 2010, a cada hora, uma nova Igreja surge. Deste ano até 2017, já havia sido registrado 67.951 novas organizações religiosas. É um mercado em expansão. Não daria conta de tratar de vários grupos evangélicos durante o mestrado, até porque, embora tais grupos considerem a Bíblia em seus cultos, na prática os textos bíblicos ganham interpretações particulares. Surgiram, então, três opções.

A primeira opção era escolher uma denominação evangélica. Dentre as várias opções a que considerei mais viável no momento inicial da pesquisa era a Igreja Assembleia de Deus (IEADAM), uma vez que conheço muitas pessoas que a frequentam e o ponto de interesse em abordar a questão da violência veio de uma mulher que frequenta essa igreja.

Essa mulher, exercendo o principal cargo de liderança após o pastor, não tinha o mesmo respeito dentro de sua própria casa por parte de seu cônjuge quanto o tinha por parte de sua congregação. Por anos esta mulher

¹ Embora a palavra *tese* no Brasil seja comumente utilizada para designar o trabalho final de doutorandos, o sentido que damos ao termo é o expresso no dicionário online Priberam: “Proposição que alguém expõe propondo-se discuti-la ou defendê-la”.

sofreu violência doméstica. Até que após uma sequência de violência verbal, um soco em uma de suas mamas e o conselho sincero de sua filha, teve coragem para denunciar e terminar o casamento violento. Muitos membros da Igreja tentaram dissuadi-la a dar uma nova chance ao marido. Mas é preciso coragem para contrariar regras que só trazem dor e sofrimento.

Felizmente essa mulher conseguiu seguir em frente. No entanto, as marcas da violência ainda são visíveis, sobretudo, do ponto de vista psicológico. Via-a constantemente e, alguma dessas vezes, a vi passar mal só de saber que em uma audiência ela teria que estar cara a cara com seu agressor.

Foi a partir desse fato ocorrido em 2014 que minha curiosidade em pesquisar a temática violência e religião foram aguçadas. Nesse período comecei a lembrar de outros casos que ouvi em anos passados sobre a realidade de mulheres serem violentadas em seus lares por seus próprios cônjuges.

Então, surgiu a opção de pesquisar a Igreja Adventista. Minha relação com a denominação e com os membros é mais profunda pois eu a frequento há algum tempo. Ao escolher esta Igreja voltei a refletir sobre o termo evangélico pois é um termo não muito considerado pela denominação em questão, preferindo utilizar o termo cristãos/cristãs adventistas ou protestantes.

A terceira alternativa era trabalhar com as duas denominações o que foi descartada por conta do curto tempo em que temos para desenvolver a pesquisa de mestrado envolvendo duas denominações proeminentes e relevantes no contexto religioso amazonense.

A delimitação veio aos poucos. E demorou cerca de um semestre para ser delimitada. As conversas empreendidas com professores em momentos extraclasse, as discussões em sala de aula me levaram a muitas reflexões.

Então, optei por pesquisar a temática a partir da proposta do “Projeto Quebrando o Silêncio”, desenvolvido pela Igreja Adventista do Sétimo Dia, verificando a partir das respostas deixadas nos questionários quais delas haviam sido agredidas por seus cônjuges.

No entanto, embora escolhendo uma denominação com a qual eu tenho proximidade, outras questões surgiram. Lembro-me do que disse Merleau-Ponty: “Assim nos tornam os etnólogos da nossa própria sociedade *quando*

tomamos distância dela” (1991, p.130; grifo nosso). Em outra passagem ele reitera que é preciso “aprender a ver como estrangeiro o que é o nosso e como nosso o que nos era estrangeiro” (p. 130).

Se por um lado a proximidade com o objeto de pesquisa contribuiu para o desenvolvimento da mesma, tive que atentar sobre possíveis naturalizações. E esse foi um exercício que busquei fazer em todo o tempo da pesquisa, vivenciando as dificuldades pelo caminho especialmente no que diz respeito a criar diálogos com as possíveis interlocutoras.

1.2. REFLEXÕES METODOLÓGICAS

Nesse processo de crescimento intelectual, que não é finito, sem dúvidas um dos pontos importantes de um trabalho científico é a escolha do método e técnicas. Tal escolha se torna primordial posto que são a partir disso que as hipóteses que levantamos à priori podem ser testadas. No entanto, embora reconhecendo sua importância, não posso negar a dificuldade quanto à escolha.

Minha primeira indagação, por tanto, foi sobre qual ou quais seriam os melhores métodos a serem utilizados (se é que existe o melhor dos melhores) e se haveria métodos certos para o tipo de pesquisa que eu estava propondo realizar. Isto é, uma pesquisa com enfoque na violência doméstica a mulheres adventistas associando essa temática ao fato da Igreja Adventista do Sétimo Dia possuir um Projeto denominado “Quebrando o Silêncio”, sobre o qual recai muitos questionamentos e há poucas informações. E acrescentando a isso, ressalta-se o fato da pesquisadora pertencer à comunidade religiosa supracitada.

Estas foram algumas das questões que estiveram anuviadas em minha mente e é provável que os cientistas de todas as áreas de conhecimentos também tenham esse tipo de reflexão, já que a escolha metodológica nos direciona para um resultado. O olhar que se tem sobre um objeto a partir do método A não será o mesmo sob a aplicação do método B.

No tocante aos procedimentos de pesquisa apontados como pertencente ao campo da Antropologia, encontram-se a observação

participante e a entrevista como uma das possíveis técnicas mais utilizadas e evidenciadas pelos antropólogos, de modo que é comum os pesquisadores de um modo geral se referirem a essas práticas metodológicas em seus trabalhos. Diante disso, tomo a liberdade de abrir um parêntese, que pode vir a ser até inoportuno e incoerente nesse momento, mas que me incomodou e me levou a uma espécie de regressão ao período de graduação em Ciências Sociais entre 2006 a 2011. Trata-se do possível essencialismo, de que agora me dou conta, sobre a prática de pesquisa seguir e reforçar primordialmente certas tendências metodológicas no tocante a obtenção de dados, em detrimento da possibilidade de outros métodos. Outro ponto a ser ressaltado é com respeito ao entendimento da etnografia enquanto método.

Lembro que no texto que apresentei na ocasião do exame de qualificação, eu coloquei que o passo subsequente, após o levantamento bibliográfico, seria realizar as primeiras incursões no campo escolhido, ou seja, “estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante” (Geertz, 2008, p.4). Desse ponto de vista, a etnografia é processo de pesquisa que resultará na produção de um conhecimento sobre a uma realidade específica, isto é, num “texto” passível de outras releituras.

No livro *Obras e Vidas*, de Geertz (2005), diz que a etnografia não é mais que *apenas* dispor em categorias fatos estranhos a fim de que sejam melhores entendidos. Entendo que a sua colocação nos leva a considerar a etnografia em um plano de subjetividades e, portanto, difícil de definições. Embora não se saiba exatamente o que ela é, sabe-se que está presente nos trabalhos antropológicos, vindo a ser o próprio resultado das combinações técnicas utilizadas durante a pesquisa.

Mas voltando às reflexões sobre as questões metodológicas, não quero dizer que se deve ignorar a entrevista, a observação participante, ou qualquer outro procedimento metodológico. Seria ignorância da minha parte não os considerar importantes, especialmente porque, tanto a entrevista quanto a observação participante, foram essenciais para obtenção de dados desta pesquisa.

Algumas práticas no tocante a observação participante, por exemplo, como o fator interação pesquisadora/pesquisado e o estar atento aos sentidos,

isto é, saber ouvir, escutar, ver (FOOTE WHITE, 2005, p 303), foram importantes reflexões com relação a minha prática de pesquisa.

Tratando ainda sobre esse aspecto da prática de pesquisa, não se pode deixar de ressaltar o trabalho do antropólogo brasileiro Roberto Cardoso de Oliveira (2000), o qual assinala a importância do olhar, ouvir e escrever para o desenvolvimento do trabalho antropológico. Enquanto o olhar e ouvir são atos da percepção, o escrever é o exercício de reflexão do que os olhos viram e ouvidos ouviram.

Os autores citados nos parágrafos anteriores compõem o cenário de teóricos contemporâneos que contribuem com seus respectivos trabalhos para a necessária reflexividade no tocante a metodologias e prática de pesquisa. No entanto, voltando a minha indagação inicial, considero importante, dentro de avaliações conscientes, permitir-se buscar outros caminhos que a própria Antropologia nos ensinou em sua trajetória. Afinal, a disciplina apresenta uma série de teóricos que contribuíram para isso.

Em “Argonautas do Pacífico”, por exemplo, as descrições feitas por Malinowski em torno do Kula são resultado da observação participante empreendida por ele e de sua preocupação em relatar os detalhes das relações sociais entre os Trobriandenses. Por isso, ele dedica toda a parte introdutória na descrição do método:

Não ocorreria a ninguém fazer uma contribuição experimental no âmbito da ciência física ou química sem dar conta detalhada de todos os passos das experiências que efectuou, uma descrição exacta dos instrumentos utilizados, da maneira como as observações foram conduzidas, do seu número, da quantidade de tempo que lhe foi dedicado e do grau de aproximação com o qual cada medida foi realizada. (Malinowski, p. 22).

Malinowski dava real importância a sistematização dos dados desde que o indivíduo fosse o centro: descrevia sobre a mentalidade, observava sua conduta e realizava análise estatística. Associada à observação participante, está a técnica da entrevista entre outros procedimentos de coleta.

Muitos outros autores e autoras poderiam ser lembrados por suas contribuições metodológicas para a Antropologia. Mas acredito que o que foi exposto até aqui já nos dá um panorama dessa diversidade.

Porém, quero ressaltar, que as contribuições citadas acima, que hora servem para reflexão, não devem ser essencializadas. Ao contrário, devem compor o exercício reflexivo assim como também o ato de etnografar, sobre o qual Geertz (2005), chama a atenção, ao ressaltar que o ponto de convencimento de uma etnografia é conseguir demonstrar através da escrita que o (a) antropólogo (a) *esteve lá*.

Em suma, como bem aponta Bourdieu (1997), seguir um método pronto não é confiável, mas é preciso adaptar-se conforme o objeto, atentando para suas sutilezas e particularidades. Em contrapartida, nenhum trabalho pode prosseguir se não houver metodologia.

Seguindo essa linha de criticidade, ao tratar de questões como violência e religião, vários caminhos poderiam ser escolhidos para o desenvolvimento dessa discussão. Contudo antes da discussão propriamente dita eu precisava fazer delimitações. A partir das conversas empreendidas com meu orientador fui refletido sobre a viabilidade da pesquisa para que a mesma fosse cumprida nos dois anos do mestrado.

A primeira questão posta foi escolher qual grupo religioso estaria como pano de fundo dessa discussão. Optei, então, em realizar a pesquisa no âmbito da comunidade religiosa frequentada por mim.

Uma vez escolhida a denominação e refletido sobre a escolha (os pós e contras), fui confrontada novamente pela realidade da violência ao relembrar os casos que ouvia nos bastidores: “Ore pela fulana, ela está passando por problemas no casamento. Foi agredida pelo marido”. Foi assim que eu consegui identificar, quando eu ainda nem pensava em estudar esse fenômeno, que muitas mulheres cristãs enfrentavam e permaneciam em um relacionamento violento sabe-se lá por quantos anos.

Religião definida, faltava definir como acessaria as interlocutoras que *a priori* já sabia quem eram por também frequentar a mesma igreja que elas. O ponto de partida para o desenvolvimento dessa investigação, por tanto, foram as mulheres. Precisava ouvir o que elas tinham a dizer.

Por mais que eu as conhecesse rondava a dúvida se estariam dispostas a me contar suas histórias. Então, montei um questionário (ver anexo), no qual ao final dele elas poderiam sinalizar se estavam dispostas a uma conversa posterior, no caso, a entrevista. Esses questionários foram aplicados em sua maioria em dois momentos ao longo da pesquisa. Achei viável, ser esse o primeiro passo para obtenção de dados e primeira aproximação, que no caso, não aconteceu.

Com a aplicação dos questionários, eu pude ter uma ideia sobre o que elas pensam sobre violência, sobre o próprio Projeto Quebrando o Silêncio, bem como, quais outras mulheres, para além das que eu já sabia, estiveram em uma relação violenta. É claro que essa escolha poderia não ter dado certo no sentido de que as mulheres poderiam simplesmente ignorar minha sugestão sobre deixar seu contato ao final da folha. E na verdade isso aconteceu com relação as mulheres da igreja que eu frequento de modo que tentei a aplicação a um universo maior de mulheres. De todo modo se a segunda aplicação não revelasse essas mulheres, teria que pensar em outro caminho para conseguir entrevistá-las.

Então, a etnografia que apresentamos a seguir são fruto, das observações, conversas informais com os membros do grupo religioso e líderes (ancião, pastor, esposa de pastor), das entrevistas gravadas e transcritas com as mulheres, entre março de 2016 a junho de 2018, por conta de algumas intempéries.

Levando-se em conta os procedimentos éticos para a realização da pesquisa, um “termo de consentimento livre e esclarecido” foi assinado pelo pastor da Igreja e pelas mulheres que participaram do estudo. O termo foi utilizado tanto para a garantia de permissão de publicação posterior dos dados quanto para a preservação e o anonimato das pessoas envolvidas, sendo assim, todos os nomes citados são fictícios.

1.3. REFLEXÕES SOBRE O CAMPO

Desde criança frequento igrejas. Faço parte de uma família evangélica, onde fui ensinada sobre a importância de ler a bíblia, orar e frequentar uma comunidade religiosa. Domingos, terças e quintas-feiras. Esses eram os dias

que com certa regularidade eu ia aos cultos evangélicos na Igreja Assembleia de Deus, junto com meus pais e irmãos e, muitas vezes, com minha avó, com quem morei a maior parte da minha infância.

Na adolescência, no entanto, passei a frequentar a Igreja Adventista do Sétimo Dia através do convite de uma amiga para participar de um clube de adolescentes e juvenis denominado Clube de Desbravadores. Foi um momento de transição.

Sair de uma igreja para outra é uma realidade do século XXI. Essa transitoriedade religiosa é mais comum entre pessoas que antes professavam o catolicismo e passaram a frequentar uma igreja evangélica, sobretudo, porque no século XX, houve uma expansão deste conglomerado religioso, como demonstra o artigo de ALVES *et al.* (2012) sob o título “A dinâmica das filiações no Brasil entre 2000 e 2010”.

O cenário religioso brasileiro atual é constituído pela diversidade de crenças e seguidores, entre eles, católicos, evangélicos, adeptos de cultos afro-brasileiros, espíritas, judeus, islâmicos, budistas, daimistas, só para citar alguns, além dos que se declaram sem-religião. Os evangélicos também são classificados como protestantes, haja visto, o processo histórico de seu surgimento. No entanto, entre a denominação adventista, esse termo não é tão utilizado, especialmente pelos mais velhos. Estes preferem ser denominados como cristãos adventistas ou cristãos protestantes. Uma das razões para essa preferência é que a prática dos cultos evangélicos, pentecostais ou neopentecostais, é marcada por muitos aspectos que não se veem nos cultos adventistas como é o caso da glossolalia.

De fato, quando passei a conviver com os membros da Igreja Adventista, notei essas diferenças. Nesta nova igreja, diferente da igreja pentecostal que eu frequentava com minha família, os louvores eram mais solenes, embora nos cultos jovens houvessem músicas mais agitadas. Expulsões de demônios e pessoas em transe é algo que nunca presenciei nas reuniões adventistas. Mas algumas pessoas me relataram que isso acontece, apesar de não ser frequente.

Desde os momentos em que passei a frequentar a IASD minhas observações sobre a Igreja da minha amiga foram crescendo paulatinamente. Acredito que as minhas idas àquela igreja despertaram o que só seria

aprofundado na vida adulta: meu interesse pelas religiões. De certa forma, foi na adolescência, no ano de 2001 a minha “primeira inserção no campo”.

Minhas observações juvenis me levaram a questionamentos. Embora muitas coisas me agradassem na Igreja Adventista, como os louvores, os acampamentos de jovens, o fato de não haver gritaria nos cultos, havia questões que eu realmente não entendia. De todo modo, após participar de alguns estudos bíblicos, as disposições e motivações, que Geertz (2008, p. 88) denomina como *ethos*, fizeram sentido para mim. Afinal, quando as pessoas buscam por uma religião, estão em busca de sentido, mas é preciso haver identificação com o que está sendo apresentado por ela.

Uma vez inserida na comunidade religiosa participei de muitas atividades como membro e como líder também. Dentre essas atividades estava o Quebrando o Silêncio, alvo deste estudo antropológico.

No entanto, minhas aspirações da juventude sobre religião não me acompanharam com a mesma intensidade ao adentrar o curso superior. Durante a graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal do Amazonas em 2006, meus interesses se voltaram para política e antropologia, tendo como foco a questão indígena.

Ao estudar a atuação dos postos indígenas do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) no médio Purus, concentrei minhas pesquisas principalmente nos arquivos depositados no Museu Amazônico e FUNAI. Até então, tudo que ouvia sobre trabalho de campo é que ele geralmente acontecia quando alguém estava desenvolvendo sua pesquisa, mantendo contato substancialmente com pessoas de um grupo ao qual não pertencia e que, geralmente, o campo era principalmente num lugar localizado em área rural ou distante.

Seguindo essa linha de raciocínio, minha primeira ida a campo foi quando eu e minhas amigas da graduação juntamente com um amigo doutorando resolvemos ir ao bairro Cidade de Deus em busca de conversar com uma mulher que pertencia a etnia Deni, grupo indígena pertencente a região do médio Purus.

Ao terminar a graduação, me desvinculando da temática indígena, trabalhei em alguns projetos de pesquisa que exigiam meu deslocamento a comunidades rurais. Logo, dentro dos moldes que eu construí nesse processo, eu finalmente estava fazendo campo.

No período posterior ao curso de Ciências Sociais, a história da mulher² escrita no tópico anterior a este, sobre a escolha do tema, reacendeu meu interesse por temas religiosos, trazendo à tona uma temática tabu e real nas comunidades religiosas, como o é a questão da violência doméstica.

Como aponta Beaud *et al* (2007), o campo possui suas próprias limitações. Mesmo que você tenha familiaridade com o grupo, as limitações aparecem.

No caso desta pesquisa, o campo foi onde os interlocutores e interlocutoras estavam: na igreja, na casa, nas reuniões de mulheres ou no lugar em que se sentiram mais confortáveis para conversar, buscando “olhar de perto e de dentro”, como diz Magnani (2002), identificando, descrevendo e refletindo sobre aspectos excluídos pelo molde “de fora e de longe”. Eu tive acesso a esses lugares, contudo tive dificuldades em acessar as informantes, pois muitas mulheres silenciaram, no sentido de não falarem mesmo. No próximo tópico abordo como se deu essa experiência nos campos.

1.4. DIFICULDADES E SUPERAÇÕES

Um dos meus maiores desafios enfrentados durante a pesquisa foi desnaturalizar o que para mim era algo essencialmente comum. Ir aos cultos e participar das programações a partir do momento em que me propus a pesquisar a temática se revelou num exercício de observação cuidadosa sobre o outro e também sobre mim.

As observações sobre minha prática de pesquisa se concentraram muitas vezes no dilema: como acessar as informações sem causar maiores desconfortos, por ter que rememorar as situações de violência e como não expor minhas informantes. A fim de minimizar essa última questão, o primeiro ponto de contato foi através da aplicação dos questionários, como já disse em outro momento.

Foram aplicados ao todo cento e onze questionários. A maioria foi aplicado em dois eventos promovidos pelo Ministério da Mulher (MM), a saber

² É a história da mulher que ocupava um cargo de liderança após o pastor, não tinha o mesmo respeito dentro de sua própria casa por parte de seu cônjuge quanto o tinha por parte de sua congregação. Por anos esta mulher sofreu violência doméstica conjugal. Ver item em que trato sobre a escolha do tema.

o Chá entre Irmãs e o Retiro do Ministério da Mulher, com exceção de três questionários.

Essa escolha inicial permitiu que eu soubesse quais mulheres já haviam sofrido violência doméstica e qual o grau de parentesco com o agressor, uma vez que meu interesse centrava-se em observar a violência conjugal. Como eu havia combinado com elas, se quisessem, poderiam deixar seu telefone de contato na folha, de modo que pudesse entrar em contato posteriormente para aprofundar questões evidenciadas por elas em suas respostas.

Em contrapartida, apesar da quantidade de questionários aplicados, muitas perguntas foram deixadas em branco e a maioria das mulheres que marcaram terem sido vítimas de violência doméstica por parte do cônjuge, optou por não deixar o seu contato, com exceção de Abigail. As que deixaram tinham como agressores os pais ou outras pessoas da família. Então me concentrei nos questionários cuja resposta dizia que o esposo (ou ex esposo) era o agressor.

De qualquer forma, a aplicação dos questionários possibilitou vislumbrar o perfil dessas mulheres e dentre outras coisas suas opiniões sobre o Projeto Quebrando o Silêncio. Além disso, em decorrência do questionário de Abigail³ tive acesso a história de vida de Abi.

Até aqui eu relatei os prós e contras da aplicação dos questionários, mas gostaria de relatar as circunstâncias em que realizei essa tarefa.

Em ordem cronológica, o primeiro deles foi o Chá entre Irmãs⁴. Realizado em 21 de abril de 2017. O evento contou com a presença de mais ou menos vinte e cinco mulheres, sendo que quatro não são adventistas.

A aplicação do questionário foi no início da programação. Depois dos momentos de louvor e oração, me foi dada a oportunidade de falar da pesquisa e aplicar os questionários. Ao abordar a temática do que eu me propus a investigar, algumas mulheres esboçaram desconforto em ter que cumprir essa

³ Nome fictício escolhido pela informante

⁴ Esse é um evento que ocorre na própria Igreja, se a mesma tiver um espaço para isso, ou em um lugar externo (salão de festas, casa de alguém, etc) e tem por objetivo o entrosamento das mulheres que são batizadas na IASD. Existe um outro chá, denominado “Chá entre Amigas”, onde mulheres adventistas e não adventistas podem participar. Nesses “chás” geralmente tem uma palestrante que aborda temas para mulheres: saúde da mulher, relacionamento, autoestima, etc.

tarefa, afinal não esperavam que num evento de confraternização tivessem que responder questões sobre uma temática desconfortável para o momento.

Eu tive que aproveitar esta oportunidade, a despeito do que as mulheres transpareciam em seus rostos. Expliquei a elas, antes da distribuição das folhas, que não precisavam identificar-se, mas se quisessem conversar em outro momento estava disposta a ouvi-las. Pedi então, para duas moças me ajudarem a distribuir as folhas e canetas.

Após recolher os questionários as mulheres se dirigiram para uma outra área da igreja com mesas e cadeiras dispostas na lateralidade do salão, formando um corredor livre. Neste novo espaço, seus semblantes mudaram e o clima de festejo era notório ao desfrutarem coletivamente de um lanche.

Apesar do evento ser para mulheres, estiveram presentes dois homens, um dos quais estava sentado ao lado de sua esposa no momento em que ela respondia às perguntas do questionário. Ele estava apenas ao lado dela em silêncio, mas quando ela recebeu o questionário e começou a preenche-lo, mais de uma vez ela se voltou a ele como se estivesse pedindo sua opinião.

No Retiro do Ministério da Mulher, outro momento de aplicação dos questionários, havia a presença de homens também. Além dos pastores que atuaram na cerimônia de santa ceia, alguns outros estavam trabalhando como *staffs*, ora arrumando as cadeiras para as palestras, ora organizando o auditório para o jantar ou atuando como garçons. Mas segundo o que pude constatar apenas um deles, o fotógrafo, era esposo de uma das mulheres que se encontravam ali.

Esse Retiro aconteceu em um fim de semana. Saímos na sexta-feira, por volta das 19:30 hs e retornamos no domingo por volta das 15:00 hs.

O clima no momento da aplicação dos questionários era mais ameno. Havia em torno de 150 mulheres, mas nem todas responderam aos questionários incluindo as esposas de pastores e palestrantes.

Para que eu pudesse ter um espaço na programação fiz acordos prévios com as organizadoras do evento, como o compromisso de que tentaria não tomar muito tempo para não prejudicar o horário da próxima palestrante. Como parte da negociação eu também participei do evento dirigindo os momentos de louvor em algumas ocasiões.

De todo modo, apesar dessa última aplicação de questionário ter sido mais promissora só foi possível marcar uma entrevista com uma mulher porque ela me deixou seu contato ao final do questionário e através dela pude acessar outra informante.

O que eu percebi é que mesmo eu sendo do grupo religioso as pessoas não me davam abertura para uma conversa mais profícua. Algumas falavam das deficiências do projeto ou da igreja, mas essas opiniões eram raras. E com relação aos casos de violência reconhecem que existe, mas não conheciam as mulheres que passaram pela situação e em nenhum momento se referiam a si mesmas.

Diante dessa situação passei a refletir: Talvez se eu fosse uma pessoa que não pertencesse ao grupo algumas falas seriam mais acessíveis?

Das pessoas com quem tinha mais proximidade e cuja as histórias eu já conhecia, apenas duas mulheres foram acessíveis no sentido de me concederem entrevista e as outras duas mulheres foram resultado do contato deixado no formulário, totalizando quatro mulheres ao invés de cinco como eu planejava.

Com a quinta mulher, eu entrei em contato por mais de uma vez. No início da pesquisa quando a abordei ela me dizia para marcarmos um horário, mas nunca conseguimos marcar de fato esse horário. Como uma última tentativa lhe mandei uma mensagem de texto pelo whatsapp a qual foi visualizada, mas nunca respondida.

Essa situação foi complicada para o desenvolvimento da pesquisa. Pensei que por pertencer a mesma comunidade religiosa isso me facilitaria a obtenção das informações. Na igreja em que frequento, todavia, não houve abertura para conversar com nenhuma das mulheres de modo que as mulheres entrevistadas frequentam a mesma igreja (denominação) em outros bairros da cidade.

1.5. O QUE DIZEM OS QUESTIONÁRIOS

Durante a pesquisa, foram aplicados ao todo cento e onze questionários, sendo que destes, vinte foram no “Chá entre Irmãs”⁵ em 21 de abril de 2017, oitenta e oito no Retiro Espiritual para Mulheres, entre os dias 23 e 25 de setembro de 2017 e outros três em datas avulsas. No entanto, cinco mulheres especificaram em seus questionários que não eram adventistas, declarando-se como “*visitantes*” e “*não sou adventista*”, o sexto questionário não foi preenchido por uma mulher adulta, já que no campo idade a pessoa declarou ter onze anos, de modo que este também será desconsiderado na análise dos dados. Assim sendo, os dados que serão descritos ao longo desse texto dizem respeito a cento e cinco questionários válidos.

Então, neste tópico apresento, a partir das respostas dadas nos questionários, um quadro geral de quem são essas cento e cinco mulheres, revelando as questões de caráter pessoal, como estado civil, nível de escolaridade, tempo em que são adventistas, deixando para o próximo tópico a análise referente às questões específicas sobre violência, ressaltando os casos em que a violência aconteceu entre casais, haja visto que é objeto deste estudo.

Começando com a faixa etária, o gráfico abaixo revela que 65 % das mulheres que preencheram os questionários estão na faixa etária de 30 a 59 anos.

⁵ Esse é um evento que ocorre na própria Igreja, se a mesma tiver um espaço para isso, ou em um lugar externo (salão de festas, casa de alguém, etc) e tem por objetivo o entrosamento das mulheres que são batizadas na IASD. Existe um outro chá, denominado “Chá entre Amigas”, onde mulheres adventistas e não adventistas podem participar. Nesses “chás” geralmente tem uma palestrante que aborda temas para mulheres: saúde da mulher, relacionamento, autoestima, etc.

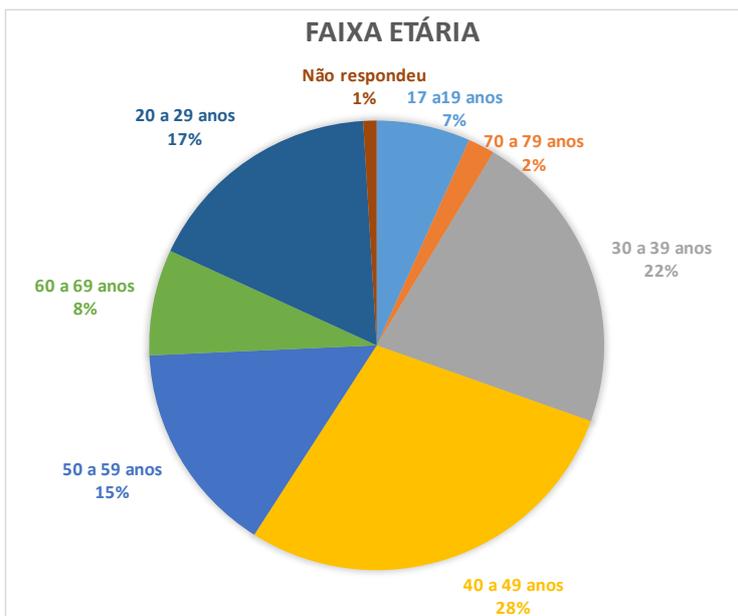


Figura 1: Gráfico com porcentagem de cada faixa etária
Fonte: Silva, Jucélya.

Dessas mulheres (de 30 a 59 anos), 36 responderam terem sofrido violência doméstica. Isso corresponde a mais da metade do total de mulheres que responderam SIM à pergunta do item 2.1. do questionário (Você já sofreu algum tipo de violência doméstica?), sendo o NÃO a outra resposta possível.

Para que a leitora ou leitor desse trabalho possa observar de maneira mais clara o que estou dizendo, a tabela abaixo pode ajudar. Na primeira coluna constam as faixas etárias de todas as cento e cinco mulheres, na segunda e terceira coluna o quantitativo correspondente a SIM e NÃO, com o total de mulheres de cada coluna, e a última coluna o total de mulheres na faixa etária da mesma linha.

Tabela 1: Faixa etária das mulheres adventistas

| | SIM, já sofreu violência doméstica | NÃO sofreu violência doméstica | TOTAL |
|--------------|---|---------------------------------------|--------------|
| 17 a 19 anos | 1 | 6 | 7 |
| 20 a 29 anos | 7 | 11 | 18 |
| 30 a 39 anos | 17 | 6 | 23 |
| 40 a 49 anos | 12 | 18 | 30 |
| 50 a 59 anos | 7 | 9 | 16 |

| | | | |
|---------------|--------------------|--------------------|---|
| 60 a 69 anos | 3 | 5 | 8 |
| 70 a 79 anos | 0 | 2 | 2 |
| Não respondeu | 1 | 0 | 1 |
| TOTAL | 48 mulheres | 57 mulheres | |

Org.: SILVA, Jucélya.2018.

No tocante a violência, então, a tabela revela que 48 mulheres de um universo de 105, vivenciaram a violência doméstica. Esse quantitativo corresponde a 45,71 porcentos, ou seja, quase metade das mulheres que responderam ao questionário.

Com relação a questão conjugal, a tabela abaixo demonstra que a ocorrência da variante *casada* aparece em quase setenta questionários:

Figura 2: Estado civil das mulheres adventistas



Fonte: Silva, Jucélya.

Dessa primeira informação pode-se entender que o Ministério da Mulher volta suas atividades majoritariamente para mulheres casadas. Com raras exceções, mulheres não-casadas são vistas em eventos como Retiro e Chá entre amigas/irmãs. Para mulheres solteiras o único evento que lhes atende são os acampamentos em feriados prolongados como o carnaval e/ou da semana da Pátria, ainda que outras mulheres de outros estados civil possam participar. No entanto há, embora não seja muito popular nas igrejas, um

acampamento anual específico só para solteiros (solteiros que nunca casaram, separados, divorciados ou viúvos), onde homens e mulheres podem socializar.

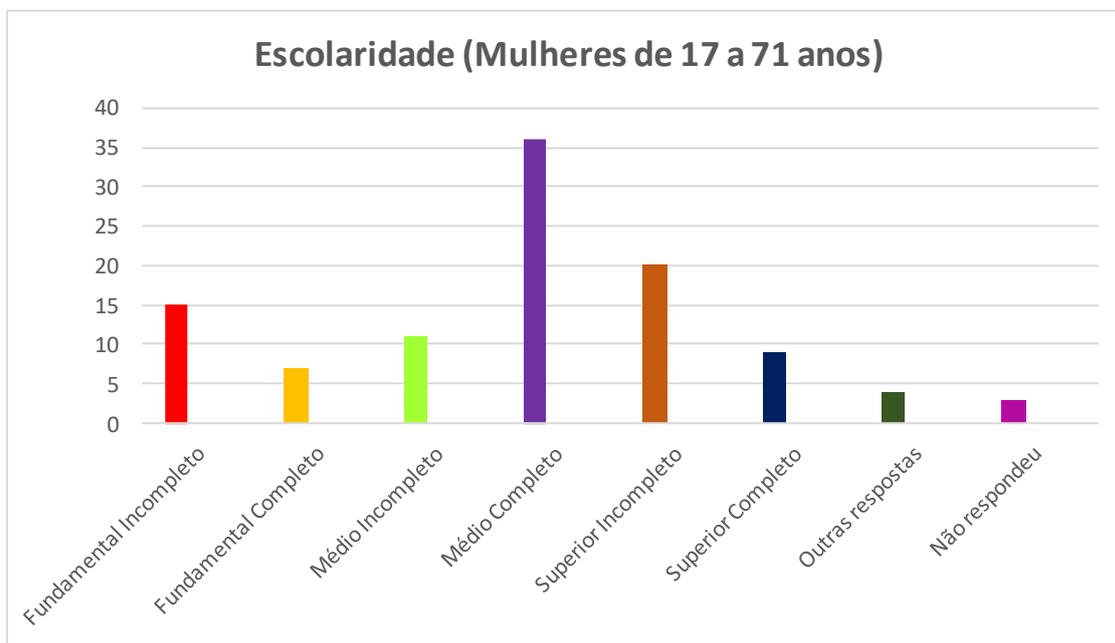
O conteúdo programático dos eventos coordenados pelo MM que frequentei em anos anteriores a esta pesquisa, tratavam sobre a relação conjugal, criação dos filhos, como lidar com o cônjuge, saúde da mulher, englobando também cuidados com a pele e modéstia cristã de modo geral.

Lembro que em uma dessas programações eu e uma amiga questionamos o fato de não haver um evento voltado especificamente para os esposos, já que o único momento em que os maridos ouviam alguma orientação era no âmbito do evento denominado Encontro de Casais.

Superando essas minhas digressões, quero ainda esclarecer que entre as mulheres que se auto declararam como solteiras (ou seja, nunca casaram, de acordo com a Lei), foi possível identificar que são mães *solo*, sendo possível a interpretação de que viveram *amigadas* com os seus companheiros. Utilizo a expressão *viveram*, por um motivo: a circunstância religiosa em que elas se encontram atualmente. No âmbito religioso adventista não é permitido exercer funções de liderança estando amasiado (a). Entende-se, portanto, que essas mulheres viveram em tal condição antes de se tornarem adventistas, isto é, antes de serem batizadas o que nos leva a pergunta: o que aconteceu com o relacionamento? Este fato é um dos pontos onde há opiniões discordantes entre os fiéis: há os que apoiam que se batize pessoas nesse tipo de relação e há obviamente os que discordam de tal proposição. Para tentar entender os posicionamentos seria necessária uma investigação mais profunda, a qual não foi possível realizar.

Já no quesito escolaridade, setenta e quatro mulheres concluíram o Ensino Médio, sendo que destas, onze completaram um curso superior como pode ser observado no gráfico abaixo:

Figura 3: Nível de escolaridade das mulheres adventistas



Fonte: Silva, Jucélya.

Como pode-se perceber sessenta e nove mulheres concluíram o Ensino Médio, sendo que deste quantitativo, trinta e duas ingressaram em uma universidade, enquanto uma ingressou e concluiu um curso técnico em enfermagem, dados esses demonstrados no quadro abaixo, levando em consideração os números referentes as opções de respostas no item 1.4 do questionário:

Tabela 2: Nível de escolaridade das mulheres adventistas

| Nível de escolaridade | Quantidade |
|-----------------------|--|
| Superior Incompleto | 20 |
| Superior Completo | 9 |
| Outros | 4 (2 pós-graduação lato sensu, 1 mestrado, 1 curso técnico-enfermagem) |

Org.: SILVA, Jucélya.

Com respeito ao tempo em que são adventistas, para facilitar a demonstração dos resultados, por se tratar de cento e cinco questionários com respostas variadas, aloquei as respostas em dois eixos: as com mais de dez anos e menos de anos de adventismo. Assim sendo, o resultado para essa variante pode ser observado no quadro abaixo:

Quadro 1: Tempo de adventista das mulheres

| Mais de 10 anos | Menos de 10 anos |
|-----------------|------------------|
| 63 mulheres | 37 mulheres |

Org.: SILVA, Jucélya.

A somatória do quantitativo apresentado acima, como se pode perceber, não resulta em cento e cinco porque cinco questionários não contêm a resposta para a pergunta em questão. Independente desse fato, é perceptível que a maioria das mulheres já frequenta a Igreja há algum tempo o que nos leva a refletir sobre o seu grau de envolvimento com a mesma a partir das funções que ocupam.

Sobre as funções (cargos) em que estão atuando, enquanto membros regulares, destaca-se as que são direcionados a trabalhos com crianças e adolescentes. Neste quesito atuam diretamente como professoras, coordenadoras do Ministério da Criança e Adolescente ou exercem alguma função no Clube de Desbravadores e Aventureiros, que mais uma vez engloba crianças e adolescentes.

Elas também atuam na liderança do Ministério da Mulher e como diaconisas, sendo que o Ministério do Diaconato é composto por homens e mulheres, tendo um líder para cada gênero (Diaconisa Chefe e Diácono Chefe) enquanto o Ministério da Mulher é coordenado exclusivamente por uma mulher e suas associadas⁶.

⁶ Ouvi de algumas pessoas que em algumas igrejas funciona um Ministério do Homem, mas ainda é algo tímido. Trata-se de uma iniciativa particular de grupos de homens, diferente do Ministério da Mulher que compõe a listagem de ministérios da IASD.

CAPÍTULO 2 – A IGREJA ADVENTISTA EM MANAUS

Na introdução do livro *A ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, Weber (2007) ressalta que o conhecimento sobre educação, comércio, artes, capitalismo, etc. sempre existiram. Claro que a colocação do autor é para ressaltar e validar que o conhecimento sobre essas áreas se expande na sociedade ocidental da qual fazia parte e não entraremos nesse mérito. O que me interessa em Weber, é o “espírito”, a essência da coisa a ser observada. Porque afinal o que torna uma religião diferente da outra é sua forma.

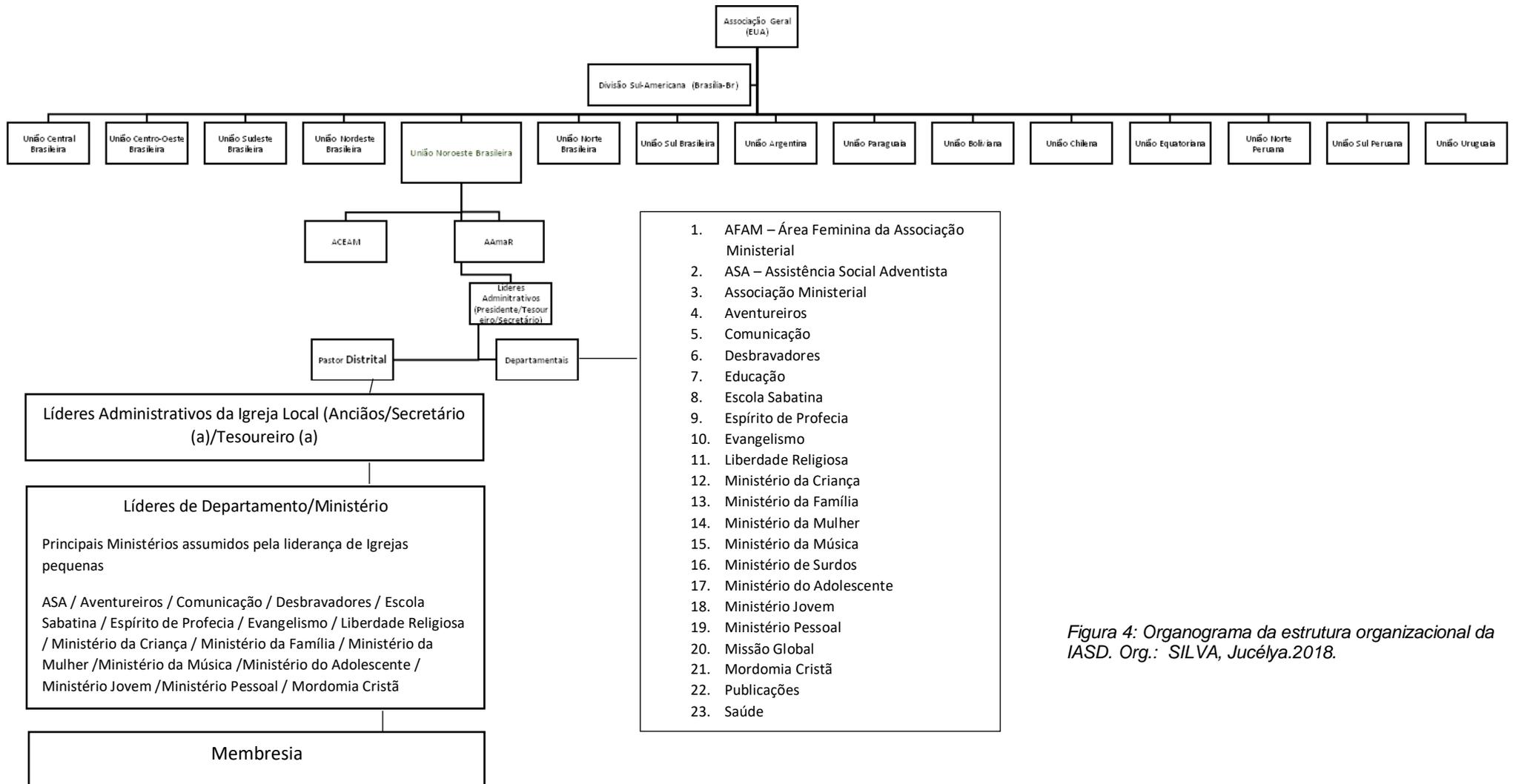
Quanto a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), observa-se essa premissa. Apesar de se constituir como uma religião que tem a Bíblia como princípio norteador de conduta, sua formação e consolidação como religião revelam que ela possui uma identidade própria, o que pode ser observada em suas doutrinas.

Segundo informações do site oficial, a IASD, que foi organizada como igreja em 1863, possui atualmente mais de 17 milhões de membros no mundo, administrados por intermédio de treze divisões as quais estão vinculadas diretamente à sede mundial, localizada em Silver Spring, Maryland – EUA, as quais são coordenados por um presidente geral, que no caso da Divisão Sul-americana é o pastor Erton Köhler. Ele, juntamente com outros pastores que ocupam os cargos de secretário e tesoureiro, compõem a liderança administrativa da referida Divisão da qual fazem parte os países Bolívia, Chile, Equador, Paraguai, Peru, Uruguai, Argentina e Brasil, totalizando oito países.

Para melhor entender esse sistema organizacional da IASD, pedi a um pastor que me descrevesse a unidade organizacional de uma Divisão. Como ele não conseguiu achar um organograma atualizando, resolvi criar um, tendo como base um organograma que ele me enviou. Assim, abaixo se pode ver a organização da IASD de forma hierárquica a começar pela Associação Geral, destacando as unidades que compõem a Divisão Sul-Americana.

Manaus sedia atualmente duas associações (AAmaR e ACEAM) as quais são geridas pela União Noreste. Cada uma delas possui sua própria liderança administrativa composta por pastores.

ORGANOGRAMA DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA



1. AFAM – Área Feminina da Associação Ministerial
2. ASA – Assistência Social Adventista
3. Associação Ministerial
4. Aventureiros
5. Comunicação
6. Desbravadores
7. Educação
8. Escola Sabatina
9. Espírito de Profecia
10. Evangelismo
11. Liberdade Religiosa
12. Ministério da Criança
13. Ministério da Família
14. Ministério da Mulher
15. Ministério da Música
16. Ministério de Surdos
17. Ministério do Adolescente
18. Ministério Jovem
19. Ministério Pessoal
20. Missão Global
21. Mordomia Cristã
22. Publicações
23. Saúde

Figura 4: Organograma da estrutura organizacional da IASD. Org.: SILVA, Jucélya.2018.

Observando o organograma acima percebe-se, portanto, que a organização da Igreja Adventista do Sétimo Dia se assemelha ao de uma empresa tendo sua matriz e filiais distribuídas em vários lugares.

O objetivo desse capítulo é criar um contexto aos leitores, apresentando o surgimento da Igreja na conjuntura mundial e no âmbito amazônico.

Em contexto mundial, a história da IASD se inicia a partir dos estudos proféticos realizados por alguns cristãos do século 18 e 19 que buscavam encontrar uma data para o fim do mundo e conseqüentemente a volta de Jesus. Tal desejo estava relacionado ao acontecimento de cunho social-político e natural que ocorreram na época: terremoto, como o que aconteceu em Lisboa em 1755, escurecimento do sol, em 19 de maio de 1780, Revolução Francesa, dentre outros fenômenos.

Guilherme Miller, um fazendeiro e juiz de paz, estava entre esses estudiosos. Miller já pregava desde 1831 e de sua pregação surgiu um grupo de adeptos, oriundos de denominações que antecederam o adventismo, como é o caso dos batistas e metodistas.

Os sermões pregados por Miller eram resultados de seus estudos sobre profecias sendo a do livro de Daniel, especificamente o capítulo 8, verso 14, umas das mais importantes. A profecia encontrada nesse verso diz: “Até duas mil e trezentas tardes e manhãs e o santuário será purificado”.

Segundo Oliveira Filho (2004), é a partir da descrição cronológica desta profecia citada no parágrafo anterior que o mito de origem do adventismo se dá. A interpretação da referida profecia era de que Jesus voltaria em 22 de outubro de 1844. No entanto, Jesus não voltou como se previa.

O livro Nossa Herança, que relata a história da Igreja Adventista e seus pioneiros, descreve o sentimento do grupo naquele dia 22 de outubro de 1844. Alguns crentes que se achavam reunidos esperando o cumprimento da profecia oraram, choraram e “perguntavam uns aos outros: “Falharam as Escrituras?”(p. 38).

Nesse novo contexto, de desapontamento, Ellen White⁷ aparece como figura importante para o estabelecimento e organização da Igreja Adventista do Sétimo Dia posto que é ela quem recebe uma série de outras visões, as quais, segundo Oliveira Filho (2004), servem como retomada do universo simbólico que até aquele momento

⁷ Para maiores detalhes sobre o ministério que Ellen desempenhou, cf. o livro Vida e Ensino.

se encontrava disperso, mas que se tornaria em “verdades fundamentais” da futura Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Além das visões de Ellen aglutinarem os adeptos, elas serviram também para consolidar as doutrinas da religião que surgia, como a questão da guarda do sábado, por exemplo, que já havia sido apresentada por outros cristãos, mas só foi legitimada após a visão que Ellen teve.

A atuação de Thiago White também era resultado das visões de sua esposa. Ellen inspirou seu esposo a escrever periódicos e “fundar a primeira casa editora adventista” (MAXWELL, 1982, p.209), a editora Review and Herald. Foi ele quem “organizou as doutrinas da igreja, a estrutura da denominação e ajudou a estabelecer inúmeras instituições” (Nossa Herança, p. 116).

Os empreendimentos desenvolvidos por Thiago e Ellen White foram substanciais para o avanço do adventismo, mas ainda estavam muito centralizados nos Estados Unidos. Foi então que em 1874, a fim de ampliar as fronteiras, a igreja enviou à Europa seu primeiro missionário, J.N. Andrews e da Europa vieram os primeiros missionários para o Brasil, centralizando suas ações nas regiões sul e sudeste.

No território amazonense a história do adventismo se inicia no município de Maués. No ano de 1927, quando os pastores adventistas John Brown e Roger Wilcox iniciaram suas atividades missionárias, contataram primeiramente o comerciante judeu chamado Salomão, a quem perguntaram se na região havia alguém que gostava de estudar a Bíblia, o qual indicou José Batista Michiles, também conhecido como “seu Donga”.

Seu Donga, descendente alemão de uma família imigrante e protestante que vieram para o Brasil depois de sofrerem perseguição religiosa por parte da Igreja Católica no século XIX se alocou na região no período auge da borracha, depois de haverem passado por outros Estados.

Nessa primeira ida a Maués os pastores não conheceram o seu Donga. Então deixaram com Salomão alguns materiais na promessa de que dentro de um ano voltariam para conversar com o sr. José Michiles. O comerciante entregou a encomenda ao destinatário e ao estudá-los, seu Donga aceitou a mensagem adventista (KETTLE, 2016).

Quando os pastores retornaram a Maués no ano seguinte, foram levados a Fazenda Centenário, propriedade da família Michiles. Ali realizaram a primeira

reunião, onde encontravam-se, além dos familiares do seu Donga, alguns vizinhos que ele havia convidado.

As reuniões, organizadas pelo patriarca, continuaram na varanda da casa dos Michiles, mesmo depois de os pastores deixarem o município. No primeiro momento, somente os familiares frequentavam as reuniões. Mas aos poucos a vizinhança começou a frequentar também e em março de 1929, aconteceu o primeiro batismo. O batismo de José Michiles e outros conversos, foi de grande influência para a consolidação do adventismo em Maués. Tanto que Erison Michiles, um dos filhos do seu José, se tornou o primeiro pastor adventista amazonense.

Além do pioneirismo dos Michiles, o engajamento de Leo Halliwell e sua esposa Jessie foram substanciais não apenas em Maués. Como presidente da Missão Baixo Amazonas, Halliwell deveria visitar comunidades⁸ ribeirinhas dos Estados do Pará e Amazonas. Devido a logística da região o pastor projetou e construiu uma lancha, a qual foi nomeada como Luzeiro. Nessas localidades, além de levarem a mensagem adventista, realizavam também atendimentos médicos aos indígenas e ribeirinhos.

Leo Halliwell encontra-se também no rol dos pioneiros no tocante ao estabelecimento do adventismo em Manaus. Durante três meses, a partir de agosto de 1931, ele dirigiu uma conferência evangelística para cerca de 1.500 pessoas, no Cine Teatro Alcazar, localizado na av. Sete de Setembro com Floriano Peixoto, onde atualmente funciona uma agência do Banco Itaú (CAVALCANTI, 2016).

O primeiro batismo na cidade de Manaus, veio dois anos depois da série evangelística dirigida pelo pastor Leo Halliwell. Em julho de 1933, doze pessoas foram batizadas e muitas outras continuaram recebendo estudos bíblicos.

Mas o estabelecimento propriamente dito, isto é, com prédio próprio e uma organização mais rebuscada, só aconteceu em 1946. Até então a primeira IASD realizava suas atividades, no sobrado do seu Américo e depois no Teatro da Instalação. Em 12 de outubro de 1946, portanto, é inaugurado o primeiro templo adventista de Manaus, situado na Avenida Sete de Setembro, próximo à Avenida Duque de Caxias, no Centro.

⁸ Alguns Estados do Nordeste também estavam sob a jurisdição da Missão Baixo Amazonas.

Esta Igreja ficou conhecida, entre os adeptos do adventismo como a Igreja Central de Manaus quando outros templos foram sendo estabelecidos nos outros bairros da cidade bem como nas áreas rurais.

Apesar das reuniões fomentarem o surgimento de várias igrejas, o adventismo em Manaus só se tornou proeminente a partir da década de 80 de modo que para cada 120 habitantes não adventistas, havia um adventista. Essa média ficou ainda mais significativa nos anos 90, onde a proporção era um adventista para cada 64 habitantes não adventista. Manaus, então, conquistou o status de cidade com o maior número de adventistas e a que possui pelo menos uma igreja em cada bairro (CALVANTI, 2016).

Esse aumento da membresia fez com que uma outra associação⁹ fosse criada, a saber a Associação Amazonas e Roraima (AAmaR)¹⁰. Até o ano de 2005, a capital amazonense e o interior, totalizaram 140 mil membros, estando sob a jurisdição apenas da Associação Central Amazonas (ACEAM).

Essas igrejas, em sua maioria, não seguem um modelo arquitetônico padrão como a Igreja do Santos dos Últimos Dias ou como o Salão do Reino das Testemunhas de Jeová. Além disso, as Igrejas Adventistas estão localizadas em ruas comuns, com exceção de algumas como a Igreja Centra da AAmaR e da ACEAM, localizadas respectivamente na Av. Noel Nutels (Zona Norte) e Sete de Setembro (Centro histórico).

⁹ As associações são núcleos regionais da IASD que encaminham para as igrejas nos bairros as atividades e projetos a serem desenvolvidos nas cidades.

¹⁰ O Estado de Roraima ainda é atendido pela AAmaR, embora haja um projeto recente de se criar uma associação que os atenda.



Figura 5: IASD Central da ACEAM (Primeira Igreja Adventista de Manaus). Localizada na Av. Sete de Setembro
Fonte: Dhyeizo Lemos



Figura 6: IASD Central da AAMAR. Localizada na Av. Noel Nutels.
Fonte: Pr. Lucas Alves

2.1. OS CULTOS ADVENTISTAS: domingo, quarta e sábado

Os cultos na Igreja Adventista são realizados principalmente em três dias: domingo, quarta-feira e sábado. E em cada um desses dias a liturgia acontece de maneira diferente, apesar de conter os mesmos elementos.

No domingo a programação é marcada para começar às 19:15, com os momentos de louvor e finalizar às 20:30. Nas minhas idas a igreja neste dia o culto começou às 19:20-19:30. Geralmente se canta dois hinos, se o horário estiver avançado ou três hinos se estiverem no horário padrão de iniciarem o culto. Enquanto se canta o pregador ou pregadora adentram com mais uma ou duas pessoas à plataforma, conhecida também como púlpito.

Nas quartas-feiras a liturgia acontece mais ou menos da mesma forma que no domingo. A diferença se concentra no momento que vem após a oração ajoelhados. Enquanto no domingo após esta oração acontece os anúncios, feitos por uma pessoa específica, geralmente o diretor de comunicação e que não necessariamente está na plataforma, na quarta há um espaço separado dentro da programação do culto para as pessoas se reunirem em grupos menores. Nesses grupos, elas têm entre 10-20 minutos para contar um testemunho ou fazer um pedido de oração. Em seguida uma pessoa faz a oração geral, anuncia-se o momento do ofertório e só então, a pessoa responsável pelo sermão inicia a pregação.

A programação do sábado se diferencia dos outros dias de cultos, tanto pelo seu horário, quanto pelo acréscimo de alguns elementos que não estão presentes no domingo e na quarta.

No sábado, uma essa equipe, que pode ser composta por membros de departamentos¹¹, uma família que congrega a IASD ou a própria coordenação da escola sabatina segue o roteiro quase nunca alterado da programação: boas-vindas, hino inicial, oração ajoelhados, informativo das missões mundiais, mensagem musical, unidades em ação, palavras de encerramento e oração final. Das ações realizadas nesse primeiro momento apenas o informativo¹² é um elemento que só se vê nos dias de sábado.

A unidade em ação é outro momento que só se vê na Escola Sabatina. Nesta ocasião as classes de adultos, jovens, adolescentes e crianças se reúnem para recapitular a lição da semana de acordo com o livreto com temas bíblicos a serem estudados dia a dia, denominado lição da escola sabatina. Além de recapitularem a lição da semana os alunos, coordenados pelo professor da classe, podem fazer

¹¹ Existem vários departamentos na IASD que são conhecidos também como ministério. Como exemplo podemos citar, o Departamento de Desbravadores, Ministério Jovem, Ministério da Mulher.

¹² Trata-se de histórias de conversão ocorridas em lugares que serão ajudados financeiramente pelas ofertas da Escola Sabatina durante o trimestre.

seus pedidos de oração e/ou agradecimentos. Também é feita uma chamada com base na relação de nomes inseridos no cartão da classe que é deixado no início da escola sabatina e recolhido posteriormente pela secretária deste departamento.

Após a escola sabatina, as classes se desfazem e cada pessoa pode sentar-se no lugar que desejar para participar do segundo momento da programação da manhã de sábado, a saber o culto divino¹³.

A liturgia do culto divino segue basicamente o mesmo roteiro da escola sabatina, sendo que é acrescentado dois elementos: o ofertório e o momento da criança. O recolhimento das ofertas e dízimos no sábado é antecedido pela apresentação de um vídeo onde se conta a história de fidelidade por parte de membros da IASD.

Outro aspecto diferente que ocorre no sábado é denominado Momento da Criança. Ao som de uma música as crianças se dirigem aos primeiros bancos a espera de ouvir uma história que pode ser bíblica ou que tenha uma moral.

O culto de sábado pela manhã, desde a escola sabatina até o seu encerramento por volta das 11:30 é realizado de maneira tranquila, sem muito barulho, com músicas mais lentas.

Já pela tarde, às 16:45, mais ou menos, começa o Culto Jovem. Nesta programação as músicas são um pouco mais agitadas, há dinâmicas bíblicas e frequentemente as pessoas ficam mais à vontade. Apesar de ser denominado Culto Jovem, pessoas de todas as idades o frequentam.

Por se tratar de um culto mais descontraído até as vestimentas dos frequentadores são mais despojadas: calça jeans ou social combinadas com camisas com temas da igreja com sapato social ou tênis para os homens e para as mulheres saias de modelos diversos, na altura do joelho ou longas, combinadas muitas vezes com camisas com temas da igreja, com sandálias rasteiras, na maioria das vezes.

Diferentemente, o culto do sábado pela manhã, no quesito vestimenta, segue uma outra tendência. Quanto as mulheres, é comum vê-las com roupas mais sociais sejam vestidos ou conjuntos de saia e blusa. Raramente se vê uma mulher usando calça comprida a menos que ela seja uma visita ou frequente alguma comunidade

¹³ Muitas vezes esse segundo período da programação do sábado que vem após a escola sabatina é denominado culto divino por esse momento conter a pregação.

adventista¹⁴. De todo modo, a maioria das mulheres usam salto pela manhã, o cabelo escovado e alguma maquiagem. Já os homens usam em sua maioria calça, camisa e sapato social, além de terno e gravata

Além dos dias específicos de cultos, a Igreja Adventista tem em sua programação anual alguns outros eventos que seguem, embora não à risca, as mesmas liturgias abordadas acima. Trata-se das semanas de oração ou evangelismo. As semanas de oração geralmente seguem temáticas que estejam de acordo com o que é proposto pelo departamento que está à frente da organização dos cultos. Por exemplo, se o departamento de Lar e Família está responsável de realizar os cultos durante aquele período, o conteúdo a ser explanado versará sobre família (relação dos cônjuges, relação pais e filhos, etc).

Quanto aos rituais, os identificados como mais proeminentes realizados pela Igreja Adventista são o Batismo e a Santa Ceia.

2.2. RITUAIS ADVENTISTAS: Batismo e Lava pés e Santa Ceia

Os rituais constituem-se em cerimônias importantes para um grupo religioso. Eles podem estar associados a momentos de fortalecimento da fé, de unificação dos fiéis, purificação, etc. Em um ritual, os participantes devem estar conectados, deve-se ter cuidado com o que fala e com as atitudes. O ritual, por tanto, deve ser seguido à risca, isto é, não pode ser feito de qualquer jeito (MONTES, p.09).

Os rituais que serão descritos a seguir, a saber o batismo e lava pés e santa ceia¹⁵, não são os únicos realizados no contexto religioso da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Contudo, eles são apontados pelos próprios fieis como sendo os mais importantes na prática religiosa. A significação que está por detrás deles lhes confere essa importância.

O batismo acontece com frequência e geralmente é resultado de ações evangelísticas, como o Evangelismo que citei em um parágrafo anterior. O Evangelismo, é um evento realizado na própria Igreja ou em um local externo a ela,

¹⁴ Em Manaus existe algumas comunidades adventistas (Alpha Ville, Viva Mais) Morada do Sol) que realizam programações um pouco diferenciada das igrejas dos bairros, como por exemplo encontro de pets. O que se diz sobre essas comunidades é que elas visam alcançar o público pós-moderno.

¹⁵ A cerimônia de lava pés acontece junto com a santa ceia está sendo considerado como um único ritual porque eles não acontecem separadamente em hipótese alguma.

onde a cada noite são ministrados sermões associados às doutrinas da IASD, tais como sinais do fim dos tempos e para onde vão os mortos, por exemplo.

Então, nessas séries evangelísticas, como também são denominadas, a membresia se envolve em várias atividades. É comum as mulheres participarem dirigindo os momentos de louvor e ficarem responsáveis pela recepção. Mas não é tão comum vê-las realizando os sermões. O “poder da fala”, fica majoritariamente sob responsabilidade dos homens, não só em se tratando de evangelismo como também nas pregações dos dias de culto.

Em conversas informais com membros da IASD, a explicação dada sobre tal realidade é que as mulheres “preferem não assumir essa função”, disseram alguns homens. Inclusive quando elas são chamadas para pregar, no domingo, na quarta-feira ou sábado, elas convidam um homem ou uma mulher que tenha o costume de pregar.

Do ponto de vista das mulheres, ouvi duas assertivas recorrentes. Algumas delas disseram que até querem pregar um dia, mas ainda não se sentem preparadas, enquanto outras dizem não se identificar com essa função afirmando que pregar não é o seu dom. De todo modo, os programas evangelísticos contam com a participação das mulheres em outras funções que não seja a pregação para o público.

A maioria dos batismos, por tanto, são resultados desse evento que ocorre em datas sugeridas pela Associação a qual a igreja pertence. Na maioria das vezes a programação dura em torno de 15 a 20 dias, mas os evangelismos de dez anos atrás, chegavam a durar até 30 dias, como se pode notar na fala dos membros mais antigos.

Os batismos geralmente são realizados no último dia da série evangelística e ocorre no local em que a programação está sendo realizada, isto é, no templo (ver imagem abaixo), contando com uma estrutura fixa, haja visto que as Igrejas Adventistas, pelo menos as que tive acesso, possuíam tanque batismal.



*Figura 7: Casal sendo batizado no tanque batismal
Fonte: Arquivo pessoal. Silva, Jucélya.*

Todavia quando o local do batismo não é a Igreja, uma caixa d'água (ver imagem abaixo) ou piscina inflável viram o tanque batismal. Há, portanto, a sacralização desse espaço (MAUSS e HUBERT, p.32) que não é igreja no sentido estético, mas se torna um local sagrado por conta das atividades religiosas que se realiza nele antes mesmo do evento acontecer, isto é, antes de haver o evangelismo propriamente dito, o lugar foi previamente consagrado através das orações.



*Figura 8: Exemplo de batismo fora da IASD
Fonte: Arquivo pessoal. Silva, Jucélya.*

De todo modo, independentemente de onde o ritual acontece no dia do batismo, há toda uma preparação do local. Algumas pessoas, geralmente os homens pertencentes ao departamento dos diáconos, ficam responsáveis de encher o tanque batismal, enquanto as mulheres se encarregam pela limpeza e decoração do ambiente e do próprio tanque, o qual comumente é enfeitado por flores artificiais ou naturais. Esses detalhes dão ao local e ao evento um aspecto de festejo que pode ser complementado com um coquetel ou jantar servido ao final da programação como forma de confraternização e recepção dos novos membros.

Mas antes dos comes e bebes, a programação é composta por momentos de louvor congregacional que marcam o início da liturgia do culto batismal. Em seguida é feita uma oração e é dada a palavra ao pastor o qual indaga os candidatos ao batismo, ao final do seu sermão, se os mesmos aceitam as doutrinas da IASD. Após esse momento, todos saem de cena para se prepararem para o batismo e a equipe de louvor ou algum outro convidado canta.

Por detrás do púlpito, em uma sala à parte, acontece a troca de vestimentas¹⁶. Tanto o pastor quanto os candidatos ao batismo vestem uma bata para que as roupas que estavam vestindo no início possam ser utilizadas posteriormente. O pastor entra primeiro no tanque e em seguida o (a) candidato (a) ou candidatos (caso haja pessoas da mesma família a serem batizadas, elas geralmente entram juntas no tanque), enquanto o grupo de louvor continua cantando. O pastor então, orienta o batizando a como deve se posicionar ao mergulhar nas águas¹⁷ e então, faz uma oração curta cuja palavras finais são: “Eu como ministro do evangelho, o batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”.

Uma vez que todos os candidatos ao batismo foram enfim batizados, o pastor ainda no tanque batismal, faz um apelo para eventuais visitas se dirigirem até onde ele está para receberem uma oração. Feita a oração, o grupo de louvor executa os cânticos enquanto o pastor sai do tanque para trocar de roupa.

¹⁶ Não é sempre que essa troca de roupas acontece. Há ocasiões em que o candidato ao batismo e o pastor realizam a cerimônia com as roupas que já estão vestidos e só fazem a troca, colocando uma roupa seca, depois da submersão nas águas.

¹⁷ Com os joelhos levemente flexionados, o batizando deve se apoiar no braço do pastor com umas das mãos, enquanto a outra deve tapar o seu nariz. Já o pastor apoia uma das mãos na cabeça da pessoa para facilitar a emersão.

Encerrada a programação, faz parte do ritual do batismo que os batizados (as) se coloquem à porta da igreja para receberem os cumprimentos dos membros e demais pessoas que estiveram presente.

Após essa interação, algumas vezes acontece um outro momento de confraternização que é o coquetel ou jantar, como disse em um parágrafo acima, contando com a colaboração dos próprios fiéis no tocante aos alimentos. Como explica Mintz (2001) “o comportamento relativo à comida liga-se diretamente ao sentido de nós mesmos e à nossa identidade social” (p.31). Com relação aos adventistas pode-se perceber que a confraternização pós-batismo serve como uma espécie de aula prática sobre quais alimentos se pode comer¹⁸, levando em consideração que o corpo é o templo do Espírito Santo.

Na prática de abster-se de certos alimentos está incutida a ideia de santidade. A antropóloga Mary Douglas (2014), tratando sobre essa questão em seu livro *Pureza e Perigo*, enfatiza que a “santidade é o atributo da divindade” (p.66), isto é, ser santo é ser separado.

No tocante a Igreja Adventista, há recomendações específicas quanto a ingestão de alimentos denominados puros e abstenção de alimentos impuros. Essa realidade tem sobre a vida desta comunidade religiosa um impacto que ultrapassa a questão da saúde física. Diante disso percebe-se o caráter espiritual que a alimentação possui, afinal ela “exerce papel relevante nas mais diversas religiões, e estas influenciam os modos de agir, sentir e pensar” (RONDINELLI, p. 2).

Um dos exemplos expostos no discurso sobre alimentação pela comunidade adventista é a história bíblica de Daniel, encontrada no livro de mesmo nome. Daniel e seu amigos quando foram levados para o cativeiro babilônico foram escolhidos para se apresentarem ao rei. Contudo, antes disso, foi-lhes recomendado que se alimentassem da melhor comida e melhor vinho do reino. Daniel, contestou a ordem dada e propôs ao guarda que lhe desse apenas água e vegetais. Chegando o dia de sua apresentação o rei constatou que ele estava com aspecto mais saudável, além de demonstrar maior inteligência que os demais.

A aplicação que os adventistas dão a história relatada acima é que com uma alimentação mais saudável as pessoas conseguem ter maior discernimento espiritual assim como terem uma melhor qualidade de vida. Deste modo, percebe-se

¹⁸ Os Adventistas do Sétimo Dia seguem o regime alimentar explicitado em Levítico 11.

que a ingestão de alimentos saudáveis além de estar proporcionalmente relacionado com a vida espiritual se estende para outros aspectos da vida.

Contudo, além dessa conotação, há o aspecto social do alimento. A narrativa bíblica demonstra vários episódios em que os hebreus do antigo testamento e os cristãos do novo testamento compartilharam comida uns com os outros. Nos tempos de Jesus, por exemplo, Ele e seus discípulos, participaram de um banquete oferecido por Simão e em outro episódio, compartilharam dois pães e dois peixes de um garoto para alimentar uma multidão.

Sob o aspecto antropológico, portanto, o alimento tem um caráter simbólico. O compartilhamento de comida em um evento religioso não se resume apenas a função de sustentar o corpo e suprir a fome, é mais do que “comer para viver”, como diz Da Matta (1987 apud PIMENTEL et al, p. 66) é “viver para comer”, isto é, tem a ver com a vida social.

De todo modo a comida é um elemento que se encontra nas religiões, seja para ingestão em momentos de confraternização ou como oferenda, como no caso das religiões de matriz africana. Na perspectiva bíblica há dois alimentos de suma importância para os cristãos os quais compõe um outro ritual. Trata-se do pão e do vinho (suco de uva).

No Novo Testamento, Jesus se autodeclara como “o pão da vida”. Todo aquele que se alimenta do pão nunca mais terá fome. A explicação que se ouve sobre essa referência pode ser exemplificada da seguinte forma: sendo o pão um dos alimentos base da nutrição judaica consumido com frequência, Jesus, se colocar como pão é o mesmo que dizer que Ele é o alimento essencial para alimentação espiritual. Em suma: uma vida espiritual depende de um alimento essencial, nesse caso, Jesus.

Em outro momento, no período da páscoa judaica, Jesus mais uma vez se coloca como pão associando-o ao seu próprio corpo. A última ceia, como ficou conhecida a reunião que precedeu a morte de Jesus, era mais do que uma confraternização religiosa de despedida, já que os ensinamentos apresentados ali deveriam ser continuados na vida cristã através do ritual de Santa Ceia.

É notório que as igrejas de uma maneira geral adotaram a Santa Ceia como parte de seus cultos. Na Igreja Adventista, a Santa Ceia se mostra como um ritual de purificação para aqueles que tomam o pão e o suco de uva. Segundo os pastores adventistas, o ato de ceiar pode ser entendido como um “mini batismo”, um momento

em que a pessoa relembra o sacrifício de Jesus em prol do ser humano, compartilha de seu sofrimento e revigora a fé. Essa definição (mini batismo) é decorrente da forma como a Santa Ceia acontece entre os adventistas.

Antes do compartilhamento do pão e vinho, propriamente dito, acontece o ritual do lava-pés, conforme se pode ver na imagem abaixo, lembrando o ato de Jesus lavar os pés dos discípulos, evocando a importância da humildade entre os cristãos.



Figura 9: Cerimônia de Lava-pés
Fonte: Arquivo pessoal.

Abaixo, descrevo como ocorre a cerimônia:

É sábado. Hoje, segundo o que foi anunciado dias antes para os membros da igreja, ocorrerá a Santa Ceia. Adentrando a Igreja é possível ver a mesa centralizada e com vários itens cobertos por toalhas brancas. A mesa está forrada com uma toalha branca também. Por detrás da mesa, algumas cadeiras. Aparentemente a visão que se tem é a de ser uma mesa de jantar normal, dessas que se encontram na casa de muitas famílias. Apesar da mesa, dos elementos postos sobre ela se encontrarem no meio da Igreja, ninguém se aproxima ou toca em qualquer coisa ali, exceto os diáconos e diaconisas, homens e mulheres vestidos com camisas brancas. A primeira parte da programação desse sábado matinal, a escola sabatina, se foi. Adultos e crianças compartilham agora do mesmo espaço. Há certo barulho de conversa entre as pessoas, até que os momentos de louvor se iniciam. Três músicas

solenes e então, uma música curta. Ao som desta última música, todos se levantam enquanto algumas pessoas adentram o púlpito. Boas-vindas, mais uma música cantada de forma congregacional e em seguida o pedido para que nos ajoelhemos. Ainda na mesma posição uma música curta é tocada e só então, todos levantam (apesar de alguns já terem levantado antes disso). Continua-se os momentos litúrgicos – vídeo de testemunhos, ofertório, mensagem musical – e enfim, o pastor tem a palavra para iniciar seu sermão. Na maior parte do tempo a Igreja é bem silenciosa e concentrada, de vez em quando alguém se levanta para tomar água, ir ao banheiro ou simplesmente para ficar em pé porque parece cansado de estar sentado. O sermão é curto porque ainda há mais coisas para acontecer. Então, a equipe de música continua sua função enquanto os membros da igreja se dirigem a um outro local. Há uma divisão clara nesse espaço. Homens e mulheres só acessam o mesmo espaço para realizar o ritual do lava pés se foram marido e mulher. A esposa lava os pés do marido e este lava os pés de sua esposa. Em outro ambiente ficam as moças e mulheres solteiras. Elas lavam os pés uma das outras assim como acontece entre os rapazes e homens solteiros. Em cada um desses espaços há várias bacias de alumínio distribuídas [...]. As pessoas que participam da cerimônia de lava pés reversam entre si: enquanto uma fica sentada a outra fica agachada, apoiando-se em uma das pernas. Nessa posição ela consegue pegar os pés de quem está sentado, faz uma concha com a mão para recolher a água que está na bacia e então, derramar nos pés da sua dupla. Em seguida, com algumas folhas de papel toalha os pés são enxugados. Agora é a vez de quem estava sentado lavar os pés da outra pessoa. Para isso, a água é trocada e todo o processo se reinicia. Uma vez que a dupla cumpriu esta parte do ritual, elas oram juntas e se abraçam. (Diário de campo, janeiro de 2018)

O lava pés é um momento intimista para quem o pratica. Eu indaguei com um dos líderes se uma pessoa poderia pular o ritual do lava pés e participar apenas da ceia e sua resposta foi negativa. Esse ritual é considerado como um momento propício para reconciliação entre os membros, como demonstração de humildade para com o outro: “Quando Jesus se reuniu com discípulos para o partir o pão e o vinho antes de tudo Ele demonstrou como deveria ser a atitude de um para com o outro”, me disse a liderança. A cerimônia em questão é vista como uma preparação, um pré-quesito, para enfim, tomar a santa ceia.

Depois de duas músicas solenes, quatro homens saem por uma porta que dá acesso a parte da frente da igreja, um deles é o pastor e os outros três são anciãos. Estes ajoelham-se, assim como nós, a plateia também tivemos que nos ajoelhar, enquanto uma oração curta é feita por um dos anciãos. Encerrada a oração, todos se sentam. Duas mulheres vão até à frente da mesa e retiram a toalha, a qual é dobrada com muito cuidado por elas duas. A mesa descoberta deixa à mostra os elementos que compõe a ceia: garrafas de suco de uva, pães e uvas e uns ramos de trigo fazem parte da decoração. Sobre a mesa se encontram dois recipientes um com cálices contendo o suco de uva e o outro com os pães sem fermento mais uma bacia com água, tendo ao lado sabão e uma toalha. Essa bacia com água serviu para que eles lavassem as mãos uns dos outros. O pastor pede então para que se coloque em pé as pessoas que participarão do ritual. A partir desse momento os diáconos estão autorizados a distribuir o pão e conforme as pessoas vão pegando elas vão sentando. O pão é sem fermento, com estrutura fina e está repartido em vários pedaços o que facilita sua acomodação no recipiente. Como a igreja não é grande dois diáconos, um de cada lado, conseguem fazer a distribuição indo de fileira em fileira. Eles então voltam até a mesa e colocam sobre ela o recipiente o qual é tomado por um dos anciãos, responsável de fazer a distribuição do pão para quem está à mesa e este que fez a distribuição entrega o depositário do pão ao pastor para que aquele que estava entregando possa agora pegar o seu pedaço também. Essa parte é meio complicada de se explicar, mas nitidamente se percebe que o pão só pode ser pego se oferecido por alguém. Em nenhum momento se vê alguém colocando a mão no recipiente se este não estiver sendo segurado por uma outra pessoa. O pastor, então, dá início a leitura de textos bíblicos referentes a Santa Ceia (Lucas 22), enfocando nesse primeiro momento na passagem que trata sobre o pão como o corpo de Cristo. Após a leitura, o pastor pediu para que todos fechassem os olhos em oração silenciosa. Depois de alguns segundo ele fez uma oração audível, seguida da frase “podeis comer o pão”. O mesmo acontece com a distribuição do suco de uva: os diáconos distribuem, os participantes recebem e sentam até que o pastor faça a oração e autorize a ingestão.

Todo esse cerimonial do lava pés e santa ceia são momentos de muita introspecção para muitos ali presentes. É possível ver pessoas se emocionando ao

participar desses rituais. A maior parte do tempo tudo se desenvolve numa atmosfera bastante solene.

Portanto, esse conjunto de cerimônias descritas acima estão entre os principais rituais desenvolvidos na Igreja Adventista, apesar deles ocorrem em momentos específicos, o que provavelmente os faz ter esse caráter mais solene. O batismo, se configura como um ritual de passagem (GENNEP, 1960), uma vez que a significação dada a ele é a de morte e vida, já que a pessoa a ser batizada deixa a sua vida de pecado (morre) ao ser submersa, tendo todo o corpo molhado pela água, e ressurgue como uma nova criatura para o Reino de Deus. Já a cerimônia do lava pés e santa ceia, estão ligados ao “perdão, simplicidade...me lembra que não sou melhor do que ninguém”, como expressou uma das mulheres para a qual perguntei o significado que ela dava para essa cerimônia.

2.3. O PROJETO “QUEBRANDO O SILÊNCIO”

O Quebrando o Silêncio, segundo o que consta em seu site oficial, é um projeto educativo realizado pela Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) desde 2002, cujo objetivo geral deste é promover ações educativas e de prevenção contra o abuso e a violência doméstica em oito países da América do Sul (Argentina, Brasil, Bolívia, Chile, Equador, Paraguai, Peru e Uruguai)¹⁹.

No entanto, em seu sítio eletrônico (quebrandoosilencio.org) não há informações sobre como o ele foi idealizado. Perguntei para esposas de pastores e coordenadoras do ministério da mulher, as quais comumente repetiam as informações descritas no site. Entrei em contato, inclusive, com a coordenadora do Ministério da Mulher para a Divisão Sul-Americana, mas sem sucesso. O que se sabe, portanto, é o que consta no site oficial da campanha Quebrando o Silêncio, onde se encontram também as diretrizes do Projeto.

Não obstante as atividades de conscientização serem direcionadas a população como um todo, percebe-se que a campanha enfatiza a questão familiar, dirigindo sua atenção aos casos em que envolve crianças, mulheres e idosos, por se

¹⁹ Os países da América do Sul listados estão sob a jurisdição da Divisão Sul-americana. A organização da Igreja Adventista do Sétimo Dia

tratar de um grupo vulnerável, como ressaltam os sermões e revistas do Quebrando o silêncio.

Dos cinco objetivos apresentados pelo Projeto, três citam explicitamente as famílias:

1. Orientar as famílias, educadores e alunos quanto à “necessidade de quebrar o silêncio e buscar junto aos órgãos competentes o apoio necessário”;
2. Através de palestras e materiais impressos promover a paz e formar um “padrão cultural de que a violência na família é inaceitável”
3. Resgatar os valores cristãos do amor e respeito ao próximo” a fim de que as famílias sejam fortalecidas posto que é no âmbito familiar que ocorre a “interiorização de valores”.

Embora a proposta seja que durante o ano todo aconteçam ações que cumpram os objetivos indicados pelo Quebrando o Silêncio, é no quarto sábado do mês de agosto que o Projeto se torna visível a membresia e a comunidade já que neste *Dia de ênfase contra o abuso e a violência*, como é denominado, é sugerido que as igrejas realizem “passeatas, fóruns de pais, eventos de educação”.

Porém, enquanto membro da igreja que já participou de várias edições e como pesquisadora que acompanhou o Projeto nas edições 20016-2017, o que constatei é que as igrejas mantiveram seu foco nos sermões e passeatas.

Sendo membro de igreja, nunca havia me questionado antes sobre o Quebrando o Silêncio ter apenas passeata e sermões. No processo de pesquisa, tive que questionar, como propôs Roberto Cardoso de Oliveira (2000), o olhar, o ouvir e agora o próprio escrever, sendo neste momento da textualização que “a questão do conhecimento se torna tanto ou mais crítica” (p.25).

Quanto aos sermões e passeatas que citei acima, eles são apenas uma parte do material que a Igreja disponibiliza para o desenvolvimento do Projeto. Anualmente, de acordo com a ênfase que o Projeto está dando para a campanha naquele ano, os materiais ficam disponíveis no site oficial.

2.4. MATERIAIS DE APOIO

Todos os anos as Igrejas Adventistas do Sétimo Dia recebem materiais para o desenvolvimento da campanha Quebrando o Silêncio. São revistas, panfletos,

livretos de sermão, arte para estamperia, cartaz, outdoor, adesivo etc. Abaixo alguns exemplos desses materiais.



Figura 10: Revista Quebrando o Silêncio para crianças, 2010.
Fonte: <http://quebrandoosilencio.org>



Figura 11: Frente e verso da Revista Quebrando o Silêncio Teen, edição 2017.
Fonte: IASD

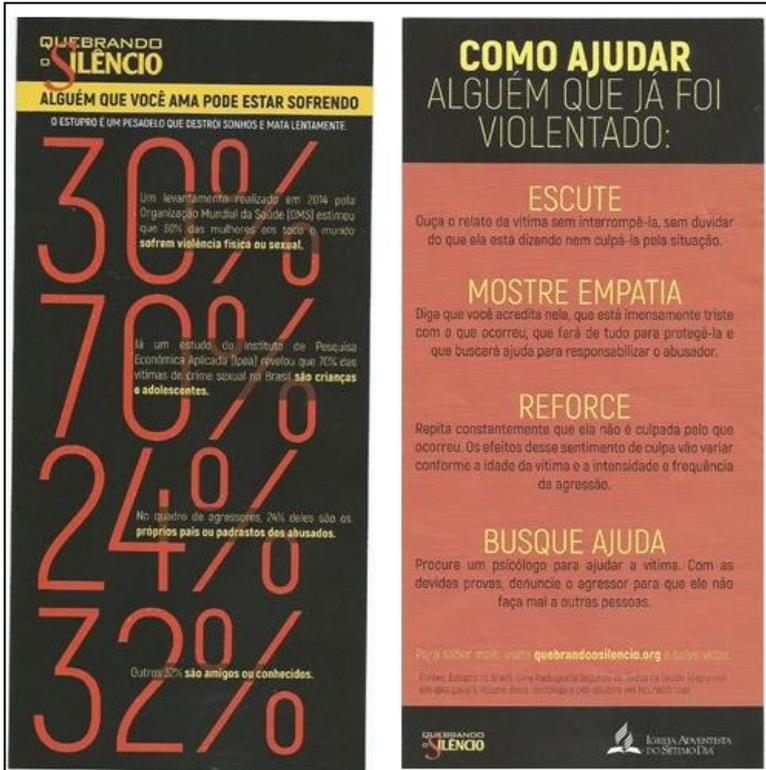


Figura 12: Frente e verso do Panfleto distribuído à população no dia 26 de agosto de 2017. Fnte: IASD



Figura 13: Revista Quebrando o Silêncio, 2012
 Fonte: <http://quebrandoosilencio.org>



Figura 14: Capa da Revista Quebrando o Silêncio, edição 2016.
Fonte: IASD

Fazendo uma retrospectiva desses materiais ao longo desses dezesseis anos de Projeto percebe-se que eles foram sendo modificados e outros foram sendo incluídos. Em 2009, por exemplo, ano em que os materiais foram disponibilizados no site quebrandoosilencio.org, foi possível constatar que no referido ano estava disponível um modelo de cartaz para impressão, panfleto, arte para imprimir adesivo, banner e camiseta. Em 2010 foi incluída arte para Label CD/DVD.

Nos anos subsequentes não houve novidades a não ser em 2013 e 2014. No ano de 2013 não teve revista para os adultos, apenas para as crianças. Em contrapartida ficou disponível no site, arte para Outdoor, Powerpoint e arte aberta para ser usada em blogs, sites e redes sociais além de vídeos para download.

Já em 2014, em decorrência da copa do mundo, onde Manaus foi uma das cidades sede, o Projeto contou com revistas em inglês e arte para adesivar carro, sendo este último material mantido nos anos 2016 e 2017.

Embora parte dos materiais disponibilizados só sejam possíveis acessar pelo sítio eletrônico, alguns são entregues diretamente as coordenadoras do Ministério da Mulher. É o caso dos panfletos e revistas que atendem o público adulto, infantil e mais recentemente o público teen, assim como o sermão do dia ênfase .

2.5. O SÁBADO ÊNFASE: Como acontece na prática

O quarto sábado do mês de agosto é inteiramente dedicado ao Sábado Ênfase. No começo de cada ano já é possível saber em qual dia do mês o Quebrando o Silêncio será realizado, uma vez que a data sai no calendário anual das atividades da Igreja²⁰.

Neste dia toda a programação local fica sob responsabilidade da coordenadora do Ministério da Mulher²¹. Isto é, a coordenadora realiza algumas reuniões tanto com as mulheres da igreja a qual frequenta quanto com a coordenadora do distrito e esposa do pastor local²² a fim de definirem as ações para este dia. A coordenadora, de comum acordo com suas lideradas, define a parte²³ que cada uma delas desempenharão no programa, seja na escola sabatina ou culto.

Na manhã do quarto sábado por volta das 8:00 horas, quem chega na igreja ver duas ou três mulheres fardadas com suas blusas rosas, lenço branco no pescoço e saia preta²⁴ na porta de entrada, recebendo a membresia e as visitas. Atravessando a recepção, dentro da igreja se encontram outras mulheres também fardadas esperando o momento em que desempenharão a parte que lhes corresponde no programa de acordo com a liturgia do sábado e do que ficou determinado em reunião.

Os cultos na Igreja Adventista ocorrem três vezes por semana: Domingo, Quarta e Sábado, sendo o sétimo dia da semana, o principal dia de adoração. Neste dia, a liturgia do culto acontece de maneira diferente²⁵ dividido em dois momentos: Escola Sabatina e Culto Divino, como é denominado por muitos fiéis.

No sábado do Quebrando o Silêncio as igrejas, pelo menos as que tive acesso durante a pesquisa e em outros momentos, seguem esse padrão: Escola sabatina e depois o culto. Mas há exceções. Há igrejas que preferem que o culto

²⁰ A cada início de ano as igrejas adventistas recebem um calendário de atividades onde consta a data e o evento de cada mês. Esse calendário é enviado aos anciãos (é assim que são chamados os líderes que estão abaixo do pastor) por intermédio do pastor da igreja ou em alguma reunião geral por parte da Associação (em Manaus existe duas associações –ACEAM e AAMAR – as quais coordenam as igrejas adventista de Manaus e de Roraima).

²¹ O Ministério da Mulher é um departamento da igreja coordenado por mulheres e responsável por alguns projetos incluindo o Quebrando o Silêncio;

²² A reunião com a coordenadora do distrito e esposa do pastor é para definir como será a passeata.

²³ Muitos membros da igreja usam a palavra *parte* para designar a atividade que cada pessoa vai desempenhar em uma programação.

²⁴ Esse fardamento foi correspondente ao ano 2016-2017. É o fardamento padrão da Associação Amazonas Roraima. Ouvi em algumas conversas recentes que para este ano a blusa será outra.

²⁵ No capítulo 1 consta com mais detalhes a liturgia dos cultos;

aconteça no primeiro horário para que ao término do mesmo haja uma caminhada pela comunidade distribuindo os materiais de conscientização.

Em 2017, a coordenação do ministério da mulher e a coordenação geral da IASD decidiu que fariam a caminhada após o culto. Como normalmente o culto termina por volta de 11:15 – 11:30 da manhã, momento em que o sol está bem intenso, decidiram que o culto fosse no horário da escola sabatina. Assim sendo, por volta das 10 hs, tendo terminado o sermão, as pessoas que se encontravam na igreja saíram para distribuição das revistas e folhetos.

No ano anterior, porém, não houve essa alteração. A escola sabatina e culto aconteceram na ordem em que normalmente são, mas a passeata que a igreja local empreendeu pelo bairro aconteceu antes da escola sabatina por volta das 7:15.

Em 2016, portanto, a programação do dia ênfase começou com os momentos de louvor. Estes momentos (também conhecido como momentos de cântico ou doxologia) que antecedem a Escola Sabatina foram realizados por mulheres uniformizadas. Posicionadas à frente da igreja cantam de 8:15 até as 8:30. As músicas, mais ou menos três ou quatro, são do Hinário Adventista ou do cd do Ministério da Mulher.

Enquanto isso, na parte de trás da igreja, em uma sala se encontrava algumas mulheres aguardando para entrarem pela porta que dá acesso a plataforma. É neste local em que o restante da programação continua distribuída em pelo menos 10 itens:

1. Boas-vindas
2. Hino Inicial
3. Oração ajoelhados
4. Informativo Mundial das Nações
5. Mensagem Musical
6. Unidades em ação:
7. Oração para recapitulação da lição
8. Palavras de encerramento
9. Hino Final
10. Oração final

Após esse momento as mulheres que desempenharam as funções descritas até o item 7, se retiram para suas devidas classes de adultos ou crianças. Isso porque algumas dessas mulheres são professoras de classes infantis.

Uma vez estando em suas determinadas unidades em ação, como também são denominadas as classes da escola sabatina, professores e alunos ficam de 8:45 até 9:25-9:30²⁶ mais ou menos.

Para realizar a última parte da programação da escola sabatina (itens 8 a 10) as mulheres voltam para a plataforma, às vezes as mesmas que realizaram a primeira parte. Enquanto acontece o encerramento outras mulheres aguardam para participar do segundo momento da programação marcado principalmente pela pregação de um sermão voltado para a temática do Projeto.

A pregação é um dos pontos altos na programação do dia Ênfase. Para esse dia um sermão preparado previamente²⁷ é entregue para a coordenadora do Ministério da Mulher de cada igreja. Com este material em mãos a coordenadora escolhe a pessoa que irá pregar ou se preferir ela mesma prega.

A escolha de quem fará a pregação é um aspecto interessante posto que muitas coordenadoras do Ministério da Mulher preferem que seja um convidado de fora, isto é, alguém que não congrega na mesma igreja em que irão pregar.

Além disso, parece haver certa preferência de que seja uma mulher a pessoa responsável pelo sermão. Mas isso não é uma regra geral. Homens também são convidados para a pregação deste dia embora o que tenha observado é que na maioria dos casos o sermão é pregado por uma mulher. É como se no dia ênfase as mulheres tivessem uma visibilidade maior que nos outros dias de programação da igreja.

Com relação a igreja em que estive no dia do Quebrando o Silêncio em 2017, a pessoa responsável pelo sermão foi uma mulher que congrega na mesma igreja. Neste dia fui convidada junto com outras mulheres a acompanhar a pregadora, onde pude observar de um outro ângulo como se comportam os outros membros da igreja já que me encontrava de frente para eles.

Antes de adentrarmos ao lugar chamado plataforma nos reunimos na sala que dá acesso ao lugar de pregação, onde foi determinada a parte que cada uma das mulheres desempenharia na programação. Essas partes, a qual me refiro, são

²⁶ No item 2.1, deste capítulo, consta a liturgia dos outros dias de culto;

²⁷ Os sermões vêm da Divisão Sul-Americana.

os itens que compõem a liturgia do culto, descritas na maioria das vezes nos livretos dos sermões. Dos sermões que tive acesso apenas o referente ao ano de 2017 não possuía liturgia sugestiva.

O que se pode observar é que a liturgia colocada em prática no dia ênfase se assemelha mais a liturgia que acontece todos os sábados em dias comuns de culto do que com a que é sugerida para o Quebrando o Silêncio.

Em 2017, no entanto, algo incomum aconteceu. O culto que normalmente ocorre no segundo momento das programações sabáticas foi realizado no primeiro horário começando às 8:15 da manhã com os momentos de louvor.

Como eu fui convidada para participar da programação sendo uma das componentes da plataforma o relato que se segue é sobre como aconteceu o rito desse dia.

Antes de acessarmos a plataforma, três hinos foram cantados como preparação para este momento. No terceiro hino entramos e nos ajoelhamos enquanto a pregadora fazia uma oração silenciosa. Enquanto estamos ajoelhados o restante da igreja já se encontra em pé. A oração da pregadora coincide com o término da música e é neste momento que nos levantamos ao som de um quarto hino. Quando este hino termina a pregadora fez uma oração de invocação no microfone pedindo sabedoria de Deus e que todos entendessem a mensagem. Em seguida, dei as boas-vindas e anunciei o hino que todos cantaram juntos. Terminado o hino outra pessoa convida a todos a se ajoelharem para o momento de oração congregacional. Nesta oração se pediu uma benção sobre quem ouvirá o sermão, mas também pela pessoa que irá “repartir o pão da vida²⁸” ou seja a pregadora. Após essa oração todas as pessoas se assentam, inclusive quem compõe a plataforma. Continuando a cerimônia do culto, a ação seguinte é o recolhimento dos dízimos e ofertas onde os diáconos passam com as saúvas em cada banco logo após a exibição de um vídeo-testemunho. Depois do ofertório é realizado o momento da criança e uma mensagem musical²⁹. Mas excepcionalmente no dia ênfase do ano de 2017

²⁸ Este termo pão da vida é bastante utilizado e diz respeito a pregação. No caso, o pão da vida é a mensagem que será pregada, é a bíblia que será explicada. Em outro contexto se refere a Jesus que chamou a si mesmo de Pão da Vida.

²⁹ Esses dois momentos ocorrem normalmente na programação do culto. O momento da criança é onde uma pessoa que pode ser uma professora, adolescente ou adulto da igreja, conta uma história bíblica de maneira mais lúdica. Em alguns livretos do quebrando o silêncio além do sermão consta também a história para as crianças.

nenhuma destas atividades ocorreram de modo que a pregadora pode iniciar o sermão antes do tempo previsto. (Diário de Campo, 2017).

2.6. SERMÕES DO DIA ÊNFASE: 2009, 2010, 2012 e 2015.

Como já ressaltéi em outra ocasião deste texto, o sermão é um momento importante nos cultos da Igreja Adventista. Mas com relação ao sábado ênfase o sermão evidencia temas que abarcam questões de violência.

No quadro abaixo busquei relacionar o título do sermão e a ênfase que o Projeto deu respectivamente ao ano de execução. Para montar esse quadro fiz download de todos os sermões disponíveis nos sites oficiais do Quebrando o Silêncio e da Igreja³⁰.

O quadro abrange os anos de 2007 a 2017. No entanto, os sermões correspondentes aos anos 2007, 2012 e 2014 não foram encontrados, mas foi possível saber qual a ênfase a partir da revista que foi disponibilizada como material nos referidos períodos.

Quanto aos sermões que compreendem os anos 2002 a 2008 não foram encontrados no site e nem com pessoas que contatei. Dessa forma, têm-se, portanto, sete sermões com suas ênfases e respectivos autores ao longo de dezesseis anos de Projeto³¹.

Quadro 2: Relação de títulos dos sermões do Dia Ênfase em seus respectivos anos

| ANO | TÍTULO DO SERMÃO | ÊNFASE |
|------|---|---------------------------------|
| 2007 | - | Abuso a crianças e adolescentes |
| 2009 | Deus ouve, Deus vê Autor: Pr.Juan Choque Fernández | Violência doméstica |
| 2010 | Erga a voz e defenda Autoras: Sônia Rigoli Santos | Violência Contra a Mulher |
| 2011 | Se não tiver amor, nada serei | Bullyng |

³⁰ O Projeto Quebrando o Silêncio possui uma página oficial em que se encontram muitos dos materiais que eu cito neste trabalho. Mas alguns sermões foram encontrados no site da Igreja (adventistas.org).

³¹ Em 2018, o Projeto completa dezesseis anos de existência.

| | | |
|------|---|------------------------------------|
| | Autor: Pr. Jaime Wolff | |
| 2012 | - | Superação da violência |
| 2013 | Amigo virtual ou pessoal? Autor: Felipe Lemos | Violência virtual |
| 2014 | - | Exploração sexual / Turismo sexual |
| 2015 | Liberdade nos relacionamentos Autoras: Elaine Oliver e Willie Oliver | Violência doméstica |
| 2016 | Os valores da família e o problema das drogas Autor: Rafael Rossi | Drogas e violência |
| 2017 | Violência Sexual contra a mulher Autoras: Vania Denise Carnassale e Marli Peyerl | Violência sexual / Estupro |

Org. SILVA, Jucélya, 2018.

Observando as ênfases dadas em cada ano do Projeto percebe-se que dos sete sermões citados no quadro acima, dois especificamente abordam a temática da violência doméstica e um trata sobre violência contra a mulher. Isso não quer dizer que o Projeto funcionou apenas em torno desse tema nos respectivos anos e não significa também que nas ênfases dos outros anos esses temas não foram abordados.

Entende-se que as ênfases servem para direcionar as ações que as igrejas irão empreender a cada ano. Todavia, no momento da pregação e nas passeatas se proclama o discurso da não violência seja ela qual for, a quem for e onde quer que aconteça de modo que os outros grupos considerados como vulneráveis, também são ressaltados.

Como este trabalho se propôs a abordar a questão da violência doméstica a mulheres adventistas, me detive em analisar os sermônios³² de 2009, 2010 e 2015, mais a revista de 2012, cujo foco foi a superação da violência.

O sermão de 2009 foi escrito pelo pastor Juan Choque Fernández. Ele inicia discorrendo sobre a importância do lar, o qual foi estabelecido para oferecer a

³² Sermônio é uma espécie de livreto composto por apenas um sermão, correspondente ao tema definido no projeto “Quebrando o Silêncio”. Este sermão pode ser definido como orientações com bases bíblicas que levem a um alerta sobre a questão da violência de forma geral. Especificamente, os anos elencados acima tratam da violência doméstica, por isso analiso-os aqui.

“condição propícia ao desenvolvimento das mais puras demonstrações de afeto e encher de felicidade os que dele fazem parte” (p.9). Enquanto o lar, com a união inicial de Adão e Eva, está na condição das coisas que Deus fez e disse que eram boas (vide o texto bíblico Gn. 1.31 a expressão tudo era muito bom), o autor faz referência a Satanás como a criatura que procura distorcer essa noção de lar como algo bom.

Para abordar a questão da violência no lar, o pastor Juan foca sua abordagem relatando a história bíblica da família de Abraão e Sara. Deus havia feito uma promessa ao casal dizendo que o patriarca seria pai de muitas nações. Como ambos já estavam em idade avançada e Sara acreditando que a promessa dizia respeito apenas a Abraão, já que era estéril, disse ao seu marido para manter relações sexuais com sua serva Agar. Dessa relação, nasce Ismael e inicia-se os conflitos na família.

É neste ponto da história que o autor alude os conflitos da família com a incredulidade de Sara. Foi a falta de confiança dela que “levou-a a fazer uma proposta desastrosa ao seu esposo” (Sermonário, 2009, p. 9) ao ponto de Abraão se deitar com Agar e gerar um filho. A partir do nascimento da criança todos os conflitos teriam acontecido.

O que o autor do sermão evidencia é que por conta do nascimento de Ismael o clima de violência se instaurou principalmente entre Sara e Agar. O pastor Juan ressalta que as agressões não foram apenas verbal. Segundo ele, “é bem provável que Agar tenha sido novamente marcada como escrava para não se esquecer de seu status” (ibidem, p. 10).

Toda essa situação resultou na fuga de Agar e Ismael para o deserto. Para o pastor Juan, a serva de Sara agiu incorretamente em ter saído de casa. Ratifica essa ideia fazendo um contraponto com a atualidade dizendo que as ruas não são o melhor lugar e “há hoje uma grande quantidade de mulheres e crianças nas ruas, que fugiram de seus lares violentos” (ibidem, p.10).

Em duas páginas de sermão foi possível perceber duas questões: 1. O autor atribui a responsabilidade (palavra esta que poderia ser substituída por culpa) do conflito a Sara e 2. A alusão de que ficar em casa, mesmo sofrendo violência, é melhor do que ir para rua.

Quando Fernández constrói sua narrativa colocando sobre Sara a culpa, ele corrobora para reforçar o estereótipo já existente entre os membros da igreja. Afinal

não é incomum, embora haja exceções, ouvir de muitos homens de dentro da igreja que a culpa do homem ter pecado foi da mulher, por exemplo. Essa ideia é uma armadilha do senso comum no sentido de fortalecer a autoridade masculina, bem como de reforçar o papel da mulher como a culpada bíblica, como responsabilizando-a pela harmonia familiar, do casal ao lar como um todo.

Segundo o pastor Fernández, é recomendado que as mulheres vítimas de violência doméstica ao realizarem a denúncia só voltem para casa acompanhadas por alguém que lhes garanta segurança a sua vida. Esse discurso dá margem para entender que a pessoa sair da sua casa é algo errado e que só se deve tomar tal atitude quando o ódio e a violência forem algo irracional³³.

Em outros momentos do sermão, o mesmo pastor diz que “não há desculpa alguma para o abuso físico nem para o abuso verbal” e que é preciso quebrar o silêncio. Diz ainda, que “Deus está atento ao clamor de mulheres maltratadas, que não podem erguer a voz nem romper os laços do abuso e da violência. DEUS OUVI o clamor suplicante. Não existe uma voz de súplica que deixe de ser ouvida por Ele”. (Sermonário, 2009).

Na conclusão o autor do sermão reafirma a ideia inicial de que a violência é simplesmente resultado da falta de confiança em Deus. No entanto, durante a pesquisa muitas mulheres que sofreram violência relataram que foi a confiança em Deus que lhes ajudou a sair da situação de conflito.

O sermão de 2010 sob o título “*Erga a voz*” foi escrito por Sônia Rigoli Santos³⁴, teóloga e Diretora do Ministério da Mulher e AFAM³⁵ da União Central Brasileira no ano correspondente.

Como introdução para o seu sermão, a teóloga evidencia a história de quatro pessoas. A primeira delas é Luciana, que sofrera uma queimadura quando criança. O pai, a fim de continuar usando-a para conseguir dinheiro através das esmolas, “usava pontas de cigarro aceso para abrir novamente a ferida” sempre que a queimadura já estava sarando até o ponto de comprometer os ossos, tendões, a carne e a pele da menina. Uma vizinha levou o caso a Igreja em que frequentava

³³ A frase completa que consta no sermão é: “Normalmente, o ódio e a violência para com os mais frágeis são algo irracional. O melhor mesmo é sair”. Ele se refere a saída de Agar para o deserto.

³⁴ Formada em Teologia, Sônia foi a primeira mulher a receber o título de Mestre em Teologia na IASD, no Brasil.

³⁵ AFAM é a sigla para Área Feminina da Associação Ministerial. É um departamento que atende as esposas e famílias dos obreiros da igreja.

pedindo que intercedessem por Luciana. E segundo a autora, a menina foi retirada da guarda do pai.

O próximo relato foi sobre uma mulher que possuía um cargo importante na igreja e que era admirada por se mostrar uma mulher muito cristã. No entanto, sofria abusos físicos por parte de seu esposo, o qual batia somente na cabeça, para não deixar marcas no corpo dela.

Embora não houvesse hematomas no corpo desta mulher, os membros da igreja, inclusive o pastor e sua esposa, percebiam que seu falar e portar denunciava algo de diferente. “A esposa do pastor se aproximou para tentar descobrir como ajudá-la” e ao fim de um “sermão do Quebrando o Silêncio, ela finalmente teve coragem de expor seu problema” (Sermonário, 2010, p.6). A mulher foi aconselhada pela esposa do pastor e a “ajudou a encontrar meios, nos órgãos públicos de proteção à mulher, para cessar a violência” (ibidem, p.6).

Outra história citada por Sônia foi sobre a namorada de um rapaz que era abusada sexualmente pelo pai, sendo este um dos líderes da igreja. A mãe da moça não tinha conhecimento do ocorrido. Ao ouvir o sermão no dia ênfase do Quebrando o Silêncio, o rapaz procurou a oradora e pediu ajuda. A pregadora por sua vez entrou em contato com a mãe da jovem expondo-lhes os fatos e segundo o que consta no sermão mãe e filha foram postas em segurança “e nunca mais sofreu qualquer tipo de abuso” (ibidem, p7).

A quarta e última história é sobre uma mãe “que era dura em suas palavras e cheia de ameaças cruéis a sua criança” (ibidem, p.7). Observando essa situação uma mulher da igreja passou a visitá-la frequentemente explicando-lhe as implicações negativas de suas palavras e ações. “Arrependida, a mãe buscou auxílio médico e tornou-se uma mãe amorosa” (ibidem, p.7).

Estes relatos apresentados pela autora tiveram um desfecho positivo devido a atitude da vizinha, da esposa do pastor, do namorado, da oradora e da irmã da igreja. É essa a ideia que está presente no sermão de 2010.

O objetivo da autora é chamar atenção para a função social que os membros da igreja e demais pessoas têm quando se depararem com pessoas em situação de violência, baseado no texto bíblico que se encontra em Provérbios 31:8-9: “erga a voz em favor dos que não podem defender-se, seja o defensor de todos os desamparados...defenda os direitos dos pobres e dos necessitados”.

Na continuidade do sermão, a teóloga ressalta que a Bíblia apresenta muitos exemplos positivos que “devem ser imitados e exemplos negativos que nos ensinam algumas lições” (ibidem, p.7). Dentre os exemplos negativos e correlacionados com a temática da violência, ela aponta a história de Jezabel como uma das mais impressionantes no que diz respeito a esse aspecto.

Seguindo essa narrativa, Sônia pontua que Jezabel era uma “mulher de desígnios mais firmes que seu marido. Sem escrúpulos, no uso do poder que o rei devia conservar em suas próprias mãos, para ela o poder era tudo” (ibidem, p.7).

Trazendo à tona várias situações em que Jezabel não mediu esforços para ter poder, a autora demonstra que esse desejo pelo poder desencadeou uma série de atos violentos cometidos pela personagem bíblica. Para complementar essa ideia, Sônia utiliza o conceito apresentado pelo escritor do livro *Amores que matam*, o qual afirma que a violência é usada como recurso de controle e manipulação (NÚÑEZ, 2005, p.40).

O que o sermão evidencia, portanto, é que essa situação de controle e manipulação são vistas nas relações familiares, incluindo a relação entre cônjuges. Em outras palavras, para a autora do sermão, uma relação que se enquadra no binômio dominador versus dominada engendra uma série de atos violentos, prejudiciais ao relacionamento a dois.

No entanto, a autora assinala que o plano de Deus ao criar o casamento não era que o homem dominasse sobre sua esposa, apesar de haver textos bíblicos utilizados com esse propósito. Ressalta então, a importância de mudar esse padrão a fim de que a violência não seja perpetuada. Em suas próprias palavras ela diz: “Portanto, se queremos que haja paz na família, que haja paz na igreja, que haja paz na Terra, precisamos fazer cessar a violência” (Sermonário, 2010, p.10).

Então a teóloga dirige seu apelo aos membros da igreja pontuando formas práticas de como defender os desamparados, os que sofrem violência. Dentre esses pontos estão: 1. Acredite na vítima; 2. Reforce que ela não é culpada pela agressão; 3. Não a critique por não ter denunciado o problema antes; 4. Ajude-a a entender que o que lhe aconteceu não é da vontade de Deus; 5. Aja denunciando as autoridades competentes: delegacias de mulher, delegacias comuns, conselho tutelar, etc.

Além disso, Sônia pontua também quais as responsabilidades da igreja quanto aos casos de violência. Ela diz que é papel da igreja oferecer proteção a

vítima, “fazer cessar a violência do agressor, confrontando-o ou solicitando à autoridade competente que intervenha”. Quanto ao casamento, a postura da instituição religiosa deve ser a de restaurar o enlace e a família, se for possível.

O sermão encontrado no sermônário de 2015 trata especificamente sobre violência a mulheres sob o título *Liberdade nos relacionamentos*. Escrito por Elaine Oliver e Willie Oliver, o referido sermão apresenta conselhos bíblicos “a respeito de como estabelecer relacionamentos saudáveis e sólidos” especialmente na família (Sermônário, 2015, p. 4).

Neste sermão, as autoras, antes de se aterem aos “conselhos”, fazem suas considerações sobre a “natureza destrutiva da violência e do abuso na família” para então, apresentar o “propósito original de Deus e de Seu plano perfeito” para as relações (ibidem, p.4).

Interessante salientar que a abordagem das autoras, penso que por serem mulheres, muda em relação a abordagem feita em 2009, em que o pastor-escritor, por ser homem, atribui a causa da violência conjugal como de responsabilidade feminina. Já as autoras ancoram-se em analisar a natureza da violência, não culpando a mulher por qualquer ato.

Elas iniciam suas considerações afirmando que os abusos físico, sexual e emocional estão inclusos no que consideram como violência doméstica. Sobre o aspecto destrutivo da violência, pontuam os problemas de saúde que as vítimas apresentam como distúrbio de sono, depressão, dores de cabeça, por exemplo.

Considerando o ambiente religioso, as autoras salientam o aspecto leviano tanto por parte dos agressores que em muitas situações utilizam a escritura bíblica e a teologia para justificar os abusos que praticam, quanto por aquelas pessoas que tem boa intenção em ajudar, como na fala de uma das participantes fica explícito o entendimento de injustiça diante das ponderações da igreja: “mas também usaram mal a Bíblia para convencer as vítimas a aceitarem a violência em sua família” (ibidem, p.5).

Para, além disso, este sermão corrobora com o sermão de 2010 quanto ao papel da igreja na luta contra a violência ao afirmar que:

A comunidade religiosa não pode mais permanecer em silêncio, pois isso perpetua a incompreensão do tema da violência doméstica e não conduz à mudança. A igreja pode ajudar as famílias a fazer

cessar o abuso e pode criar ambientes mais saudáveis para as crianças, adolescentes e adultos. (Sermonário, 2015, p. 5).

No entanto, percebe-se que o que Elaine Oliver e Willie Oliver buscam com esse sermão é chamar atenção ao fato de que a igreja tem que ter conhecimento sobre a temática. Então, a função primeira é capacitar as pessoas e famílias sobre como ter relações saudáveis. E para isso se utilizam dos textos bíblicos pois, segundo elas, “as Escrituras apresentam o quadro real de como devem ser as relações humanas” (ibidem, p.8).

Para as autoras a Bíblia apresenta quatro elementos básicos para esse modelo de relações piedosas. O primeiro deles é *pacto*. Assim como Deus fez um pacto eterno com seu povo, o relacionamento dos cônjuges deve seguir esse padrão. A *Graça* é o segundo elemento. Ela está associada ao perdão. Sem ela não há amor e consideração mútua entre os membros da família.

Os dois outros elementos são habilitação e intimidade. O primeiro diz respeito a capacidade de saber usar o poder. Segundo as escritoras, esta “é a característica de Jesus Cristo que os membros de nossa família mais devem imitar”, posto que essa capacitação muda o conceito de autoridade. A intimidade, por sua vez, está associada a liberdade. Quando os membros da família são íntimos podem ser quem são.

Após discorrerem sobre cada um desses aspectos, as autoras reiteram que “a intenção de Deus é que o relacionamento entre marido e mulher siga o modelo de Seu pacto infinito com Seu povo” (Sermonário, 2015, p.12). Portanto, o apelo final é que todas as pessoas busquem esse modelo tanto as que já enfrentaram quanto as que não enfrentaram situações de violência.

No entanto, tais diretrizes entram em contradição ao serem colocadas no plano material da igreja, pois somente tem servido, segundo observações diretas e de acordo com relatos, para emanar “fórmulas de bem-viver”, mas, de fato, não expõem e nem tratam das questões prementes de violência conjugal no cenário religioso.

Por último, tendo em vista que o sermão de 2012 não foi encontrado, abordarei o conteúdo da revista do referido ano, cuja temática central é violência doméstica enfatizando os caminhos da superação.

A revista mencionada apresenta alguns dados estatísticos sobre abuso, uma matéria sobre o combate a pedofilia, bullying e uma página reservada com lista de telefones e site para quem precisa de orientação e ajuda na hora de denunciar.

Além disso, a revista aborda a temática do perdão, sendo este um ponto interessante na fé cristã. Sobre esse aspecto observa-se que há o incentivo para que a vítima perdoe seu agressor. Contudo, o fato dela perdoar não significa que deva continuar em um relacionamento agressivo.

Quanto ao aspecto da violência doméstica, a edição deste ano separou três artigos: 1. *“Ele era um dos nossos...”*; 2. *“Violência é crime”* e 3. *“Proteção legal contra a violência”*.

O primeiro artigo, de Eloína Novaes, aborda o que leva um agressor a se comportar de modo agressivo. Segundo o que o texto indica, a agressividade de uma pessoa “é oriunda de sua própria experiência de vida, pelo fato de terem sido violentados, em seus lares, na infância e adolescência” (Revista Quebrando o Silêncio, 2012, p.14).

Segundo essa linha de raciocínio, a autora deste artigo, que também é psicóloga e mestre em teologia, aponta vários fatores que pode levar um homem a se comportar agressivamente. Dentro os motivos estão:

Ser homem; ter presenciado violência conjugal quando criança; ter sofrido abuso na infância; pai ausente; consumo de bebidas alcoólicas e/ ou drogas; conflito conjugal; controle masculino da riqueza e da tomada de decisões na família; pobreza, desemprego; associação com amigos delinquentes; isolamento das mulheres e famílias; aceitação da violência como forma de resolução de conflitos; conceito de masculinidade ligado à dominação, honra ou agressão; papéis rígidos para ambos os sexos. (Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, v. 25, suplemento 1. Porto Alegre, abril de 2003 in Revista Quebrando o Silêncio, 2012, p.14).

Como demonstração dos comportamentos abusivos, no decorrer do texto, Novaes apresenta alguns relatos que revelam como agiam os homens agressores e suas vítimas, sendo elas crianças e/ou mulheres.

Em um desses relatos ela conta a história de Maria com quem conversou ao final de um dia de palestra. Nesta conversa, Maria expôs as violências físicas que recebia de seu marido. O caso desta mulher, segundo a autora, é um reflexo do que

ela viveu no seu lar quando ainda era solteira. Antes de casar, Maria era espancada pelo pai.

Eloína Novaes explica que

Mulheres violentadas na infância casam-se e geralmente voltam a enfrentar a mesma história com a qual conviviam na infância. Os modelos que procuram são geralmente os mesmos com os quais conviveram antes, ou seja, modelos negativos – homens que se parecem com seus pais. (Revista Quebrando o Silêncio, 2012, p.17).

Após ouvir os relatos de Maria e vê os hematomas deixado pelo marido em seu corpo, Eloína sugeriu que ela contasse aos seus familiares e que denunciasse o agressor na delegacia.

O segundo artigo sobre a temática violência doméstica (Violência é crime: atendimento acolhedor e humano ajuda a superar traumas) foge ao tema proposto pelo título. Embora afirmem que “existem algumas iniciativas bem-sucedidas para o combate à violência doméstica contra crianças e adolescente” (Revista Quebrando o Silêncio, 2012, p.27) não expõem maneiras práticas de como isso pode ser feito. Detém-se em pontuar os tipos de violência (violência física, fatal, sexual, negligência, etc).

Ressaltando os casos de violência a crianças e adolescentes, o texto da revista pontua que “famílias estáveis constituem o melhor refúgio contra a violência”. No entanto, em casos onde o “núcleo familiar se torna palco de situações extremamente dolorosas, é necessário que alguém quebre o silêncio, a fim de que se busque saída para o problema” (p.27).

O terceiro artigo “Proteção legal contra a violência”, escrito pela advogada Damaris Moura Kuo, ressalta as mudanças pelas quais a Constituição Federal de 1988 passou, salientando que a “Lei Brasileira avançou muito no combate a toda forma de tratamento desumano” especialmente ao grupo que ela ressalta ser o mais vulnerável, no caso, crianças, adolescentes, mulheres e idosos. Nesse sentido ela faz breves considerações sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, a Lei Maria da Penha e o Estatuto do Idoso.

2.7. AS PASSEATAS

Se o sermão pregado no sábado é o ponto alto da programação do dia ênfase pela manhã, a passeata o é pela tarde. No dia do Quebrando o Silêncio os membros das Igrejas de todo o distrito³⁶ se juntam em caminhada pelas ruas de um bairro estipulado previamente em reunião realizada pelas coordenadoras do Ministério da Mulher.

Interessante salientar que por ocasião do evento as ruas ganham um novo significado. Nas religiões de matriz africana, o local onde se realiza algumas cerimônias são sacralizadas pelo exercício da religião naquele momento como é o caso de uma cachoeira que em determinado momento é local de lazer e noutra ocasião é local de culto. Nesse sentido o texto de Lísias Negrão (1996) sobre a Umbanda contribuiu para pensar que os espaços são acionados de maneira diferente dentro de uma temporalidade.

No caso da caminhada do Quebrando o Silêncio, a rua passa a ser uma extensão da Igreja. É na rua, através da passeata, distribuição de panfletos, etc. que a instituição religiosa, traz à tona um problema social como o é a violência. Da Matta (1997), ressaltou em seu livro Carnavais, Malandros e Heróis que o ritual não está desconectado com a vida cotidiana, pelo contrário ele “coloca em close up as coisas do mundo social” (p.60). Em se tratando de eventos como este não é apenas a problemática que fica em evidência, a própria instituição religiosa também.

Inclusive, notei que a decisão para definir o local em que ocorre a passeata é um ponto de conflito evidente entre as igrejas que compõem um mesmo distrito, porque cada uma quer impactar a área em que está localizada.

Por essa razão algumas igrejas optam em realizar uma caminhada pela manhã, no bairro em que está localizada, e se juntar com as demais igrejas no período vespertino em um outro local, como no caso da igreja que acompanhei nos anos 2016-2017.

Em 2016, o ponto de concentração foi em frente a Unidade Básica de Saúde (UBS) do bairro. A coordenadora do MM da época havia pedido que todos os que fossem participar, a pé ou em seus carros, se encontrassem no ponto às 7:00 da manhã. No entanto, quando eu cheguei ao local, um pouco depois do horário

³⁶ Distrito é o nome dado ao conjunto de igrejas sob a coordenação de um pastor.

estipulado, um número reduzido de pessoas, comparado a quantidade que frequenta aos cultos, se encontravam ali.

Saindo da UBS pela rua lateral até a outra avenida onde fazíamos o retorno pela rua de baixo até chegarmos na igreja, passamos por mais ou menos oito ruas. No trajeto houve buzinação intercalado com a fanfarra do Clube de Desbravadores³⁷, palavras de ordem como “Violência, não. Quebre o silêncio” e entrega de panfletos com números para denúncia.

Ao chegar a Igreja as pessoas que participaram da passeata, tomaram água e se juntaram as que se encontravam no salão aguardando o início do culto. Pela tarde a passeata aconteceu em outro bairro. Dessa vez o ponto de encontro foi na Igreja Adventista do Sétimo Dia e aglutinou pessoas das outras igrejas adventistas que compõem o distrito.

A passeata começou por volta das 15:30. Muitas mulheres uniformizadas com suas blusas rosas e saias pretas, crianças também uniformizadas com seus fardamentos de desbravadores ou aventureiros. Mas havia aqueles que optaram em vestir uma camisa com a logo do Projeto.

Todos os anos há uma movimentação dentro das igrejas com lista de nomes de quem vai querer a camisa. Como a cada ano o Quebrando o silêncio tem uma ênfase, a confecção desse material é como se fosse algo essencial de modo que muitos membros da igreja seguem essa propensão e adquirem anualmente a camisa correspondente a ênfase daquele ano.

Nesta passeata especificamente, caminhei por uns instantes com a esposa do pastor distrital, a quem chamarei de Bianca para lhe preservar a identidade. Falei a ela sobre meu projeto de pesquisa. Mostrou-se surpresa, mas não deu tanta atenção. Talvez porque como coordenadora distrital do Ministério da Mulher sua preocupação estava em fazer com que a passeata acontecesse sem transtornos.

Mas no pouco tempo que conversei com Bianca, perguntei-lhe se alguma mulher em situação de violência já havia lhe procurado em busca de ajuda. E sua resposta foi: “Que eu me lembre não. Nunca ninguém me procurou” (Diário de campo, agosto de 2016). A esposa do pastor reconhece que essa realidade existe dentro da igreja, no entanto quando eu a indaguei sobre o que ela acha quando as

³⁷ Clube de desbravadores é um departamento da igreja que trabalha com crianças e adolescentes entre 10 a 15 anos desenvolvendo atividades espirituais, sociais e físicas.

mulheres não denunciavam ela me respondeu: “Ahh, nesse caso ela gosta de apanhar”. E disse isso em um tom descontraído.

Essa ideia apresentada pela esposa do pastor se junta a muitas outras que ouvi durante a pesquisa em conversas informais. Homens e mulheres cristãs compartilharam da mesma opinião ao saberem sobre qual seria meu objeto de estudo. Inclusive, uma mulher se mostrou preocupada ao saber que o trabalho que eu desenvolveria poderia “manchar o nome da igreja” (termo utilizado por ela).

Quanto a resposta de Bianca, confesso que fiquei impactada sendo ela uma líder do Ministério da Mulher, responsável por passar informações as coordenadoras de cada igreja e organizar a programação da campanha do Quebrando o Silêncio no dia ênfase.

Na campanha de 2017 pude conversar com alguns outros membros da Igreja, incluindo mulheres e homens. Um desses homens ocupa um cargo importante na liderança da IASD local. Em nível hierárquico está abaixo do pastor, ocupando a função de ancião de igreja. O chamarei aqui de Daniel³⁸.

Muitas pessoas o procuram para pedir ajudar quando se sentem fracos espiritualmente, quando necessitam de ajuda financeira ou quando estão com problemas conjugais. Na ocasião, perguntei-lhe se alguém já o havia procurado por estar sofrendo violência doméstica:

Sim, a gente recebe e procuramos sempre conscientizar que tem que quebrar o silêncio... Não pode ficar calado. Tem que denunciar porque violência não faz parte da família e onde tem violência não tem amor³⁹. (Daniel, em conversa no dia ênfase, 2017).

Continuando a conversa com Daniel, retruquei: E alguma dessas pessoas que foram aconselhadas pelo senhor para denunciar, realmente denunciou?

- *Olha, das muitas que foram me procurar, infelizmente não denunciaram.*
- *A maioria era mulher? (Pesquisadora).*
- *A maioria era mulher. (Daniel)*
- *E depois o senhor foi conversar e descobriu o porquê? (Pesquisadora)*

³⁸ Os nomes que aparecem são codinomes, usados para não expor os partícipes da pesquisa.

³⁹ Citações em itálico correspondem a relatos de interlocutores.

- *Porque umas tem medo, outras são dependentes... Achem que num convive né, não vai manter a família se denunciar o esposo... então, existe muito...isso aí não é motivo porque a violência começa de um empurrão e vai se multiplicando até chegar a morte. Então, não pode ficar calado, tem que falar mesmo pra que der um basta nesse tipo de violência.* (Daniel)

Ainda nessa oportunidade indaguei sobre sua opinião acerca do projeto. Daniel me respondeu que considera *“maravilhoso... Um projeto... onde é um exemplo que deveria toda a sociedade seguir, né, porque violência não tem que existir no meio da família, no meio da sociedade”*. Então lhe perguntei sobre a Igreja. Ele titubeou e disse: *“No meio da igreja principalmente não deveria existir, mas infelizmente ainda existe e nós temos que dizer não a todo o tipo de violência”* (Daniel, em conversa na passeata Quebrando o Silêncio, 2017).

A opinião positiva de Daniel sobre o Projeto se assemelha aos dos outros homens com quem conversei neste dia. Adjetivaram o Quebrando o Silêncio como legal, formidável e importante.

Ao perguntar sobre a participação deles no Projeto, Daniel me respondeu:

Ainda é meio tímida, né... os homens tem que se conscientizar mais que não pode haver violência porque a maioria das violências parte dos homens, né, dentro dos nosso próprio lar, então, os homens tem que se envolver mais nessa campanha pra que realmente acabe, né, nós conseguirmos dá um basta nessa violência.

A opinião dele certamente destoa dos demais quanto ao engajamento. Percebe-se que ele não se inclui quando utiliza *“os homens tem que se conscientizar”*. De fato, Daniel, tendo em vista sua posição de importância na igreja, é colaborativo e é um dos poucos homens que eu vi participando de outras ações organizadas pelo Ministério da Mulher.

Ainda sobre a opinião que eles expressaram naquele dia, um outro homem disse que a participação dos homens é *“muito importante porque isso mostra a seriedade do projeto tanto pra conscientizar os homens que praticam esse tipo de ato, né. E nós como cristãos, é... nós mostramos nosso exemplo através disso”*. (Passeata Quebrando o Silêncio, 2017).

Com base nos relatos e nas observações, pode-se inferir que muitos desses homens são os agressores das mulheres que participam, ou seja, é conveniente a

postura deles em relação à temática trabalhada, ao passo que apenas aproveitam-se dessa participação para acobertar suas próprias ações. Chegam a levar suas mulheres a massificar a compreensão de seus papéis no seio da família, novamente reforçam a subjugação feminina e em vez de arrependem-se colocam-se como exemplos de cônjuge e de pais.

Nesse ponto erra não só o homem, no sentido geral, mas principalmente, erra a igreja, que se coloca omissa, corroborando para que violências desse mote continuem veladas. Por mais que algo venha à tona, algum caso em específico, os pastores/líderes movem-se para apaziguar as relações e os entendimentos sobre as situações em pauta, fazendo com que as pessoas agredidas, mulheres e filhos, creiam fervorosamente que trata-se da vontade de Deus e que há aprendizado nisso, ou seja, manipulam suas capacidades de discernir a violência social real.

Em relação a participação das mulheres, também foram coletados relatos durante essa atividade, conforme segue:

Ahh, isso é legal, né porque pelo menos eles estão ajudando, colaborando e dando força para as mulheres, né... porque não só as mulheres são agredidas...os homens também. (Mulher 1, em conversa na Passeata Quebrando o Silêncio, 2017).

Ahh, isso, mostra que não são todos os homens que violentam e estão aí ajudando as mulheres se fortalecerem, a criar coragem pra denunciar. (Mulher 2, em conversa na Passeata Quebrando o Silêncio, 2017).

É importante. Os homens são os que geralmente são os que mais é... fazem os tipos de abuso, né. Eles mostrando que são realmente tementes a Deus que realmente eles são contra, mostra pra sociedade como a igreja é contra a violência, que a gente quer realmente dá um basta nessa atitude, né, na sociedade no modo geral. (Mulher 3, em conversa na Passeata Quebrando o Silêncio, 2017).

De fato, a participação dos homens da igreja em que estive em 2017 foi expressiva. No discurso eles diziam apoiar a causa. Como as crianças e as mulheres eles distribuía os panfletos, ajudavam na distribuição de água e de certa forma faziam o papel dos agentes de trânsito, coordenando a passagem do grupo na travessia das ruas e avenidas, enquanto durou a caminhada naquela manhã de sábado.

Em contraposição à essa narrativa descritiva, o discurso dessas mulheres é igualmente apaziguador em relação à postura dos homens, tendem a minimizar os atos e impactos masculinos. Alegam que a participação dos homens já é de valia para o projeto, considerando a fala de uma delas que afirma que esse ato fortalecido pela presença masculina colabora para mostrar para a sociedade que a igreja, de fato, está agindo de forma proativa em relação aos casos de violência.

Combinado à isso, uma das partícipes afirma que a presença masculina reforça a ideia de respeito e apoio à causa feminina, nesse caso a violência conjugal contra a mulher. A esse pensamento, una-se a forte caracterização física neste ano e neste ato, em que as mulheres, de forma criativa, expuseram as marcas da violência, usando maquiagens e esparadrapos para melhor representar e compor a temática diante da comunidade adjacente à igreja. Isso tudo faz parecer para a sociedade as intenções da igreja, de ser uma instituição contra qualquer tipo de violência, mas, infelizmente, o ato em si, não leva à nenhuma ação concreta; haja vista, o silêncio dessas mulheres, pois até onde se sabe não há registros significativos junto à justiça da sociedade civil.



Figura 15: Caracterização de crianças e mulheres no Dia Ênfase, 2017.
Fonte: Pereira, Jonathan.

Na passeata de 2017 havia um contingente maior comparado ao ano antecessor. A vestimenta seguiu o padrão de anos anteriores: crianças, adolescentes e mulheres com suas respectivas fardas de desbravadores e aventureiros, como pode ser visto nas duas últimas fotos acima. Esse grupo de camisa azul são adolescentes e juvenis do Clube de Desbravadores.



Figura 11: Passeata Quebrando o Silêncio 2017.
Fonte: Pereira, Jonathan.

Depois de mais ou menos uma hora e meia de caminhada acessando mais ou menos cinco ruas sem contar com as avenidas, retornamos para frente da Igreja e todos foram se dispersando.

Pela tarde, a passeata aconteceu em outro lugar contando com membros das demais igrejas do distrito. Um fato interessante dessa tarde é que após a caminhada, os participantes se concentraram na IASD que fica nesse bairro para o encerramento das atividades desse dia. Isso por volta das 17h15m.

Neste local, houve momentos de louvor, oração inicial e uma mini palestra feita por um psicólogo. Após esse momento foi feita uma oração de encerramento e o Dia Ênfase estava oficialmente finalizado naquele ano.

CAPÍTULO 3 – REPRESENTAÇÕES DA VIOLÊNCIA

A modernização do mundo engendrou um cenário político mais heterogêneo nos anos 1960 e 1970. As ideias romanceadas da década de 1950 (MACHADO e MAGALHÃES, 1999) sobre as relações entre os indivíduos são ultrapassadas por novas concepções, sobretudo ao se pensar questões de desigualdade, de poder e de violência vigente nas relações entre homens e mulheres.

As discussões acerca da violência doméstica tornaram-se cada vez mais efervescentes a partir do engajamento das organizações e movimentos feministas. Não se tratava de um tema novo, mas passou a ser um tema relevante, especialmente para as mulheres, passando a ser também objeto de estudo no meio acadêmico.

Nesse sentido, Grossi (1994) ressalta que os artigos e teses que eram produzidos sobre feminismo e violência doméstica era entremeada pelo diálogo entre a militância e o contexto acadêmico em que as mulheres produtoras desse conhecimento estavam inseridas. O conteúdo desses trabalhos poderia ser sintetizado, nesse período a partir das seguintes declarações: “Homens violentos, mulheres vítimas” e “Homens poderosos e mulheres sem poder” (MACHADO e MAGALHÃES, pg. 174). Em suma, os primeiros trabalhos versavam sobre patriarcado, opressão e ressaltavam o binômio vítima e agressor.

O duplo pertencimento de que Grossi falou acabou sendo desfeito ao passo que o campo de estudo sobre gênero e/ou mulher foi sendo ampliado na segunda metade dos anos 80 do século passado, bem como o modo de pensar a violência apenas pelo binômio vítima e agressor, apesar dessa ideia ainda ser reproduzida.

Em 2014 quando comecei a pensar sobre mulheres e suas problemáticas e complexidades, especificamente a questão da violência doméstica, meu olhar estava voltado para a relação conjugal, onde eu definitivamente enquadrei as mulheres na categoria de vítimas.

Naquele momento ainda não tinha consciência da importância dos estudos sobre gênero para melhor compreensão da temática em estudo – a violência doméstica através do olhar das fiéis participantes do projeto “Quebrando o Silêncio”.

Nesse ponto faz-se mister lembrar que uma vez que a religião é denominada como sistema simbólico, e, portanto, cultural, ao discuti-la estamos abordando as

“transformações sociais, relações de poder, de classe, de gênero, de raça/etnia” (SOUZA, 2008, p.15). Pontos esses definidores para o entendimento da pesquisa, que enfoca as situações de violência em face ou em contraposição às diretrizes religiosas⁴⁰.

Entendo que falar sobre violência é desafiador. A violência, como muitos temas tabus, é um tema difícil de ser trabalhado. É relativamente nova sua abordagem, sendo engendrada ao passo que sociólogos da escola de Chicago passaram a estudar os problemas sociais urbanos dos Estados Unidos. Ainda mais complexo é abordar violência doméstica levando em consideração a imersão religiosa em que estas mulheres se encontram.

Inicialmente ao refletir sobre as práticas de violência, julgava necessário pontuá-las apenas enquanto estruturas dominantes, uma vez que eram incorporadas na sociedade. Nesse sentido o livro *A dominação masculina*, de Bourdieu (2010), permitiu que eu refletisse sobre como a estrutura dominante pode ser pensada por homens e mulheres cristãos e ao mesmo tempo pensar como esta estrutura poderia ser reproduzida através das diretrizes da Igreja. A estrutura existe, sim, e é vista nas histórias das mulheres que serão pontuadas mais adiante.

No entanto, aprofundando um pouco mais as pesquisas e leituras indicadas pelo meu orientador e outros professores com quem entrei em contato nos corredores da Universidade e durante disciplinas cursadas, fui direcionada a trabalhos que abordavam a temática da violência sob outra perspectiva tais como o de Filomena Gregori (1993) e Flávia Melo (2014), por exemplo.

Entendo também, que falar sobre mulheres não é um trabalho dos mais fáceis, posto que cada mulher parece ser um planeta autônomo com suas próprias regras. Não somos iguais. Mas em muitos aspectos somos semelhantes.

Um aspecto que nos aproxima umas das outras é o fato de compormos uma estatística que diz que doze mil mulheres são agredidas diariamente. São agressões verbais, psicológicas, patrimoniais, sexuais e físicas (conforme especificadas na Lei Maria da Penha) dirigidas a nós nos mais variados ambientes (trabalho, escola, rua,

⁴⁰ Ressalto que as discussões sobre gênero sob uma perspectiva religiosa, ficarão para um outro momento e não serão tratadas nesse capítulo, mas inegavelmente as leituras em torno dessa questão (Judith Butler, Alexandra Kolontai, Maria Amélia de Almeida Teles, Strathern, Joan Scott) trouxeram esclarecimentos importantes para o desenvolvimento da pesquisa e para o meu próprio entendimento enquanto mulher.

casa, igreja), por desconhecidos ou pessoas bem próximas a nós, independente do nosso grau de escolaridade, cor, religião, etc.

Outro aspecto semelhante é o silêncio que muitas mulheres expressam diante da violência doméstica, percebi através de muitas conversas, observações e entrevistas, que muitas delas sofreram algum tipo de agressão, porém, se comentam ou deixam passar pelas entrelinhas das conversas, não denunciam de nenhuma forma ou protelam por muito tempo e por muitos e muitos abusos. Quando decidem denunciar, elas seguem dois caminhos, sem ordem sequencial; ou buscam orientação psicológica e justiça, por meio de denúncias a órgãos oficiais, como às delegacias especializadas; ou, partilham com outras mulheres da igreja, através de grupos de oração e/ou aconselham-se com os líderes religiosos. Nessas conversas, costumeiramente a denúncia se torna a última opção. Mais vale orar, fazer jejum, lutar pelo casamento, na esperança de que a agressão acabe (VILHENA, 2010).

Nessa perspectiva percebe-se, então, aquilo que Durkheim (1996) expressa em “As formas elementares da vida religiosa”: a religião molda o cotidiano das pessoas bem como seu comportamento. Molda, quando é conveniente aos preceitos religiosos, mas não consegue mudanças reais de comportamento sócio-afetivo-ético, conforme a compreensão ética de Marilena Chauí, de que deixa de ser ético quando a agressão é humana.

O fato dessas mulheres protelarem a denúncia ou resolverem seus problemas particulares de outra maneira demonstra a preocupação delas em não expor a si mesma e a família, bem como a igreja. Segundo Vilhena (2010), denunciar pode ser “entendido como uma fraqueza ou falta de fé na provisão e promessa divina”.

Portanto, o conteúdo deste capítulo é voltado para abordar as representações que as quatro mulheres adventistas (Débora, Abigail, Marta e Abi⁴¹) têm sobre a violência. Para isso, suas narrativas e suas respostas no questionário sobre a temática serão consideradas, evidenciando, ainda, suas opiniões sobre o Projeto.

Para além disso, alguns temas se mostraram instigantes para pensar a relação entre religião e violência, a saber: a questão do silêncio, do sacrifício e da liminaridade vivenciada pelas mulheres entrevistadas.

⁴¹ Os nomes das interlocutoras são fictícios, foram escolhidos de acordo com alguma característica com as personagens bíblicas. Apesar das escolhas, há como garantir que não há como identificar/expor as participantes, até por serem de igrejas diferentes no contexto da cidade de Manaus.

3.1. MULHERES ADVENTISTAS E A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

No tocante a situação de violência, o primeiro ponto que se pode ressaltar diz respeito ao número de mulheres que responderam o questionário e afirmam já terem sido vítimas de violência doméstica.

No gráfico abaixo é possível verificar que o número de mulheres que afirmaram terem sido vítimas de violência doméstica e as que assinalaram não é quase o mesmo.

Em números, de cento e cinco questionários, quarenta e oito estavam assinalados com SIM enquanto cinquenta e seis assinalados com NÃO e apenas uma mulher deixou de assinalar. A diferença entre uma variável e outra é que oito mulheres a mais responderam NÃO.

Figura 17: Índice de violência e não violência doméstica



Fonte: Silva, Jucélya

No tocante aos casos de violência doméstica em situação de conjugabilidade os dados demonstram que das quarenta e oito mulheres, vinte e sete apontaram como agressor o cônjuge ou ex cônjuge⁴² e, em alguns casos, foram parentes consanguíneos, como o pai e a mãe.

⁴² Seis mulheres indicaram que as agressões partiram não só do esposo ou ex esposo, mas sinalizaram agressões por parte de outros familiares como filhos, irmãs/irmãos, pai.

A violência conjugal, que é objeto desse estudo, se constituiu em uma vertente de análise dentro do universo de violência doméstica. Isso porque quando surgiram as instituições de atendimento como SOS Mulher e a Delegacia Especializada os principais casos atendidos eram de mulheres nessa situação (GREGORI,1993; GROSSI, 1994), sendo o álcool e a recusa das mulheres em manter relações sexuais com seus parceiros alguns dos motivos para que houvesse a agressão.

A pesquisa realizada pelo Instituto Avon (2011) aponta que 43% dos entrevistados assinalam os problemas com bebida ou alcoolismo como um dos principais motivos para desencadear a violência. Para ser mais exata, essa questão ocupa o segundo motivo mais assinalado, ficando atrás apenas do ciúme.

Observando os trabalhos de algumas autoras, os motivos para a violência incluem

o ciúme, a bebida, a não aceitação da separação, a comida que estava ruim, o uso de drogas, o atraso para chegar em casa após o trabalho, problemas de ordem sexual, desemprego, existência de amante do marido, o sair arrumada para ir trabalhar (SAGIM 2003, p.39).

É claro que alguns motivos são notoriamente comuns a um universo maior de mulheres enquanto em outros casos, as causas podem ser mais específicas. É o exemplo das mulheres grávidas relatadas no trabalho de Porto (2002), onde a dúvida sobre a paternidade está entre as principais causas motivadoras da agressão entre os cônjuges/parceiros (p.130).

Em se tratando das razões descritas pelas mulheres adventistas, algumas recaem na premissa de que uma família desestruturada produz outras famílias com essa característica. “Minha mãe não tinha amor na família por isso ela não tinha estrutura para nos educar”, escreveu uma das mulheres.

Por tanto, como aponta Castro (2001, *apud* Oliveira *et al* 2010, p.265) as falas sobre o que é violência doméstica centram-se no entendimento da violência como elemento desencadeador da chamada cadeia de violência, isto é, reprodução da mesma.

No entanto, se por um lado o discurso sobre o que é violência para as mulheres adventistas se assemelha ao oficial – violência gera violência – apregoado

também pela mídia e pelos materiais distribuídos pelo Projeto Quebrando o Silêncio, é sabido que elas atribuem tais situações violentas a fatores de outra ordem também.

Uma das mulheres que diz ter sido vítima de violência doméstica por parte de seus pais e irmãos entende a violência nos seguintes termos: “Quando sou constrangida de alguma forma, quando sofro indução contra a minha vontade”. Ela atribui a motivação deste fenômeno como “*falta de cultura, falta de Deus na vida de meus pais e irmãos*”. De todos os questionários apenas desta mulher revela algum teor implicitamente religioso.

Aquela ideia recorrente nas igrejas pentecostais e neopentecostais de atribuir ao sobrenatural (é culpa do diabo) o que lhes acontece na vida, não é recorrente entre os adventistas de modo geral.

Todavia, a falta de Deus, descrita por ela, evoca então, sob o aspecto religioso, um caráter anômico. Sua família está desobedecendo as ordens de Deus quando praticam violência. No entanto, esta mulher, não chegou a prestar nenhuma queixa na delegacia porque a violência acontecia por parte de pessoas da família, então “sempre ficou tudo abafado”.

Uma outra mulher de trinta anos, a quem chamarei pelo nome fictício Daniela⁴³, e afirma ter sido agredida por seu ex companheiro, também, mas não prestou queixa na Delegacia Especializada. Preferiu relatar seu caso de violência doméstica a um amigo pois não queria “se expor nem envolver a família”.

Segundo Daniela, os principais motivos para que houvesse violência doméstica era a falta de “desejo de continuar o relacionamento” que já estava desgastado. Apesar de não especificar qual tipo de violência sofreu, no seu entender, violência é “quando alguém se sente agredido por outro seja de forma física, psicológica, emocional, entre outros”.

Um último ponto que gostaria de destacar é a questão da falta de comunicação/diálogo como desencadeadora da agressão e como sendo a própria agressão como aponta Grossi. Duas mulheres, do rol de mulheres casadas, evidenciaram em seus questionários tal realidade. Mirian Grossi (1994) em sua pesquisa realizada no SOS Mulheres de Porto Alegre revela que “as mulheres se

⁴³ O questionário de Daniela não seguiu entrevista, de modo que os dados são apenas do que ela respondeu.

queixavam também de outros tipos de violência como o silêncio e a falta de comunicação com os companheiros” (p.477).

Para além dos dados expostos acima, me detenho a seguir em quatro questionários para descrever as vivências e outras questões específicas sobre a violência conjugal de Abigail, Débora, Marta e Abi.

3.2. RELATOS DAS MULHERES ENTREVISTADAS

Neste tópico apresento os relatos das mulheres que foram entrevistadas. Apenas quero ressaltar que elas frequentam IASD's diferentes umas das outras. Segunda coisa, todas elas vivenciaram a violência doméstica em suas relações conjugais sendo que apenas Débora permanece casada com aquele que foi seu agressor, enquanto as outras mulheres divorciaram-se. Todas elas, com exceção de Abigail estão no segundo casamento. Ouso considerar que o fato de elas não estarem mais casadas com o agressor, a exceção de Débora, foi um fato motivador para que partilhassem de suas histórias, pois desta forma não exporiam seus cônjuges, também fiéis da igreja que frequentam/vam.

Feitas essas observações, quero ressaltar ainda, que os posicionamentos dessas quatro mulheres se assemelham em muitos aspectos, e para que não ficasse algo repetitivo, procurei evidenciar em cada caso uma questão.

Nos relatos abaixo, portanto, o leitor e leitora encontrarão relatos de várias formas de violência dentre elas, a física, verbal e psicológica.

Débora

Começando por Débora, quero explicar a razão dos nomes de cada mulher. Na história bíblica, relatada no livro de Juízes, ela é uma mulher de destaque posto que foi uma líder do povo de Israel em um momento em que se encontravam distantes de Deus. Assumiu um cargo de juíza, algo nada comum num período em que apenas os homens assumiam cargos de grande relevância. Algumas interpretações da história dessa mulher revelam que apesar dela ter sido juíza sua função principal foi a de alimentar a fé e a confiança em Deus, tanto é que um homem, chamado, “Baraque, e não Débora, que é mencionado entre os heróis da fé em Hebreus 11:32” (Mulheres da Bíblia, p. 8).

Ao chamar de Débora a primeira mulher cuja história será relatada a seguir, o faço pela posição de liderança que ela possuía, no tempo em que vivenciou a violência, e ainda possui. Ela se enquadra como uma líder importante na igreja em que frequenta. Em 2017, quando aconteceu nossa entrevista, ela era líder do Ministério da Mulher e atuava como líder dos adolescentes, mas já atuou em vários departamentos da IASD.

Esta mulher, de 38 anos, com dois filhos de um outro casamento, vivenciou várias cenas de violência com seu cônjuge, com quem ainda continua casada.

No desenvolvimento do texto entrei em contato com ela novamente para entender algumas questões, dentre elas o casamento. É interessante notar na sua fala que apesar dos sete anos de violência doméstica, Débora não pensava em separar-se do marido, exceto se a violência chegasse ao extremo. Perguntei a ela o que seria, então, o extremo e sua resposta foi:

O extremo pra mim... era no caso a violência mesmo consumada porque até então eram só uns empurrões e na verdade eu via que ele revidava porque eu ia pra cima, né, então ele me empurra e tudo. Mas assim, se ele me batesse, me socasse, me deixasse hematomas profundos e tirassem sangue de mim...esse tipo de coisa...eu digo assim... que eu jamais... não pensava em ficar casada passando por isso, entendeu? Enquanto não tivesse chegado a esse extremo eu me sentia muito acomodada. (Diário de campo, 2018).

No livro “Cenas e Queixas”, ao observar as relações de violência entre homens e mulheres, Gregori (1993) aponta que nos momentos de conflito acontece o que ela chama de jogo para ver quem vai ter a última palavra. Em outros termos, antes da agressão física ocorre uma espécie de ritual, onde o homem e a mulher, em situação de conjugabilidade, inicialmente se agridem verbalmente, fazem uma cena, onde há xingamentos mútuos. Até então, tanto homens quanto mulheres estão em parceria, mas no momento em que ocorre a agressão física, a mulher deixa de ser parceira e passa a ser vítima. Portanto, uma das grandes contribuições desta autora é sobre o olhar que devemos ter sobre esses conflitos, isto é, olhar para dentro das relações e entender os personagens e as cenas de que são protagonistas.

Quanto a Débora, é perceptível pelo seu relato que acontecia o ritual descrito por Gregori, apesar dela afirmar que o “extremo” nunca aconteceu. Era comum entre

eles os xingamentos acontecerem e não se limitavam ao ambiente da casa. Pelo contrário, em muitas ocasiões as agressões verbais ocorriam na frente de não familiares. Um dos desses episódios de xingamentos, ela conta que estavam assistindo a um filme, quando ela falou algo que ele não gostou. Então, ela se retirou para o quarto e ele foi atrás dela onde ele a ameaçou e cuspiu no seu rosto. Nesse momento ela começou a chorar e a reação dele foi pegar um lençol e jogar em cima dela.

Apesar de Débora afirmar que a relação que vivenciou com seu cônjuge não chegou ao *extremo*, ela demonstra ter consciência de que sua atitude não é correta:

O que não é correto (ela está se referindo a sua atitude permissiva) porque será que eu ia continuar casada... que Deus me livre esse homem subitamente me matasse, né. Não é legal. Então eu penso que eu fiquei um pouco fragilizada, desorientada. Talvez na minha cabeça tivesse aquela questão de realmente casamento pra sempre. (Diário de campo, 2018).

Desdobrando essa conversa pergunto a ela se a questão do casamento, a ideia que os cristãos têm sobre ele (de ser eterno), poderia ser um ponto diferenciador entre mulheres cristãs e não cristãs. Mas sua resposta limitou-se a reforçar a ideia que já havia expressando em outro momento. Para ela, o casamento “é o que Deus idealizou pra gente. Violência dentro de casa não é o que Deus sonhou pra nós. Temos que lutar, dentro das nossas limitações até onde podemos. Foi o que eu fiz”.

A luta de que Débora fala foi travada pela oração:

[...] eu lutava muito através da oração, como te falei. Eu orava muito pedindo de Deus. Em outra eu via falha em mim mesmo porque se eu tivesse aceitado certas atitudes dele, meu casamento não teria passado...eu não teria passado pela metade do desgaste que eu passei. (Diário de campo, 2018).

O posicionamento de Débora com relação ao casamento é compartilhado por outras mulheres cristãs. Afinal, o matrimônio é uma instituição divina. Diz-se: o que Deus uniu, não separa o homem. Mas elencado a isso, outro aspecto pode ser considerado: a questão do estigma já que Débora está no segundo casamento.

Se por um lado a Igreja Adventista em seu discurso enfatizava a manutenção do casamento, o qual só poderia ser desfeito se houvesse adultério, por outro, tem adotado um discurso moderno de que o casamento pode ser dissolvido em casos de violência doméstica, por exemplo.

No entanto, se sabe que na prática, até que a nova concepção seja totalmente aceitável ao ponto da estrutura do pensamento individual mudar, leva tempo. Então, ainda é comum se ouvir que o divórcio é um único modo aceitável para a dissolução do casamento.

No caso das outras três mulheres que terão suas histórias relatadas a seguir, o divórcio se constitui em uma forma de romper com a violência. No caso de Débora, como já foi dito, ela continua casada. Mas o registro de um boletim de ocorrência contra seu cônjuge, quando em uma das brigas ela ficou com um dos dedos das mãos machucado, foi importante para que a violência cessasse. Ela diz que ainda há brigas e algumas agressões verbais, mas não como antes.

Abigail

Abigail, na história bíblica, era casada com Nabal, um homem de índole ruim, ganancioso e alcoólatra. A nossa interlocutora também foi casada com um homem viciado em bebida e drogas.

O encontro com Abigail aconteceu em um shopping de Manaus. O contato com ela veio através da aplicação do questionário porque ela foi uma das mulheres que deixaram o número do celular. Então, ela achou melhor que fosse no shopping porque no dia da entrevista ela estava resolvendo assuntos particulares nas proximidades.

Por 27 anos ela tolerou as agressões verbais do marido. Além de a xingar com palavras de baixo calão o ex marido, a quem chamarei aqui de Nabal, também a ameaçou de morte algumas vezes. Mas sobre as agressões verbais ela disse: “A violência dele era muito verbal [...] de bater, ele nunca bateu não. Mas também porque eu nunca me fiz de boba, sabe? Se não...”. Abigail fala com tristeza que até hoje ela lembra que ele a chamava de vagabunda e ser chamada assim lhe “doía a alma” porque ele foi o único homem que ela conheceu.

O ex marido verbalizava constantemente que ia bater dela. As ameaças por parte dele sobre bater eram constantes, mas ela me disse o seguinte: “Quando ele falava assim (que iria bater nela), eu dizia pra ele que ia denunciar”. Em

contrapartida, ele dizia que a denúncia dela não adiantaria de nada: “mesmo que eu te mate, nem preso eu vou porque hoje em dia a justiça... a gente foge do flagrante, quem vai ficar sozinho é teus filhos”. Abigail diz que a fala do ex marido é reforçada pelos casos de impunidade, pela demora da aplicabilidade da justiça.

Essa relação deles sempre foi complicada desde antes dela se tornar adventista. Mas ao passar a frequentar a igreja, as cenas de violência ultrapassaram o ambiente doméstico. Certa vez, enquanto ela estava na igreja, ele começou a gritar do lado de fora, xingando-a de todas as formas até que um dia ela fez a primeira denúncia, no ano de 1999:

A delegada falou tanta coisa pra ele. Aí ele disse que só fazia aquilo porque estava bêbado. A delegada disse pra ele assim: “Então não beba. Porque se você não sabe beber não deve beber pra não fazer escândalo por aí. Você tem é que agradecer a Deus porque a sua esposa cria seus filhos no caminho certo. Aí, tá, passou... ela ofereceu psicólogo pra ele, mas ele não foi nenhuma vez. Aí disseram que iam ficar monitorando a nossa casa pra ver como ele ia me tratar. Passou um tempão bem, mais ou menos uns seis meses, parou de fazer escândalo. Aí depois voltou tudo de novo. (Entrevista, 12 de dezembro de 2017).

A segunda denúncia foi feita a partir da ligação de uma das filhas para a polícia. Ao chegarem, os policiais viram que o marido de Abigail estava fazendo o “maior escândalo” (como ela se refere às agressões verbais). Um dos policiais então pergunta a ela se ela quer denunciar e esclarece que na verdade ela nem precisaria mais denunciar porque eles próprios viram e ouviram o que o marido estava falando para ela e que Abigail só precisaria ir à delegacia para assinar o documento. “Aí eu fui”, diz Abigail, “ele ainda continuou preso por uma noite, aí de manhã os irmãos dele foram lá e pagaram a fiança. Aí ele ficou implorando pra voltar pra casa”.

Essa segunda denúncia aconteceu em 2009, dez anos depois da primeira. Neste mesmo ano ela deu entrada no divórcio e neste mesmo ano, em setembro de 2009 saiu o divórcio. No dia da averbação do divórcio: “Ele estava bom (não estava sob efeito de álcool), ele assinou. O juiz perguntou dele... “É, ela não quer mais tá casada comigo” (resposta do então, ex marido)”. “Nesse período era também traição. Ele arrumava amante. Era uma situação difícil, triste. *Eu não queria terminar o casamento, eu queria assim continuar* (grifo nosso). Minha vontade era que ele

parasse com a aquela vida. Daí ele não parou. Eu disse pra ele: Olha, ou tu para ou eu vou ter que me divorciar de você. Aí ele não queria sair de casa. Saiu nosso divórcio e ele disse que não ia sair de casa. Aí ele disse que só saia se eu desse a parte dele na casa. Como eu vou te dar uma parte da casa?”. Ele fez a seguinte proposta: “ Vamos fazer o seguinte. Eu saio da casa e tu me dá quinhentos reais por mês”. Segundo Abigail, ele queria a quantia de dez mil reais como a parte dele. Na época ela ganhava um salário mínimo mas concordou: “Tá bom. Vou dá um jeito, mas eu te dou esse dinheiro”.

Pela fala de Abigail o desejo dela era continuar casada. Nessa tentativa de manter o casamento ela propôs a Nabal que ele ficasse em casa enquanto ela trabalharia fora, pois ela acreditava que ele ficando em casa ficaria longe de bebidas e drogas:

Aí foi uma luta muito grande pra vê se ele parava... Conversava muito. A família dele conversava muito com ele pra vê se ele parava. Aí ele dizia que ia parar: “Tá eu vou parar”. No outro final de semana começava tudo de novo. Às vezes ele parava duas semanas. Aí ele voltava a trabalhar... Enquanto ele não recebia, tava tudo bem. Quando ele recebia... Aí voltava tudo de novo [...] Quando não tinha um centavo ele voltava. (Entrevista, 12 de dezembro de 2017).

Abigail tinha esperança que ele mudasse por isso protelava a denúncia. Além disso ela disse que sentia medo de denunciar porque o que a delegacia oferecia, a medida protetiva, não lhe dava segurança: “Como é que vai te defender um pedaço de papel? ”.

A fala de Abigail nesse sentido se refere a ineficiência da medida protetiva e se constitui em uma crítica aos dispositivos jurídicos da Lei, que por um lado lhe diz:

Toda mulher, independentemente de classe, raça, etnia, orientação sexual, renda, cultura, nível educacional, idade e religião, goza dos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sendo-lhe asseguradas as oportunidades e facilidades para viver sem violência, preservar sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social. (Lei Maria da Penha nº 11340/06).

Mas a coragem de sair dessa relação veio aos poucos. Ela conta que os materiais do Projeto Quebrando o Silêncio, especialmente os sermões, a ajudaram a decidir. Mas enquanto ela continuava casada, sua consciência vivia um dilema principalmente no Dia Ênfase, onde acontece a caminhada e a pregação de um sermão voltado para a temática daquele ano. Muitas vezes Abigail subia ao púlpito e pregava sobre a importância de denunciar os casos de violência, sendo que ela mesma se encontrava nessa situação. Para ela esse era um momento muito difícil:

Ai doía a minha alma quando eu ia falar [...]. Era terrível porque eu estava vivendo aquilo que a mensagem estava falando e eu não tinha coragem de denunciar. Quando eu tive coragem, foi tipo assim... Tu já carregou um peso bem grande e quando tu deixa o peso é um alívio, uma coisa boa?

Nesse processo de encorajamento até a denúncia, Abigail não desabafou o que acontecia com ela para outras pessoas da igreja. “Apenas, Deus, os meus filhos, minha família sabia o que acontecia comigo”, ela afirma. Mas em uma outra fala ela afirma que algumas irmãs da igreja também tinham conhecimento do seu caso. O fato é que após a denúncia e automaticamente o divórcio ela comunicou a liderança da igreja, sem explicitar o motivo por detrás do divórcio, que não poderia mais continuar como líder e teria que entregar os seus cargos. A liderança entrou em contato com o pastor o qual a procurou em seu trabalho:

Até achei estranho porque ele chegou comigo [...] e disse que eu não tinha que ter feito aquilo porque eu era uma mulher de frente da igreja, eu era exemplo e eu não tinha que ter feito aquilo...e se meu esposo melhorasse, parasse, de fazer o que ele fazia eu tinha que voltar com ele, casar novamente com ele. Eu fiquei muito triste porque primeiro ele não procurou saber o que realmente estava acontecendo na minha vida. Aí eu fui até meio grossa com ele e disse pra ele assim: se o senhor pegar meu ex marido e levar pra dentro da sua casa e o senhor passar com ele uma semana só, eu peço, só uma semana... Se o senhor suportar eu volto a casar com ele novamente porque o senhor não sabe o que eu passei... Então, não venha me falar o que o senhor não sabe.

Depois que ela falou isso ao pastor ele então perguntou dela o que de fato tinha acontecido. Ao relatar sua história ele a indagou o porque ela não contou isso para ele antes. Ela então respondeu que “já tinha falado com outros (pastores) que

tinham passado pelo meu distrito e não tinha resolvido, então, eu achava que a solução era eu mesma tomar a decisão”. Após entender o que Abigail passou, ela conta que o pastor entendeu e lhe deu razão.

No fim das contas, Abigail reconhece que a melhor coisa que fez foi denunciar:

Denunciar foi uma coisa boa. Porque ele ficou tipo assim ‘ahh ela tem coragem, ela não é covarde’. Porque antes, ele fazia tudo isso, ele achava que eu nunca ia deixar ele, que eu nunca ia denunciar ele, que ele podia fazer o que ele quisesse comigo que eu nunca ia denunciar ou deixá-lo. Era esse pensamento que ele tinha, entendeu? Devido eu ter sido negligente... “Não ele vai melhorar”, esse é o erro de muita mulher. Porque que muitas mulheres hoje estão morrendo? Porque elas acham que ele vai mudar. Eles não mudam. Só muda se deixar Deus mudar, se não... [...].

O relato de Abigail pode ser entendido dentre tantas outras coisas, como um exemplo de tomada de consciência. Pelo conhecimento que obteve através dos materiais do Projeto Quebrando o Silêncio, ela foi construindo um novo entendimento de sua realidade, entendendo sobretudo que a situação em que se encontrava não era a vontade de Deus, apesar de todo o ideal religioso sobre família e casamento.

Marta

Marta, irmã de Maria Madalena e Lázaro. No contexto bíblico, amiga próxima de Jesus e uma mulher muito ocupada com as atividades do dia-a-dia, como a nossa interlocutora. Sua vida demonstra fé, força e coragem.

A Marta que eu entrevistei, tem 41 anos, é mãe de dois filhos cujo pai era o seu agressor. Ela, assim como as outras duas mulheres anteriores, é muito envolvida com as atividades da igreja desde que se batizou em 1999. Antes de frequentar a Igreja Adventista ela frequentou algumas vezes a Assembleia de Deus.

Já foi líder do Ministério da Mulher, líder de jovens, mas sua maior atuação foi no Ministério da Criança, atuando tanto como professora quanto como coordenadora dos departamentos que abarcam as referidas áreas.

A relação com seu ex cônjuge foi marcada por muitas cenas de violência física, verbal e psicológica. Foram 10 anos vivendo essa relação, mas só denunciou

depois de 9 anos em que estavam juntos. Ao longo desse tempo era para sua família que ela relatava as agressões, especialmente para sua mãe e irmãs.

Para Marta o principal motivo da violência era a bebida. Quando ele estava bêbado, ele era “mais pra frente”, segundo ela. Mas mesmo sóbrio as violências aconteciam, principalmente as verbais.

No decorrer da nossa rápida conversa lhe perguntei o que a Igreja fazia para ajudar as vítimas de violência. “Não ajuda”, foi a resposta dela. E continuou:

Nunca vi ajudar. Porque quando foi no meu caso, eu fiquei muito chateada com os irmãos (da igreja), com os anciãos. Quando eu entrei na igreja em 99 eu já vivia com o Carlos desde 95 [...]. Aí eu peguei e falei (falou o que se passava em seu casamento). Aí os anciãos se reuniram lá e falaram: “Não, a senhora tem que ficar com seu marido porque é seu marido, assim, assim, assim...” (Caderno de campo, 2018).

Ela afirma que também relatou para o Ministério da Mulher o que estava se passando com ela, especialmente depois do nascimento do primeiro filho, quando Carlos passou a ameaçá-la de morte caso ela saísse de casa e levasse seu filho. “Como eu vou ficar, gente?”, ela indagava à liderança da igreja. Marta continuou no casamento por um tempo, apesar de ser “totalmente contra a opinião que eles tinham da gente ter que ficar (no casamento) ”.

A igreja que ela frequentava tinha mais ou menos 120 membros. No entanto, em uma das vezes que foi agredida, justamente por dizer que ia sair da residência que moravam, Carlos a prendeu na casa e a ameaçou de matá-la. Ela então ligou pra uma irmã da igreja a qual se prontificou em ir buscá-la.

Pergunto a ela como foi então, a reação da igreja quando decidiu dá um basta na situação, especificamente com relação ao divórcio: “Na verdade não influenciou em nada. Não teve (reação). Quando eu realmente resolvi o divórcio, que já foi em 2005, já tinha muito tempo depois da primeira vez que relatei pra igreja”.

O posicionamento de Marta demonstra uma outra faceta no que diz respeito ao enfrentamento da violência por parte das mulheres que buscam apoio em sua comunidade religiosa. Para além dos recursos religiosos de ordem subjetiva como o é a oração, que ressaltai no caso de Débora, a Igreja como constituição de irmandade fugiu do imaginário popular existente sobre a religião apontado por KROB (2014), onde ela “primeiramente, está associada com a paz, com o bem comum da

humanidade, com o amor, a proteção daqueles e daquelas menos favorecidas” (p.209)

Abi

Abi é uma daquelas mulheres da bíblia que normalmente ficam no anonimato porque não há tantas informações sobre ela. No entanto, sabe-se que ela era rainha, casada com o rei Acaz, um homem sem temor a Deus.

O encontro com Abi demorou para acontecer. Nosso primeiro contato foi através do whatsapp. Abigail me falou a respeito dela me contanto por alto como fora o seu casamento, então pedi que ela verificasse se Abi poderia fazer parte da pesquisa. Alguns dias após nossa conversa ela me mandou uma mensagem com o número para entrar em contato. Daí em diante algumas tentativas de encontro fracassadas em decorrência de assuntos do seu trabalho e porque uma das suas filhas ficou doente. Diante desse quadro eu propus ir à casa dela.

Ao chegar no bairro em que ela mora, sua filha mais velha me buscou no ponto de ônibus e me conduziu até a residência. Ao chegar na residência, Abi estava com sua bebê mais nova em seu colo ao me receber, se dirigiu até o portão pois do lado de fora havia duas pessoas vendendo biscoitos, enquanto eu me dirigia para dentro da casa. Depois de adquirir os biscoitos, pediu para que sua filha mais velha e a do meio fossem para o quarto assistir televisão enquanto nós, e a bebê em seu colo, ficamos sentadas à mesa. Durante a conversa, tivemos algumas interrupções por parte das crianças, especialmente da mais velha que se mostrou curiosa com a minha visita e sabia que o assunto daquela conversa envolvia o seu pai. Por diversas vezes Abi a repreendeu de maneira delicada, sempre mandando-a de volta para o quarto.

Abi tem 33 anos, três filhas, sendo que as duas primeiras são do seu primeiro casamento com o homem que lhe agredia e a caçula é fruto do atual casamento.

Sua trajetória com a Igreja Adventista começou aos 12 anos quando ela decidiu se batizar e segundo ela o único momento em que se distanciou um pouco da igreja foi na ocasião de sua separação. Desde aí ela diz que não assumiu mais nenhum cargo na igreja, pois aparentemente lhe causou mágoa o fato das pessoas da igreja darem mais crédito ao ex marido do que a ela com relação a violência. Sua história de violência começou após seus seis meses de casada. De acordo com Abi, ela não fazia ideia de que ele era assim. Enquanto namoravam ela nunca percebeu

o seu lado violento. Para ela, Alexandre tinha dupla personalidade. No início da nossa conversa ela diz que acredita que ele é “ psicologicamente doente”. Ao relatar que não percebia o lado violento do homem com quem escolheu casar ela diz:

Eu era muito abestada, digamos assim, né, que a gente é tão inocente das coisas, acha que tudo é bom, né. Aí, sei lá, não entendo. Ele era muito de mentir. Ele já tinha vindo de um casamento... casamento não, ele já tinha vivido com uma pessoa, tinha dois filhos. Depois que fui saber mais coisas.

Abi, tinha 18 anos quando casou com Alexandre pela primeira vez e viveu com ele 8 anos até se divorciar. Depois dessa separação o então ex marido foi pra outro país para estudar Teologia. É partir desse momento que quero descrever a história de Abi, pois é quando ela casa novamente com ele sob a alegação de que ele havia mudado e de que era importante manter a família:

Ele passou seis meses fora, fazendo teologia, foi quando ele me procurou pra gente voltar, que ele tinha mudado. Muitos teologandos me ligaram, ele fez as pessoas que me ligarem, “não, ele tá um exemplo de pessoa”, ia pras montanhas fazer orações, fez 1 semestre de teologia, foi quando ele passou para medicina. Aí tudo bem. A mãe dele foi lá em casa, “ – Abi, o Alexandre tá bem, mudou, que ela, sempre, Deus o livre, apoiou muito ele em relação a medicina [...]. Até admiro ela um pouco em relação a isso, mas eu acho errado a outra parte que ela encobre muita coisa. Aí tá, foi quando ele levou as meninas, fez a cabeça das crianças, elas eram loucas por ele [...] aí não queriam mais voltar pra casa, levou pra passar um final de semana, fez a cabeça das meninas aqui em Manaus, aí as meninas choravam: “Mamãe, vamos com o papai, ele tá bem. Nós vamos estudar no colégio adventista lá”. Aí a gente casou de novo. Aí voltei (ela se refere ao fato de voltar com o marido). Fomos para lá, no outro país. Lá nós passamos um ano bem, que pra mim ele tinha mudado. Ia pra igreja com a gente, ia passear com a gente... “Poxa, o Alexandre mudou”. Eu não gostava mais dele como eu gostava. Eu disse pra ele: “Alexandre eu não gosto de você como antes, mas tu tá diferente...vamos seguir com nossa família”. Pra mim, eu zelava muito por isso. Pra mim era o sonho, família, Deus o livre. Mas aí menina, depois de um tempo não prestou mais. Aí ele começou de novo, a situação toda. Saía todo final de semana, e lá era bem pior, né, porque tava

num país diferente. Não sabia falar direito o idioma. Aí foi quando eu comecei a estudar espanhol pra mim me virar sozinha. Já estava seis meses lá... aí comecei a estudar, pra aprender, pra me virar. Andava nos lugares pra mim saber como voltar pro Brasil, fui vendo todas as coisas [...]. Eu não sabia ir no mercado. Eu vi que ele fez isso (Abi ficou alguns segundos pensando até completar seu pensamento)... tipo assim, “Eu indo pra lá (para o outro país) com a Abi eu posso fazer o que eu quiser”. E financeiramente a gente era bem. Então ele se confiava nisso (nesse momento ela reproduz com suas palavras o que ela imagina que ele pensava sobre a situação): Não, ela tá bem, a gente mora num lugar legal, tá tudo bacana”. Então ele achava que... ele ficou muito soberbo, ficou por cima de tudo... “Estou fazendo medicina, Abi” (ela ressalta isso como se ele repetisse essa frase com constância). E como eu tinha pouco estudo (ela estudou até o nono ano do ensino fundamental), começou a humilhação. Aí foi bem pior porque foi verbal, assim... querendo atingir o psicológico”.

Abi tem dificuldade de me contar os detalhes de como acontecia a violência. Insisti algumas vezes, mas sempre que ela começava a falar emendava alguma outra história relacionada muitas vezes ao comportamento do ex marido, sem concluir a história que havia começado. Mas os acontecimentos que vivenciei estando na Venezuela se tornaram decisivos para que ela tomasse uma decisão de não mais continuar com esse relacionamento.

Ela diz que foi a partir de um sermão que ela ouviu, no início de janeiro do ano em que estavam ali, que lhe encorajou a decisão. No sermão, ela me explica, que o pastor pregou sobre o que Deus quer, como tem que ser a vida. E em um determinado momento ele falou que “nós somos o templo do Espírito Santo e eu percebi que eu vivendo aquela vida eu estava maltratando o meu corpo, a minha vida...abriu minha mente com relação a isso [...]. Refletindo sobre o sermão ela dizia: “Senhor, tá errado. Eu preciso mudar, não posso viver assim, não”.

Eu decidi que não ia mais viver com ele. Não posso mais viver desse jeito porque ele chegava, assim de madrugada [...] dessa última vez, ele me disse: “Abi, eu sou capaz de pegar, te matar... eu tenho coragem de fazer isso. Tu sabe que eu tenho [...]. Te matar e deixar aí. Quem é que vai saber. Tu tem que fazer o que eu quero, aqui tu tem que fazer.

No sábado à noite, após o que ele disse pra ela, o Alexandre chegou da rua bêbado, como sempre, querendo ter relações sexuais. Ela percebeu que ele estava diferente. Sabia disso porque começou a ler e estudar por conta própria a mudança de comportamento que alguém pode ter se usar drogas, o que a pessoa é capaz de fazer sob o efeito de entorpecente, por exemplo. O medo a fez buscar informação. Nessa mesma madrugada quando ele chegou em casa, querendo transar com ela, Abi recusou, e disse pra ele dormir no outro quarto. Foi então que ele insatisfeito com a resposta lhe deu um murro que quebrou o seu nariz.

Quebrou mulher, ficou minha cara deformada. Ficou toda inchada assim (ela faz gesto com as mãos dando ênfase ao modo como o rosto ficara depois da agressão). As meninas começaram a chorar, que era sangue pra todo lado. Quando o ex marido viu que ela estava sangrando muito, por ser enfermeiro, posicionou seu rosto, e começou a fazer os curativos. Essa iniciativa era pra evitar que ela fosse ao hospital ou que alguém a visse daquela forma e partir disso gerasse questionamentos. Ela ainda chegou a falar pra ele que precisava ir ao hospital e ele retrucava: Não. Como é que tu vai ao hospital? O que vão perguntar? O que tu vai dizer?

No domingo, dia seguinte ao ocorrido, uma irmã da igreja em que eles estavam frequentando e que era muito amiga da família, foi a casa deles. Mas Alexandre não permitiu a entrada: “Ele disse que tava dormindo e que as meninas estavam descansando. Inventou uma história lá na porta”.

Eu perguntei a ela quais os motivos que ele dava pra ela apanhar. Então ela começou a me falar sobre o entendimento dele sobre a bíblia:

Ele botava muito a Igreja, né. A mulher tem que ser submissa ao marido. A submissão dele era... achava que a mulher tinha que ser o tapete e pisar em cima (ela dá um riso). A bíblia fala... Ele (se referindo ao Alexandre) usa a Bíblia pra te condenar nas coisas, entendeu? O cristão tem que ser assim, assim, assim... Uma mulher cristã tem que ser assim, virtuosa.

Eu então a indaguei: Ele dizia como você deveria ser? Sua resposta foi:
Ele dizia. E ele sendo totalmente o cão. O teu corpo desde o dia que tu casa ele não te pertence, pertence ao teu esposo... olha que loucura, que doideira.

Além de usar os textos bíblicos como justificativa para agredir a esposa, Alexandre também dizia ser dela a culpa por ele agir violentamente. No episódio do murro, ela parafraseando-o me disse: “O murro foi sua culpa porque você não quis ficar comigo. Você é minha esposa. Foi tua culpa Abi, porque se tu tivesse aceitado era pra gente tá bem”. E por muito tempo, Abi acreditava que ela era culpada pelas agressões que recebia do marido.

Eu tinha que fazer tudo o que ele queria, tudo do jeito dele. Por exemplo, o Alexandre era o tipo de pessoa, que tinha que andar sempre bem passadinho. As coisas tudo arrumado. Sapato brilhando. O Alexandre era abusador em tudo, até em relação a tirar o sapato do pé dele, ele queria que a gente tirasse. Até isso. Servir comida na mesa... tinha que servir tudo, fazer tudo. Então eu fazia tudo pra ele, pra não ter nada de errado [...]. O Alexandre nunca me ajudou a fazer nada. Quando ele me via que eu estava chateada, que ele viu que tinha coragem de sair (do relacionamento), ele fazia alguma coisa, inventava... E ele sabia fazer perfeito, as coisas.

Para exemplificar a situação ela me contou de uma vez que teve que ir a fronteira resolver umas questões dos vistos das crianças. Com medo de que ela não voltasse, ele ligava constantemente e na volta a recebeu com um jantar e com flores espalhadas na cama.

Alexandre fazia coisas para aparentar uma família feliz. Em um dos almoços que organizou (apenas no sentido de chamar os convidados porque a preparação das coisas ficava sob responsabilidade de Abi), chamando os irmãos da igreja e os colegas do curso de teologia, ele acabou tomando bebida alcoólica. Sobre esse dia ela me disse que “foi Deus que permitiu que ele fosse beber. Tu tá entendendo? Pra as pessoas verem que a situação tava complicada na minha vida ali, pra não ficarem me julgando, porque tinha gente que me julgava muito”.

Muitos dos que se encontravam nesse almoço eram os mesmos que lhe diziam ela tinha que orar mais. Diversas vezes ela ouvia: “Tem que orar mais. Isso é falta de oração”.

A essa altura da relação ela diz que não sentia mais medo do Alexandre: “Eu perdi o medo. Eu não tinha medo mais dele. Não tinha medo que ele me fizesse qualquer coisa comigo. Por isso eu fiquei com medo de eu fazer maldade com ele porque eu já estava assim no meu coração”. Nesse dia que ele fez isso ela o

indagou: Por que você faz isso? Você faz eu cozinhar pra esse um monte de gente, que muitos falam mal de mim [...] e você me fazendo de palhaça, vai beber, fazendo esse tipo de coisa. Pra que, isso? Aí ele veio querer falar “vai cozinhar, mulher”, aí eu fiquei com muita raiva, peguei dei um tapa nele, na frente de todo mundo. Aí todo mundo se meteu, né, que ficaram com medo dele querer vim me bater. Eu não tinha mais medo. Perdi o medo completamente”.

O único medo que Abi tinha era de um dia ter coragem de matar Alexandre porque isso já passava em sua cabeça. Mas quanto a esconder sua situação para as outras pessoas ela não escondia mais. Como a situação ficou exposta, ela recebeu conselhos de um casal amigo deles o qual lhe disse que a vida dela não estava boa.

Abi passou a planejar sua fuga. O dinheiro que a família dele mandava ela passou a administrar de maneira diferente. A cada mês ela retirava uma porcentagem do valor para trocar por bolívaes. Tendo alcançado a quantia necessária para a passagem dela e das filhas, Abi apenas comunicou a Alexandre que estava voltando para o Brasil.

Uma das questões que me chamou atenção no relato de Abi foi sobre a questão do corpo. O corpo, na narrativa bíblica cumpre várias funções. É nele que o sacrifício é feito, é ele quem recebe a benção da cura, “é no corpo que se demonstra a experiência religiosa” (BANDINI, 2004 *apud* RIGONI *et.al*, 2013).

Mais do que corpo físico, as Escrituras lhe conferem um sentido triplo: *corpus*, *anima* e *spiritus* (SCHIMITT, p.306) e cada religião, com seus costumes e crenças “marcam” os corpos dos fiéis fazendo com que seus gestos e comportamentos reflitam/demonstrem tais crenças e costumes (RIGONI *et al.*2013).

Mas no tocante ao caso de Abi e de certamente de outras mulheres, o *corpo pertence*. Não a ela própria, mas “os homens depois de casados têm direitos sobre o corpo da mulher” (WIGGERS, 2000, p.86).

No caso de Abi, o ex marido utiliza os textos bíblicos em um contexto que lhe pudesse favorecer, que serviam de baliza para que ele tivesse direito sobre o corpo dela vindo a afirmar que “o teu corpo desde o dia que tu casa ele não te pertence, pertence ao teu esposo”.

3.3. O QUEBRANDO O SILÊNCIO SOB O OLHAR DAS MULHERES

A notoriedade do dia Ênfase se dá pelo fato de se ver a participação mais ativa das mulheres na organização e realização das atividades deste dia. Para discutir essa participação das mulheres opto neste momento por um posicionamento distanciando de modo que as referências que farei com relação aos interlocutores serão na terceira pessoa.

Como ressaltai acima, o comprometimento das mulheres na preparação e realização do Quebrando o Silêncio é nítido. Quanto aos homens, eles executam atividades geralmente determinadas por elas. Todavia, o engajamento demonstrado em muitas funções não necessariamente pode ser entendido como sendo a demonstração de uma opinião positiva sobre o Projeto.

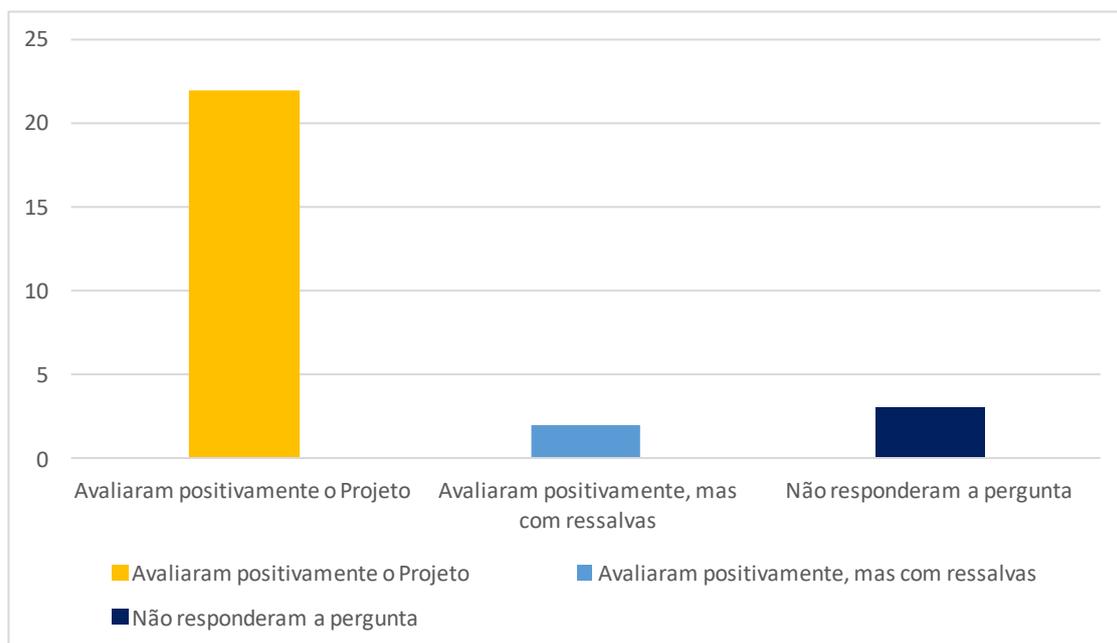
As opiniões sobre a eficácia do Projeto, neste período da pesquisa revelaram que há concordâncias e divergências, embora a maioria concorde que o Quebrando o Silêncio é uma boa iniciativa da organização religiosa.

O Quebrando o Silêncio passou a ser uma das atividades mais significativas desenvolvidas pela igreja. O Dia Ênfase do Projeto seria o ponto ritual da crença dos adventistas sobre como deve ser a conduta das pessoas, explicitada nos objetivos do projeto.

Se por um lado a eficácia simbólica da campanha, no sentido expresso por Lévi-Strauss (2003), foi estabelecida pela repetição e performance executada ano a ano, por outro, tem perdido sua força no tocante a crença. A crença de que o Projeto faz a diferença na vida das pessoas, como um meio para sair da situação de violência já não é unânime.

No gráfico abaixo estou considerando os 27 questionários referente as mulheres que sinalizaram terem sido vítimas de violência doméstica por parte de seus cônjuges e ex companheiros. Essas respostas podem ser verificadas em três perspectivas: 1. As que avaliaram positivamente o Projeto; 2. As que avaliaram positivamente, mas tem ressalvas sobre ele e 3. As que não responderam a pergunta proposta.

Figura 12: Avaliação das mulheres adventistas sobre o Projeto Quebrando o Silêncio



Fonte: Silva, Jucélya.

O gráfico demonstra expressivamente que a maioria das mulheres que responderam os questionários veem o Projeto positivamente. Concordam que ele está cumprindo seu papel. É comum elas usarem em suas respostas adjetivos qualificando-o como *importante, bom, ótimo, eficaz, maravilhoso, fundamental*.

Consideram o Quebrando o silêncio como uma boa iniciativa da igreja, sendo este um meio de poder *fazer a diferença*, como descreveu uma das mulheres. Outra mulher disse que o projeto *“ajuda a encorajar as pessoas a denunciar”*.

Convergindo nesta mesma opinião estão outras mulheres com as quais conversei de maneira informal na passeata de 2017. Uma delas disse que o *“Projeto quebrando o silencio veio para abrir a mente da pessoa”* e reiterou que *“hoje em dia nós sofremos violência se quisermos porque nós temos aonde pedir socorro”*. Uma segunda mulher considerou o Quebrando o Silêncio como *“algo valioso... em que as pessoas começam a entender que precisam se manifestar, quebrar o silêncio [...] é um projeto que deve seguir em frente”*. (Passeata Quebrando o Silêncio, 2017).

No entanto, a estas últimas afirmativas se contrapõe a opinião de algumas mulheres, apesar de não serem muitas. De acordo como os questionários aplicados, ao opinarem, cinco delas fizeram suas ressalvas sobre o mesmo. Uma delas, a quem chamo de Daniela, disse a respeito do Projeto: *“Honestamente não acredito*

que seja algo que mude uma situação de violência, já vi casos de pessoas que participam do projeto, mas não sente a necessidade de denunciar ou tomar qualquer atitude". (Aplicação de questionário em 21/04/2017).

Débora, por sua vez, afirma que o Projeto *"é muito bonito, mas a Igreja trata de maneira muito superficial. Só é lembrado na data. Os líderes estão muito aquém dessa situação"*. (Aplicação de questionário em 09/03/2017). Para ela o projeto só acontece de fato, no mês de agosto, quando ocorre a caminhada de conscientização. De acordo com ela, o envolvimento da própria liderança da igreja está "muito aquém" do problema.

De fato, o que pude constatar a partir da minha inserção em algumas igrejas, por fazer parte da mesma, é que a campanha só é evidenciada no mês de agosto e exclusivamente no Dia Ênfase.

Na campanha de 2017 não foi diferente. Reuniões e ações voltadas para o desenvolvimento da campanha a nível de igreja local foi visto com mais frequência no mês de agosto embora seja sabido que coordenadoras do Ministério da Mulher (MM) se reúnem com esposas de pastores e coordenadora geral do MM algum tempo antes da data em que ocorre a passeata. Essa mobilização sazonal culmina com a opinião de Débora sobre a superficialidade com que a igreja trata a questão da violência.

No entanto, Abi enxerga o Projeto de maneira mais positiva, afirmando inclusive, que os materiais utilizados na campanha lhe ajudaram a tomar consciência sobre o que estava passando. Ela diz: "lia as revistas e isso me dava força e alegria no coração".

Abigail considera o Projeto maravilhoso. No entanto ao responder como a igreja em que frequenta ajuda as vítimas de violência, ela limitou-se a dizer que a Igreja ajuda "dando palestras para ajudar as pessoas". Marta, em contrapartida, foi enfática ao dizer que a Igreja não ajuda.

3.4. A QUESTÃO DO SACRIFÍCIO

Sendo a ideia de sacrifício algo comum em várias religiões do mundo precisamos pontuar que ele não acontece da mesma forma apesar de apresentarem aspectos similares entre as religiões. Quando Mauss e Hubert (2017) tratam sobre esse assunto, eles buscam definir a natureza e a função social do sacrifício.

Em contrapartida, nosso propósito é refletir sobre alguns elementos constitutivos do sacrifício apresentados pelos referidos autores, tais como o sacrificante, a vítima oferecida, o lugar da oblação, os quais nos ajudaram a pensar a violência como ritual. Nessa perspectiva, a mulher seria ao mesmo tempo “vítima” e “sacrificante”. Um ponto importante nessa discussão apresentada por Mauss e Hubert é quando os mesmos relatam o fato de que indivíduos oferecem a si mesmos como oferenda, nesse caso, a mulher é ao mesmo tempo “vítima” e sacrificante.

Mas partindo dessa ideia, se considerarmos a mulher com o “elemento” do sacrifício quando esta é violentada então fica difícil entender a ideia de sacrifício como consagração por que como pode ser a mulher consagrada sofrendo violência? Da perspectiva da mulher isso pode parecer realmente absurdo. No entanto, se pensarmos a partir da visão masculina, a ideia de consagração inculcada através do sacrifício (a agressão a mulher) ao considerar que o que está sendo consagrado na verdade é a ideia de família perfeita e a indissolução da mesma.

Mas os autores evidenciam uma categoria a qual denominam de “sacrificante”. É “aquele que espera um retorno sobre si dos efeitos de seus atos” (p.113). Nesse sentido é compreensível que a mulher ocupe esse lugar pelo mesmo motivo que apresentamos acima: a manutenção da família. É claro, que outras conjecturas podem ser feitas com relação a esse aspecto, mas nos deteremos a questão que apresentamos acima, tendo em vista que a religião cristã considera a dissolução da família algo pouco aceitável.

Retornando a questão do sacrifício em si e dos elementos que o compõe, falemos agora do lugar em que eles são realizados. Quando a Bíblia apresenta os rituais que o povo hebreu realizava no Antigo Testamento percebemos que o local não era escolhido aleatoriamente mas tratava-se de um lugar específico, sempre determinado pela orientação divina “divinizado por sua presença”. Assim sendo, em muitos desses relatos os sacrifícios eram feitos no santuário, até porque, fora dele seria assassinato.

Nesse sentido, consideremos a casa como o lugar que fora sacralizado pela união religiosa como o lugar onde eventualmente ocorre o sacrifício. Pesquisas estatísticas apontam que é na casa em que mora a mulher onde a violência propriamente dita acontece, sendo executada na maioria das vezes pelo próprio cônjuge. Dessa perspectiva chegamos ao local onde ocorre o ritual.

Os episódios de sacrifício apresentados na Bíblia acontecem em razão do pecado cometido pelo povo, ensejando uma ideia de desordem. Nesse sentido é necessário restaurar a ordem através do sacrifício.

Mas, e com relação a mulher? Que mal ela terá cometido para ser agredida por seu cônjuge? Seja lá por qual motivo a mulher foi agredida, o que podemos conjecturar a respeito disso é que a violência pode estar associada a reconciliação da mulher com o próprio marido, se considerarmos que na percepção dele, ela tenha violado algum princípio que colocaria em risco a ordem matrimonial e familiar.

Portanto, a partir daqui só conseguiremos pensar sobre essa situação se levarmos em consideração as questões de gênero em razão dos papéis sociais determinados a cada sexo, evidenciando a condição subalterna em que as mulheres se encontram.

Em se tratando de subalternidade, que é um termo utilizado por Spivak (2010), podemos pensá-la a partir dos textos bíblicos. Dada a posição reguladora que as religiões possuem sobre a vida de seus fiéis e dada a interpretação que tais instituições fazem de determinados textos bíblicos, a posição da mulher é de inteira subalternidade.

De Gênesis a Apocalipse a Bíblia apresenta diversas passagens que fazem referência a mulher. No entanto, é no Novo Testamento que encontramos aquelas que mais tem sido alvo de questionamento devido ao seu possível teor machista, conforme podemos averiguar abaixo:

1. *1Coríntios 11:3 - Quero, porém, que entendam que o cabeça de todo homem é Cristo, e o cabeça da mulher é o homem, e o cabeça de Cristo é Deus.*

2. *Efésios 5:22-24 - Mulheres, sujeitem-se a seus maridos, como ao Senhor, pois o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, que é o seu corpo, do qual ele é o Salvador. Assim como a igreja está sujeita a Cristo, também as mulheres estejam em tudo sujeitas a seus maridos.*

3. *Colossenses 3:18 - Mulheres, sujeitem-se a seus maridos, como convém a quem está no Senhor.*

4. *Tito 2:5 - a serem prudentes e puras, a estarem ocupadas em casa, e a serem bondosas e sujeitas a seus próprios maridos, a fim de que a palavra de Deus não seja difamada.*

A maioria dos textos apresentados acima encontram-se nas cartas que Paulo escreveu. À priori podemos resumir as ideias gerais de tais textos nos seguintes termos: *o cabeça da mulher é o homem; a mulher foi criada por causa do homem e deve sujeitar-se a ele; manter-se em silêncio.* Tais ideias só evidenciam aquilo que já dissemos em outro momento neste ensaio: a figura feminina em contexto religioso está ainda em subalternidade. No entanto, já é possível ver, ainda que de modo tímido um discurso que coloca as mulheres em nível de igual com os homens, proferido tanto por pastores quanto pela membresia em geral. Tais discursos também são embasados em textos bíblicos como o descrito abaixo:

*1Pedro3:7 - Do mesmo modo vocês, **maridos, sejam sábios no convívio com suas mulheres e tratem-nas com honra, como parte mais frágil e co-herdeiras do dom da graça da vida, de forma que não sejam interrompidas as suas orações.***

3.5. LIMINARIDADE FEMININA

Quando se fala de sacrifício se está falando de ritual. E quando se fala de ritual é importante entendermos sobre a liminaridade. Esse é um outro aspecto que temos pensado com relação a violência doméstica às mulheres cristãs, conjecturando que é possível que elas assumam essa posição liminar recorrentemente. Para tratar dessa questão estamos considerando o trabalho de Turner (1974), especialmente o capítulo 3 em que trata sobre “Liminaridade e “communitas””.

A discussão suscitada por Turner diz respeito ao conceito de rito de passagem apresentado por Arnold van Gennep em seu trabalho intitulado “Ritos de passagem”, definindo liminaridade como mudança de “status”, como transição de uma posição do estado X para uma posição e estado Y.

A liminaridade é um aspecto que está presente especialmente nos rituais de passagem ou o que Turner denomina de passagens liminares. Ainda nesse contexto aparece a figura do liminar.

Nos ritos de passagem, três são as fases em que eles acontecem: 1. Separação; 2. Margem (ou limiar) e 3. Agregação. A primeira etapa se dá quando o indivíduo (ou grupo) é separado de um ponto fixo estruturado ou de um conjunto de condições culturais (estado).

Tendo isso em mente, passamos a conjecturar a posição das mulheres dessa fase e sua posterior saída da estrutura⁴⁴. Essa estrutura é formada pelas variações interpretativas dos textos bíblicos que apresentamos no tópico anterior, uma vez que tais textos podem estar reforçando a ideia de que elas devem preservar em nome da opção religiosa a estrutura familiar e as relações de submissão que lhe dão suporte.

Entendendo dessa forma, pensamos no seguinte aspecto: em que momento as mulheres saem dessa estrutura? Uma interpretação possível pode ter a ver não com a saída definitivamente da mulher da estrutura familiar e conjugal quando decide, por exemplo, pedir o divórcio ou denunciar seu marido. Contudo, o problema é como o marido entende o rompimento dessa estrutura. Afinal, um comportamento abusivo não é necessariamente acionado pelo o que o outro faz, mas pela interpretação que o abusador faz da conduta do outro.

A segunda fase é a que já falamos um pouco no início desse tópico: liminaridade. Mas queremos acrescentar que se trata de um momento em que o indivíduo adota características ambíguas. Os liminares são pessoas em passagem, isto é, pessoas que se encontram em um grau intermediário, não estão nem numa situação social, nem em outra; pessoas que buscam libertação dos controles estruturais e que podem ser consideradas perigosas quando o assunto é manter a estrutura. Esses indivíduos também denominados de “transitante”, se encontram em um estado onde possuem pouco ou nenhum atributo do estado anterior e do estado futuro.

Mais uma vez nosso posicionamento conjectural é de que a mulher possivelmente nem entenda que ela está em uma posição liminar. Quem entende essa liminaridade é o homem que não deseja que a estrutura se rompa e, portanto, se vale da violência para mantê-la.

⁴⁴ a estrutura que estamos considerando é aquela onde o homem é a cabeça, enquanto a mulher se encontra em posição subalterna com relação a ele.

O período intermediário pode durar muito ou pouco tempo em dois sentidos. Do ponto de vista da mulher há duas possibilidades, ela poderá continuar na estrutura para a manutenção da família, ou poderá adotar um novo estado que ameaça completamente a estrutura das relações conjugais, levando quem sabe a exposição do problema para o âmbito do público, ou seja, efetivando uma denúncia.

A última fase, denominada agregação (ou reagregação/reincorporação), acontece quando a passagem é consumada. É o momento em que o indivíduo ou grupo ritual volta a um estado relativamente estável novamente, onde espera-se que cumpram normas e padrões éticos.

Dada essa explicação podemos pensar como a mulher que passou pelo rito da violência se encontra. Uma possibilidade é romper a estrutura de submissão é reconstruir a sua vida, a partir de novas bases éticas, abrindo-se, inclusive, à uma nova relação. Outra possibilidade é sentir-se responsável pela crise da relação conjugal, pensando que de fato agiu de modo incorreto com relação ao marido e procura empenha-se ainda mais para satisfazê-lo. Nessa perspectiva, a estrutura se mantém através das diferentes formas de violência, simbólica e até mesmo física.

3.6. REFLEXÕES SOBRE O (S) SILÊNCIO (S)

O silêncio não necessariamente está relacionado a ausência de sons ou de palavras até porque segundo a linguista Orlandi (2007), as palavras são carregadas de silêncio. Diante disso, duas situações se mostram. A primeira é sobre o silêncio como opção de não querer reviver alguma situação, como aconteceu com uma das mulheres com que entrei em contato para marcar uma entrevista.

Em uma conversa informal, antes de eu começar a realizar essa pesquisa, ela relatou-me que por mais de uma vez havia sido violentada fisicamente pelo esposo chegando ao ponto, inclusive, de uma das últimas vezes, ele prendê-la ao chão enquanto ela tentava sair, numa luta descomunal de força exercida por ele. Esse foi o estopim para que ela procurasse ajuda de um líder espiritual. Segunda ela, após conversarem com o pastor, as agressões findaram.

Lembrando-me de sua história já estando cursando o mestrado. Entrei em contato com ela por mais de uma vez. Minha última tentativa foi uma mensagem no whatsapp a qual foi visualizada e nunca respondida. E desde lá nunca mais nos falamos sobre coisa alguma. Refletindo sobre isso, sou levada a crer que exagerei

em ter insistido tantas vezes, o que me faz compreender enquanto escrevo sobre isso, que quando ela dizia “vamos marcar”, ela queria dizer na verdade, que a conversa não aconteceria.

Essa situação leva a uma outra reflexão com respeito ao modo como tratar uma temática delicada como o é a violência doméstica, possuindo ainda um caráter privado reforçado pela máxima de que “em briga de marido e mulher não se mete a colher”. O silêncio é também uma resposta, como se entende pela reflexão feita por Bourdieu (1997) sobre o processo da entrevista.

A antropóloga Veena Das (1999), aponta que o modo mais seguro de captar sobre a violência, mesmo quando as pessoas emudecem é observar aquilo que é dito no dia-a-dia. Como pesquisadores, é preciso termos o cuidado de não sermos inconvenientes ao ponto de cometermos mais violência, ainda que seja simbólica. Por isso Veena Das se preocupou com as palavras ainda que elas expressassem dor ou pedidos de desculpas, pois no fim das contas tais palavras expressam “pequenas violências”; violências que são acumuladas no cotidiano as quais são mostradas, ainda que não seja de modo verbalizado.

Mas para Peirano (2014), “palavra não é o único meio de comunicação”. Os silêncios comunicam:

Da mesma maneira, os outros sentidos (olfato, visão, espaço, tato) têm implicações que é necessário avaliar e analisar. Dito de outra forma, é preciso colocar no texto – em palavras sequenciais, em frases que se seguem umas às outras, em parágrafos e capítulos – o que foi ação vivida. Este talvez seja um dos maiores desafios da etnografia – e não há receitas preestabelecidas de como fazê-lo (Peirano, 2014, p. 386)

O exercício necessário da prática etnográfica, é ir, portanto, além do olhar e ouvir treinados, explicitados por Cardoso de Oliveira (2006), e estar atento também aos sentidos, muitas vezes, não verbalizados pelo outro.

A experiência com a amiga que recusou participar da pesquisa, embora não de maneira explícita, serviu para eu entender que questões de proximidade e afinidade com as interlocutoras, nem sempre garante uma pesquisa. Falo “*nem sempre*” porque uma outra mulher com quem também já tinha alguma relação de afinidade foi bem acessível.

Na tentativa de iniciar diálogos com as mulheres da igreja que frequento eu fui me aproximando delas. Apesar de já nos conhecermos, as conversas não

ultrapassavam assuntos triviais e tantas outras vezes não passavam de “Oi, bom dia. Tudo bem, graças a Deus” e já iam saindo de cena, depois de eu cumprimentá-las com um bom dia. Essa foi a forma como entendi o silêncio, mas ele poderia aparecer sob a justificativa da falta de tempo ou sob o argumento “é melhor deixar o passado para atrás”, como aponta o antropólogo Cuellar (2005, p.41), em seu artigo “Las Texturas del Silencio”.

O silêncio também acontece durante as entrevistas. Orlandi (ibidem, p.67) esclarece que “o silêncio não se reduz à ausência de palavras”. Portanto, “as palavras são cheias, ou melhor, carregadas de silêncio”. Por detrás do que foi dito a mim em entrevista, certamente coisas não foram ditas e as coisas ditas ocultaram outras questões, afinal como pondera Orlandi *apud* Busser (1984) o silêncio é o que “há entre as palavras” (p.68).

Nessa perspectiva, finalizo por hora minha reflexão sobre os silêncios, trazendo a questão da performance trabalhada por Bauman (2014). No contexto brasileiro, nos anos 1960, a performance “ganhou um papel significativo inicialmente como princípio organizador conceitual na etnografia da fala”, passando a ser considerada como um termo alternativo para a prática do discurso.

Mas para Bauman e Joel Sherzer, citado por ele, a performance está relacionada com “interação entre recursos e competência individual, dentro do contexto de determinadas situações”. Portanto, as performances têm uma qualidade emergente, estruturada pelo exercício situado e criativo da competência (BAUMAN e SHERZER, 1989, p.7; *in* BAUMAN, 2014, p.731).

Bauman, citando Hymes, diz que a performance não é algo mecânico ou inferior, mas a considera como “algo criativo, realizado, conquistado e até transcendendo o curso dos acontecimentos corriqueiros” (p.732)

Em outro momento, abarcando a ideia de Jaffe, o autor considera a performance como “um ato de tomada de posição”. Performar-se é projetar-se ao público “assumindo responsabilidade por uma exposição de habilidade e eficácia comunicativas”. (p. 733).

Nesse sentido, trago como exemplo o caso de Abigail, umas das interlocutoras desta pesquisa. Ela passou alguns anos de sua vida em um relacionamento onde a agressão verbal era uma constante. Apesar disso, se envolveu com as atividades da igreja, vindo a ser líder do departamento denominado Ministério da Mulher e, portanto, coordenadora do Projeto Quebrando o Silêncio.

Sua performance está associada aos vários momentos em que ela discursava sobre a importância de denunciar o agressor. Mas tinha um dia em que o próprio discurso a incomodava. No Dia Ênfase, onde as igrejas se mobilizam em passeatas, palestras e sermões para a conscientização de quebrar o silêncio, Abigail era a pessoa responsável em realizar o sermão.

Era um dilema para ela. A cada vez que tinha que subir no púlpito lhe doía o coração, como ela expressa, ao dizer a quem passa pela violência sobre a importância de denunciar, sendo que ela não agia assim. No entanto, em contrapartida, ela diz que a cada vez que lia os sermões sua coragem ia aumentando até o dia em que ela não só denunciou como separou-se do marido.

Em termos práticos, a vivência de Abigail demonstra o que Orlandi expressou em seu livro: “Dizer e silenciar andam juntos” (p.53). Contudo, o desafio é saber o que eles significam em cada contexto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada trouxe vários pontos a serem desmistificados e desconstruídos, do ponto de vista pessoal e religioso. É sabido que a violência é um fenômeno socialmente intrínseco à várias instâncias da vida cotidiana. Contudo, o que pouco se sabia é como mulheres cristãs agem diante da violência doméstica, uma vez que a própria igreja oportuniza a participação dessas em projetos de partilha e engajamento social contra violências.

O projeto “Quebrando o Silêncio”, apesar do nome e os objetivos sugerirem a exposição de histórias de violência conjugal e de outras ordens, no intuito de dirimir esses problemas que se encontram nas famílias fiéis dessa igreja, o que, de fato, ocorre é a negação de situações reais em face de um projeto religioso que impacte a comunidade de entorno para a conversão de novos adeptos.

Considero, pois, que elas representam a violência da mesma forma como as outras mulheres que não são cristãs. O invólucro dos estudos sobre violência revela medo, culpa, silêncio, aspectos comuns à maioria das mulheres.

Revela, sobretudo, que o binômio vítima e agressor é ineficiente para estudar casos de violência doméstica, ainda que em relação as mulheres adventistas esse caráter vitimista possa ser evocado pelo próprio Projeto “Quebrando o Silêncio”, em que essa mulher é exposta, é o alvo do projeto. O foco não é o agressor, o homem sempre fica como um sujeito oculto na história.

Quanto as essas falas o que foi possível perceber é que o enfrentamento da violência por parte das mulheres cristãs é constituído por recursos religiosos (PAIVA, 2007). Esses recursos abordados por Paiva não se resumem apenas à oração, vão além, passam pelos vieses dos sacrifícios pessoais e/ou materiais.

Frequentemente as urgências pessoais ou situacionais são enfrentadas pelas pessoas ao menos em parte, com o recurso religioso de orações, promessas, peregrinações, exercícios ascéticos e ações rituais, conforme as várias religiões, inclusive cristãs. (PAIVA, 2007, p.101).

Esses recursos apontados por este autor, embora sejam acionados no contexto do enfrentamento de doenças físicas e mentais, fazem sentido em serem considerados com respeito a violência doméstica, pois de fato as pessoas se valem

de tais recursos na esperança de que a desordem, no sentido negativo que o conceito abarca (apesar de que em outros contextos a desordem possa ter um caráter positivo) seja superada.

A oração, portanto, é o principal recurso incorporado pelas mulheres com quem entrei em contato. A oração leva à fé e a fé lhes servia como ajuda. No entanto, o elemento fé tanto serviu para lhes dar força como para suportar os conflitos no lar em determinado período, enquanto ainda não tinham coragem para denunciar. Da mesma forma, lhes serviu como força motriz para sair da situação de violência. Isso é perceptível na fala de Abi: “eu em particular orava muito e Deus me deu força de me libertar”.

Se em determinado momento a oração de Abi se voltava para que houvesse transformação em seu ex companheiro, sua oração passa a ser por ela mesma, para que Deus lhe concedesse forças. Essa fé em Deus, segundo Abi, é o que as diferencia de mulheres não cristãs. No entanto, não é possível mensurar e/ou afirmar que mulheres não cristãs não tenham crenças.

A conclusão a que chegamos quanto a questão religiosa é que ela aparece principalmente quando os homens usam a Bíblia para validar a relação hierárquica entre homens e mulheres, culminando muitas vezes na agressão, ou ainda quando elas confiam na fé como primeiro mecanismo de superação da violência. Isso demonstra que as forças religiosas de que falava Durkheim, ao analisar as formas elementares da vida religiosa, são reais na vida cotidiana das pessoas.

Considerando, portanto, a religião como “uma coisa iminentemente social” (DURKHEIM, 1996, p.16) e considerando ainda, a prerrogativa de Goffman (2011) com relação a construção de atitudes que sejam coerentes, um segundo ponto sobre o qual podemos refletir é a manutenção das “fachadas”.

Goffman afirma que nas interações sociais a intenção dos indivíduos é sustentar um comportamento padrão. Se estamos falando de interação social não podemos negar que esta é uma realidade vivaz no âmbito religioso.

Uma atitude aceitável e reiterada dentro da lógica cristã é que as pessoas devem amar-se umas às outras. Para além de outras questões que poderíamos ponderar sobre esse “amar uns aos outros”, nos cabe aqui discutir sobre a atitude contrária vivenciada por mulheres. Em muitos lares evangélicos o “amar uns aos outros” não passa de um discurso onde este outro não é a mulher nem os filhos.

Assim, considerando a história hipotética que contamos na introdução desta dissertação podemos inferir que trata-se de um exemplo de caso de “fachada”.

Os homens adotam uma linha, um padrão de atos verbais e não-verbais para sustentar o que ele deseja aparentar: um lar feliz, livre de problemas de qualquer natureza, inclusive de atos violentos. É possível que as mulheres também reivindiquem determinada fachada, dada a conjuntura da situação, evocada pela linha adotada por elas.

O que se segue a essa questão é a manutenção da fachada. Nas palavras de Goffman a preservação da fachada se dá com o fim de “neutralizar “incidentes” – quer dizer, eventos cujas implicações simbólicas efetivas ameaçam a fachada” (p.22). Para preservar sua fachada, os indivíduos evitam contatos, encontros em que as ameaças a fachada sejam iminentes. Quando a pessoa arrisca um encontro, ela mantém-se longe dos assuntos “que seriam inconsistentes coma a linha que ela está mantendo”, sugerindo em determinados momentos, outros tópicos de discussão (p.23).

Podemos inferir que no âmbito religioso essa preservação da fachada pode ser percebida quando a família se exime de um contato mais pessoal ou quando os discursos centram-se em apontar características do que é uma boa mulher.

Dentro do âmbito religioso o papel do homem e o papel da mulher parecem estar delimitados e não necessariamente a mulher precisa desempenhar mal o seu papel, segundo a visão masculina, para os conflitos surgirem. Além disso, o que podemos perceber é que os atos violentos muitas vezes não chegam à luz do poder público, porque na maioria dos casos, as mulheres protelam a denúncia e assim o fazem porque acreditam na regeneração do cônjuge, de que ao orar, ele deixará de ser violento e que orando ela tem força também para continuar em tal situação.

Mas outra razão possível que podemos incluir sobre o ato de protelar a denúncia pode estar associado ao que se entende ser ou não ser violência. Uma vez que a linguagem está sendo usada, e sendo ela mesma um elemento de interação, permite que pessoas influenciem umas às outras. E se pessoas influenciam umas às outras e estamos pensando nessa influência em um contexto religioso, as palavras são revestidas de novos sentidos, as palavras são polissêmicas (BAKHTIN, 2006).

Assim, se o entendimento de uma mulher sobre violência está associado apenas a ter seu corpo completamente machucado, violência ao extremo, como relatou Débora em seu depoimento, por exemplo, então os tapas, agressões verbais

e psicológicas do dia-a-dia não lhe servirão de motivo suficiente para efetivar uma denúncia.

Agregando a este dilema da denúncia o aspecto religioso, considerando que as mulheres adventistas são ativas em diversas atividades da Igreja a qual frequentam, é conveniente citarmos o Projeto Quebrando o Silêncio.

Se por um lado, em suas diretrizes ele incentiva as mulheres sobre a importância de denunciarem seus agressores, por outro lado, quando a questão é dar apoio prático a quem denuncia, o projeto, personificado nas ações de seus agentes (os que promovem e participam das passeatas), emudece e não ultrapassa a esfera de ser uma atividade de apoio social à condição religiosa submissa da mulher. Pode até ser considerado um serviço de utilidade pública, se entendido como um elemento motivador de basta à violência.

O trabalho de Eva Scheliga (2010), embora trate do aspecto assistencial promovido pela Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), colabora para o entendimento de que o Projeto Quebrando o Silêncio contribui para a consolidação de uma identidade adventista. Afinal as igrejas, de um modo geral, querem ser conhecidas e reconhecidas, nos locais em que estão situadas, também pela relevância na sociedade, para além dos conhecimentos bíblicos que apregoam.

No entanto, considerando, pois, os anos de existência do Quebrando o Silêncio é possível afirmar que o que se espera dele é que seja mais do que um Projeto educativo como o é em sua proposta inicial. Precisa ser uma proposta de ouvidoria contínua e de apoio não somente espiritual, mas também psicológico, legal e até mesmo físico, ou seja, deve considerar a interlocução com órgãos competentes para garantir a vida salutar feminina no bojo da vida em sociedade, bem como a ressocialização do agressor. Isso sim seria um apoio cristão!

Chego a essa conclusão a partir da visão que tenho sobre ele e da fala das mulheres ao dizerem, com suas histórias e em alguns momentos de maneira mais clara, que ele é ineficiente. Não apenas o projeto em si, no tocante as suas diretrizes estabelecidas no contexto do seu surgimento, mas na maneira como seus objetivos e métodos são postos em prática.

Tendo em vista a dimensão que tomou a questão da violência contra mulheres na atual conjuntura da nossa sociedade, uma iniciativa que se limita a apenas abordar a questão de maneira espaçada (limitando-se ao mês de agosto), e

de modo superficial (distribuição de folhetos informativos), não contribui com efeito para quebrar o silêncio.

Para que o Projeto seja efetivamente relevante tanto para os membros da Igreja quanto para a sociedade é primordial que se configure como uma rede de apoio substancial para o combate efetivo da violência. Nesse sentido, um dos primeiros passos que a Igreja poderia adotar é trazer para dentro do seu rol de discussão a questão de gênero no esforço de desconstruir inicialmente, e paulatinamente, a ideia androcêntrica e outras ideias oriundas desse posicionamento que ainda moldam as relações em níveis hierárquicos, embasadas sobretudo pelos textos bíblicos os quais muitas vezes são usados para reforçar a violência.

A sugestão apontada no parágrafo anterior, embora pareça algo simples para alguém que convive em um contexto mais aberto para a discussões sobre gênero, sexualidade, etc, não o é para mim tendo em vista a minha trajetória de vida em contexto religioso explicitada nas páginas iniciais deste trabalho de modo que o “estranhamento” entre o “mundo do pesquisador” e os outros mundos, como coloca Gilberto Velho (1978,p.126 e 127), que no meu caso específico é o mundo religioso, resultou em vários embates pessoais, como se estivesse adentrando um mundo antes desconhecido. E de fato foi bem assim que me senti já que no processo de transformar o familiar em exótico precisei fazer algumas viagens xamânicas, como aponta Da Matta (1978) porque afinal, a “situação etnográfica não é realizada num vazio” (ibidem, p. 8). Há sentimentos envolvidos, emoções estão presentes no processo.

Portanto, o transcurso desta pesquisa foi para mim um período de desconstrução que não se limitou ao período do mestrado, mas que certamente se intensificou nele. Reconheço, porém que por não ter conseguido desvincular-me emocionalmente da minha prática religiosa, esta pesquisa possui lacunas as quais espero serem preenchidas no correr da formação acadêmica futura.

ANEXO

QUESTIONÁRIO

1. Dados pessoais e religiosos:

- 1.1. Você pertence a qual associação? () AAMAR () ACEAM
- 1.2. Qual sua idade? _____
- 1.3. Em qual bairro você reside atualmente? _____
- 1.4. Qual seu nível de escolaridade?
- | | |
|-----------------------------|-------------------------|
| () Fundamental incompleto | () Superior incompleto |
| () Fundamental completo | () Superior completo |
| () Ensino Médio incompleto | () Outro _____ |
| () Ensino Médio completo | |
- 1.5. Atualmente você está:
- | | |
|----------------------------|------------------|
| () Casada | () Viúva |
| () Solteira (nunca casou) | () Outro: _____ |
| () Separada | |
- 1.6. Você tem filhos? () SIM () NÃO. Quantos filhos têm? _____
- 1.7. Se você tem filhos, qual a idade dos seus filhos?
- _____
- 1.8. Atualmente você contribui financeiramente para o pagamento das despesas domésticas (alimentação, contas de luz, água, telefone, escola dos filhos, etc.)? () SIM () NÃO
- 1.9. Atualmente você trabalha em quê?
- _____
- 1.10. Qual a renda mensal da sua família?
- () Até 1 salário mínimo (R\$ 937,00)
- () De 1 a 2 salários mínimos (Acima de R\$ 937,00 até mais ou menos R\$ 1.874,00)
- () Mais de 2 salários mínimos (Acima de R\$ 1.874,00)
- 1.11. Há quanto tempo você é adventista do sétimo dia? _____
- 1.12. Você tem algum cargo na igreja? () SIM () NÃO. Qual? _____
- 1.13. O seu cônjuge é adventista? () SIM () NÃO
- 1.14. Ele tem algum cargo na igreja? () SIM () NÃO. Qual? _____
2. Dados sobre a violência:
- 2.1. Você já sofreu algum tipo de violência doméstica? () SIM () NÃO
- 2.2. Nos casos de violência doméstica que você sofreu, quem foi (ou foram) os agressores?
- () pai () mãe () irmãos/irmãs () esposo () filhos () outros _____
- 2.3. Atualmente você ainda sofre algum tipo de violência doméstica? () SIM () NÃO
- 2.4. Se sim, há quanto tempo sofre violência doméstica? _____
- 2.5. Quando você foi vítima de violência doméstica, contou para alguém? () SIM () NÃO. Se sim, pra quem você contou?
- _____

2.6. Se você foi vítima de violência doméstica, já registrou alguma ocorrência na Delegacia da Mulher? () SIM () NÃO

2.7. Se sua resposta foi NÃO, explique o porquê não registrou queixa na Delegacia:

2.8. Em sua opinião, quais foram os principais motivos para que houvesse violência doméstica?

2.9. Na igreja em que você frequenta você conhece outros casos de violência doméstica? () SIM () NÃO

2.10. Como a igreja em que você frequenta ajuda as vítimas de violência doméstica?

2.11. Qual sua opinião sobre o Projeto Quebrando o Silêncio?

2.12. Na sua opinião, O QUE É VIOLÊNCIA?

Obrigada por sua colaboração!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, José Eustáquio Diniz et al. Barros, Luiz Felipe Walter e Cavenagh, Suzana. A dinâmica das filiações religiosas no Brasil entre 2000 e 2010: diversificação e processo de mudança de hegemonia. <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/14570>.

BAKHTHIN, Mikhail. Tema e significação na língua. In: Marxismo de filosofia da linguagem. Hucitec, 12ª edição, 2006.

BAUMAN, Richard. Fundamentos da performance. Revista Sociedade e Estado - Volume 29 Número 3 Setembro/Dezembro 2014. Disponível em: << <http://www.scielo.br/pdf/se/v29n3/a04v29n3.pdf>>>. Acesso em: 03/07/2016.

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos. Trad. Sérgio Joaquim de Almeida. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007.

BECKER, Howard. A escola de Chicago. Mana, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, Oct. 1996. Disponível em <http://www.scielo.br/>

BOURDIEU, Pierre. Compreender. In: A miséria do Mundo. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1997.

_____, Pierre. Dominação masculina. Trad. de Maria Helena Kühner. 9ª Ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2010.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo. Brasília: Paralelo 15; São Paulo Editora UNESP, 2000.

CAVALCANTI, Francisco Abdoval da Silva. A conquista de uma cidade: conheça a história da capital mais evangelizada do Brasil. Tatuí, SP. Editora CPB, 2016.

CUELLAR, Alejandro Castillejo. Las Texturas del Silencio: Violencia, Memoria y los Limites del Quehacer Antropológico. EMPIRIA. Revista de Metodología de Ciencias Sociales. N.º 9, enero-junio, 2005, pp. 39-59.

DA MATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro, 6ª ed., Rocco, 1997.

DAMATTA, Roberto. 1978. "O ofício de etnólogo, ou como ter 'Antropological Blues'". In: E. de O. Nunes (org.), *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar.

DAS, Veena. Fronteiras, violência e o trabalho do tempo: alguns temas wittgensteinianos. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, v.14, n. 40, junho, 1999.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. Trad. Mônica Siqueira Leite de Barros, Zilda Zakia Pinto. São Paulo. Editora Perspectiva, 2014.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. Trad. de Paulo Neves. 1ª ed. São Paulo. Martins Fontes, 1996.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese em Ciências Humanas*. Tradução: Ana Falcão Bastos e Luís Leitão. 13ª ed. Editorial Presença, 1997.

FÓRUM DE SEGURANÇA PÚBLICA. Relatório de pesquisa. Visível e Invisível: a vitimização a mulheres no Brasil. Disponível em: <<<http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2017/03/relatorio-pesquisa-vs4.pdf>>>. Acesso em 27/07/2017

FOOTE WHITE, William (2005) [1943] *Sociedade de Esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. DOSSIÊ VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado. (2010). Disponível em: <<http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/pesquisas/pesquisa-mulheres-brasileiras-nos-espacos-publico-e-privado-fundacao-perseu-abramosesc-2010/>>. Acessado em: 28.11.2016.

GEERTZ, Clifford. *Obras e vidas: o antropólogo como autor*. Tradução: Vera Ribeiro, 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora URFJ, 2005.

_____, Clifford. *A religião como sistema cultural*. In: *A interpretação das culturas*. I.ed., IS.reimpr. - Rio de Janeiro : LTC, 2008.

GENNEP, Arnold van. *Os ritos de passagem: estudo sistemático de ritos de porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento e infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc*. Tradução de Mariano Ferreira. 3 ed. Petrópolis, Vozes, 2011.

GOFFMAN, Erving. *Sobre a preservação da fachada: uma análise dos elementos rituais na interação social (p.13-50)*. In: *Ritual de interação: ensaios sobre o*

comportamento face a face. Tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis – RJ. Ed. Vozes, 2011.

GREGORI, Filomena. Cenas e queixas: um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: ANPOCS, 1993.

GROSSI, Míriam Pillar. Novas / Velhas violências contra a mulher no Brasil. In: Revista Estudos Feministas, IFXS/ UFRJ - PPCIS/ UERJ, Rio de Janeiro, número especial/ 2º sem. 1994, pp 473-484.

INSTITUTO AVON/IPSOS. Percepções sobre a violência doméstica contra a mulher no Brasil. 2011. Disponível em: << <http://www.spm.gov.br/lei-maria-da-penha/lei-maria-da-penha/pesquisa-avon-2011.pdf> >>. Acesso em: 15/03/2016.

KETTLE, Loriza. Uma Igreja na selva: A história sobre pioneirismo da Igreja Adventista no Amazona. Campinas, SP : Millennium Editora, 2016.

KROB, Daniéli Busanello. A igreja e a violência doméstica contra as mulheres. Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 2014. Disponível em: << <http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/viewFile/221/197>>>. Acessado em: 28/07/2017.

LEI MARIA DA PENHA. Disponível em: <<https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm>>. Acessado em: 28.11.2016.

LEVI-STRAUS. A eficácia simbólica. In _____. Antropologia estrutural. v.1. 6ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

MACHADO, Lia Zanotta e MAGALHÃES, Maria Teresa Bossi. Violência conjugal: os espelhos e as marcas. In. SÚAREZ, Mireya e BANDEIRA, Lourdes (orgs). Violência, gênero e crime no Distrito Federal. Editora Universidade de Brasília, 1999.

MAGNANI, José Guilherme. Etnografia como prática e experiência, Horizontes Antropológicos, v.15, n.32, 2009, p.129-156.

MAUSS, Marcel e HUBERT, Henri. (2005). Sobre o sacrifício. Tradução Paulo Neves. São Paulo. Ubu Editora, 2017.

MALINOWSKI, Bronislaw. 1978. "Introdução: tema, método e objetivo desta pesquisa". In Os Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Abril Cultural. 17-34

MAXWELL, C. Mervyn. História do Adventismo. Trad. Azenildo G. Brito. Casa Publicadora Brasileira, 1982.

MELO, Flávia. Marcas de um crime invisível. Manaus-Am: Wega, 2014.

MERLEAU-PORTY, Maurice. De Mauss a Claude Lévi-Strauss. In: Signos. Tradução: Maria Emantina Galvão Gomes Pereria, 1ª ed. brasileira, 1991.

MINTZ, Sidney W. Comida e antropologia: uma breve revisão. Revista de Ciências Sociais, n.47, v.16, 2001. p.31-42. Disponível em: <<<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v16n47/7718>>>. Acesso em: 09/08/2018.

MONTES, Maria Lúcia. As Caixeiros do Divino: tradição e inovação na Metrópole

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Magia e Religião na Umbanda. *Revista da USP*, n. 31, São Paulo, set/out/nov, 1996.

NOSSA HERANÇA: história da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Para o Ministério Jovem. Tradução: Itamar Padrão de Siqueira. Tatuí – SP. Casa Publicadora Brasileira, 2004.

NÚÑEZ, Ángel Miguel. Amores que matam: o drama da violência contra a mulher. Trad. Dóris A. de Matos. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

OLIVEIRA FILHO, José Jeremias de. Formação histórica do movimento adventista. 2004. Disponível em: << <http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a12v1852.pdf>. >>. Acesso em 29/08/2017

OLIVEIRA, Adriana Leonidas; CHAMON, Edna Maria Oliveira Querido; MAURICIO, Aline Gomes Cazarim. Representação social da violência: estudo exploratório com estudantes de uma universidade do interior do estado de São Paulo. *Revista Educar*, Curitiba, n. 36, p. 261-274, 2010. Editora UFPR. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602010000100017&script=sci_abstract&tlng=pt >> Acesso em: 05/08/2018.

ORGANIZAÇÃO RELIGIOSA SURGE POR HORA. O Globo (on line). Disponível em: << <https://oglobo.globo.com/brasil/desde-2010-uma-nova-organizacao-religiosa-surge-por-hora-21114799> >>

ORLANDI, Eni Puccinelli. As formas do silêncio: no movimento dos sentidos. 6ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

PAIVA, Geraldo José de. Religião, enfrentamento e cura: perspectivas psicológicas. Disponível em: << <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v24n1/v24n1a11.pdf> >>. Acesso em: 23/07/2018.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. Revista Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014. Disponível em: << <http://www.scielo.br/pdf/ha/v20n42/15.pdf>>>. Acesso em: 04/03/2018.

PIMENTEL DANIEL, Jungla Maria; CRAVO, Veraluz Zicarelli. Valor social e cultural da alimentação. In: Olhares antropológicos sobre a alimentação. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz, 2005. Disponível em: << <http://books.scielo.org/id/v6rkd/pdf/canesqui-9788575413876-04.pdf> >>. Acesso em: 09/08/2018.

PORTO, Maria Rozeli. Gravidez e relações violentas: representações da violência doméstica no município de Lages – SC. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, 2002.

RIGONI, Ana Carolina Capellini; PRODÓCIMO, Elaine. Corpo e religião: marcas da educação evangélica no corpo feminino. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte* [online]. 2013, vol.35, n.1, pp.227-243. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010132892013000100017&script=sci_abstract&tlng=pt>>. Acesso em: 23/09/2017.

RONDINELLI, Paula. Alimentação e religião: um estudo antropológico no movimento alternativo. Revista Nures, Ano2, no.3, 2006, p. 01-08. Disponível em: << https://www.pucsp.br/nures/revista3/3_edicao_alimentacao_religiao.pdf>>. Acesso em: 09/08/2018.

SAGIM, Mírian Botelho. Estudos sobre relato de violência contra a mulher segundo denúncias registradas em delegacias especializadas na cidade de Goiânia – Goiás nos anos de 1999 e 2000. Dissertação de Mestrado. Ribeirão Preto – SP, 2003.

SCHELIGA, Eva. Educando sentidos, orientando uma práxis: etnografia das práticas assistenciais de evangélicos brasileiros. Tese de Doutorado, São Paulo, 2010.

SCHIMITT, Jean Claude. O corpo na cristandade. In: O corpo, os ritos, os sonhos, o tempo: ensaios de antropologia medieval. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SOUZA, Sandra. A relação entre religião e gênero como um desafio para a sociologia da religião. Revista Caminhos, Universidade Católica de Goiânia, v. 6, n. 1, p. 13-32, jan./jun. de 2008.

SPIVAK, Gayatri. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte. Editora UFMG, 2010.

TURNER, Vitor. O processo ritual. Tradução de Nancy Campi de Castro. Petrópolis, EDITORA VOZES LTDA.1974.

VELHO, Gilberto. 1978. "Observando o familiar". In: E. de O. Nunes (org.), *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar.

VILHENA, Cristina. Resultados de uma pesquisa: uma análise da violência doméstica entre mulheres evangélicas. Disponível em http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1280156603_ARQUIVO_ValeriaCristinaVilhena.pdf. Seminário Internacional Fazendo Gênero 9: Diáspora, Diversidade, Deslocamentos. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2010. Acesso em: 05/05/2016.

WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. Trad. Pietro Nasseti. 2ª ed. Coleção a Obra Prima de Cada Autor. São Paulo – SP. Editora Martin Claret, 2007.

WIGGERS, Raquel. "Violência contra mulher: o que mudou em dez anos". In *Anais Fazendo Gênero*, Florianópolis, 2008.

Sites consultados:

<http://unob.adventistas.org/>

<https://www.adventistas.org>

<http://aceam.adventistas.org>

<http://aamar.adventistas.org>

Materiais consultados sobre o projeto quebrando o silêncio:

➤ Sermões consultados:

- Carnassale, Vania Denise e, Peyerl, Marli. Violência Sexual contra a mulher. Livreto Sermonário Quebrando o Silêncio, 2017.
- Fernández, Juan Choque. Deus ouve, Deus vê. Livreto Sermonário Quebrando o Silêncio, 2009.

- Lemos, Felipe. Amigo virtual ou pessoal?. Livreto Sermonário Quebrando o Silêncio, 2013.
 - Oliver, Elaine e Olver, Willie. Liberdade nos relacionamentos. Livreto Sermonário Quebrando o Silêncio, 2015.
 - Santos, Sônia Rigoli. Erga a voz e defenda. Livreto Sermonário Quebrando o Silêncio, 2010
 - Rossi, Rafael. Os valores da família e o problema das drogas. Livreto Sermonário Quebrando o Silêncio, 2016
 - Wolff, Jaime. Se não tiver amor, nada serei. Livreto Sermonário Quebrando o Silêncio, 2011.
- Revistas Quebrando o Silêncio consultadas:
- NOVAES, Eloina. “Ele era um dos nossos...”. Revista Sinais dos Tempos. Ed. /Quebrando o Silêncio. Ano: 2012. pags. 36.
 - REDAÇÃO. Violência é crime. Revista Sinais dos Tempos. Ed. /Quebrando o Silêncio. Ano: 2012. pags. 36.
 - KUO, Damaris Moura. Proteção legal contra a violência. Revista Sinais dos Tempos. Ed. /Quebrando o Silêncio. Ano: 2012. pags. 36.
 - Exploração Sexual. Revista Sinais dos Tempos. Ed. /Quebrando o Silêncio. Ano: 2014. pags. 36.
 - Fora de perigo. Revista Nosso Amiguinho. Ano: 2014, pags 16.
 - Pornografia *A triste realidade por trás da ilusão*. Revista Sinais dos Tempos. Ed. /Quebrando o Silêncio. Ano: 2015. pags. 36.
 - Um gole que faz diferença. Revista Sinais dos Tempos. Ed. /Quebrando o Silêncio. Ano: 2016. pags. 36.
 - Para as drogas eu digo não. Revista Nosso Amiguinho. Ano: 2016, pags 16
 - Grito sufocado: o estupro fere e silencia milhares de crianças. Revista Sinais dos Tempos. Ed. /Quebrando o Silêncio. Ano: 2017. pags. 28.

LEITURAS COMPLEMENTARES:

BUTLER, Judith P. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. 8ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar; como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 11ª Ed. Rio de Janeiro. Record, 2009.

KOLONTAI, Alexandra. A nova mulher e a moral sexual. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

LARAIA, Roque. Ética e Antropologia: algumas questões. Série Antropologia (online) Brasília, 1994. Disponível em <http://vsites.unb.br/ics/dan/Serie157empdf.pdf>.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf. Acessado em: 20/04/2018.

STRATHERN, Marilyn. O gênero da Dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade Melanésia. Trad. André Vilallobos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

TELES, Maria Amélia de Almeida. O que é violência contra a mulher. São Paulo: Brasiliense, 2003.

TRAVASSOS, Claudio. Mulheres sujeitai-vos. Disponível em: << http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST7/Claudio_Travassos_Delicato_07.pdf >>
Acesso em: 14/08/2018.

THIOLLENT, Michel. Crítica Metodológica, investigação social e enquete operária. 5. ed. São Paulo: Polis, 1987 (parte I).